

Saber

UFAL

ANO 2 - NÚMERO 2 - SETEMBRO/2015



Como transformar sonhos em realidade

Ufal chega ao Sertão e dá oportunidade a jovens que antes não tinham perspectiva de entrar no seletivo mundo do ensino superior

Páginas 43 a 46



Entrevista

5 A visão de quem viu a Universidade nascer e dar frutos no interior alagoano

Gestão

10 Medidas impulsionam melhoria do ensino superior

Expansão

13 Ana Dayse relembra os primeiros momentos da expansão universitária

Agreste

15 Dez anos de mudanças na educação do interior

20 Mundo dos livros muda vidas no Sertão

21 Informatização auxilia comunicação interna

26 Água e educação fazem revolução na vida do sertanejo alagoano

30 Ações vão garantir inclusão social e educacional às pessoas com deficiência

Ambiente próspero

17 Um oásis que leva o saber científico ao semiárido

Universidade Aberta do Brasil

22 Educação a distância amplia alcance da interiorização

Aprender com diversão

24 Alunos encontram a fórmula certa para multiplicar conhecimento

Agronomia

28 Projeto pretende ajudar produtores de hortaliças

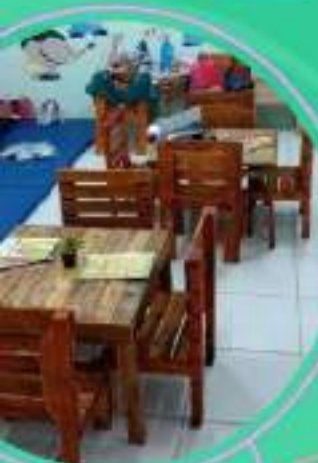
34 Em busca de resgatar a tradição sertaneja

36 Estudo sobre doença em caprinos é apresentado nos EUA

38 Argumentação oral é incentivada entre alunos

40 Hortas transformam escolas em laboratórios para boas práticas

49 Pesquisa e formação de qualidade no interior



Raízes culturais

32 Educação indígena, rural e quilombola em debate

Empreendedorismo

39 Projeto levanta bandeira da sustentabilidade

Capa

43 Ufal transforma sonhos em realidade

Superação

47 Pesquisadora inicia estudos aos 9 anos e hoje é mestre pela Ufal

51 De Arapiraca ao mestrado na federal da Paraíba

54 A história da 1ª engenheira formada no Campus do Sertão

56 A força da interiorização

58 Primeiro emprego com carteira assinada e a chance de mudar de vida

Intercâmbio

59 De Igaci para a Nasa

Trabalho prático

65 Empresa junior impulsiona formação de engenheiros no Sertão alagoano

Bolsas Luso-brasileiras

63 Primeiro lugar para intercâmbio em Portugal

Cinema

72 Uma cidade que se rende à sétima arte

61 Contagem regressiva para estudar no México e na Argentina

67 Tênis de mesa fortalece interação com comunidade

68 A música ao alcance de novas plateias

70 Penedo, berço de cultura e ritmo

Uma década da Ufal no interior



Mesmo enfrentando vários problemas de ordem política, administrativa e estrutural, a Universidade venceu as barreiras e comemora dez anos do projeto de interiorização. A Ufal abriu caminhos para promover a formação de jovens em cada canto do Estado, gerar novos empregos e desenvolver Alagoas por meio da educação, da ciência e da tecnologia.

A instituição está em Arapiraca, Palmeira dos Índios, Viçosa, Penedo, Delmiro Gouveia e Santana do

Ipanema e, para comemorar essa década de expansão, dedicamos esta edição especial da revista Saber Ufal para contar histórias de superação, de sonhos transformados em realidade, de determinação e de mudança de vida. Famílias que jamais imaginariam ter seus filhos numa universidade, agora têm a chance vê-los formados no ensino superior, com uma profissão, passando em concurso público, sendo absorvido no mercado de trabalho ou voltando para a academia como alunos de mestrado e doutorado, na instituição ou em outros estados.

A interiorização também está se internacionalizando. Prova disso é o exemplo de Flávio dos Santos, aluno do curso de Geografia do Campus do Sertão. Ele ficou em primeiro lugar na etapa final da seleção realizada pela Assessoria de Intercâmbio Internacional (ASI) para o Programa de Bolsas Luso-brasileiras do Santander e vai estudar em Portugal.

Estamos mostrando como está a Ufal no interior, mas o destaque mesmo são as histórias de vida de seus alunos e os projetos de pesquisa e de extensão que contribuem para evolução das regiões do Agreste e do Sertão. A reportagem de capa conta um pouco da história de Rosineide Gonçalves, aluna de Engenharia Civil, a primeira dos 14 filhos de seu José Ednaldo Gonçalves e de dona Maria Aparecida Gonçalves a entrar na Ufal. Depois dela, cinco de suas irmãs pegaram o mesmo caminho e, hoje, estudam no Campus do Sertão.

Foi emocionante conhecer as personagens das histórias contadas aqui e ver como a comunidade dos *campi* Arapiraca e do Sertão, seja servidor ou estudante, tem orgulho de fazer parte da Universidade, de contribuir para o crescimento da instituição e da região onde mora.

Veja o que descobrimos sobre esses dez anos. Boa leitura!

Simoneide Araújo

Coordenadora da Assessoria de Comunicação (Ascom/Ufal)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Vice-reitora

Rachel Rocha de Almeida Barros

Pró-reitor de Graduação

Amauri da Silva Barros

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação

Simoni Margareti Pientz Meneghetti

Pró-reitor de Extensão

Eduardo Sarmiento de Lyra

Pró-reitor Estudantil

Pedro Nelson Bonfim Gomes Ribeiro

Pró-reitor de Gestão Institucional

Valmir de Albuquerque Pedrosa

Pró-reitora de Gestão de Pessoas e do Trabalho

Sílvia Regina Cardoal

Chefe de Gabinete

Elias Barbosa

Campus Aristóteles Calazans Simões

Av. Lourival Melo Mota, s/n, Cidade Universitária
Maceió-AL - CEP: 57072-900

Campus Arapiraca

Av. Manoel Severino Barbosa, s/n, Bom Sucesso
Arapiraca-AL - CEP: 57309-005

Campus do Sertão

Rodovia AL 145, km 3, nº 3849, Cidade Universitária
Delmiro Gouveia-AL - CEP: 57480-000

Revista Saber Ufal

Uma publicação da Universidade Federal de Alagoas,
sob a responsabilidade da Coordenadoria
de Comunicação Social

www.ufal.edu.br



@ufaloficial

Edição

Simoneide Araújo

Produção

Myllena Diniz e Simoneide Araújo

Reportagens

Jornalistas: Diana Monteiro, Jhonathan Pino,
Lenilda Luna e Simoneide Araújo

Estudantes de jornalismo: Deniky Pereira, Myllena Diniz,
Natália Oliveira, Pedro Barros e Werde Evangelho

Revisão

Deniky Pereira e Simoneide Araújo

Fotografias

Jônatas Medeiros

Projeto gráfico, diagramação e artes

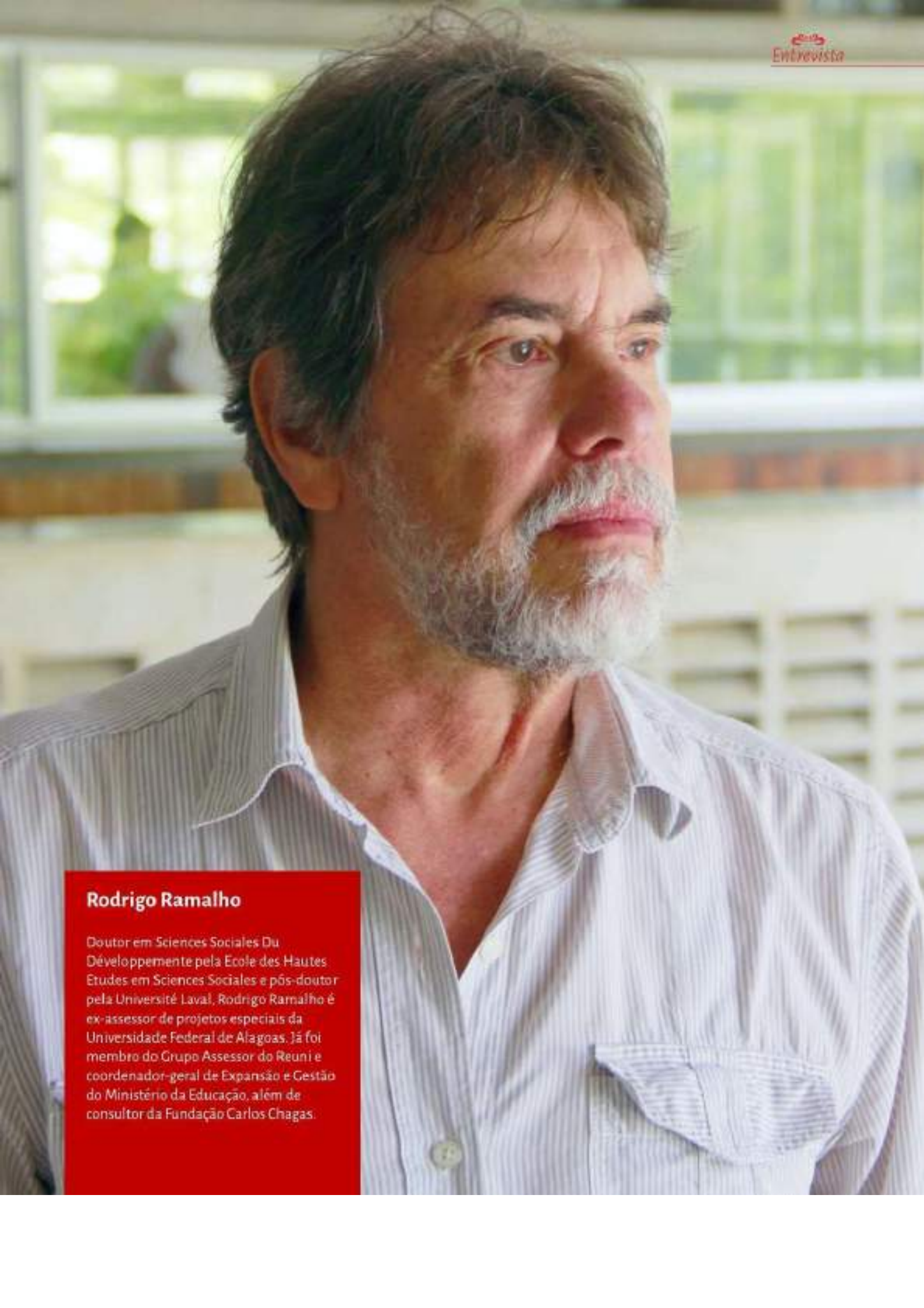
Alan Fagnere e Marcelo Meneses

Impressão

Hiper Graph

Tiragem

5 mil exemplares



Rodrigo Ramalho

Doutor em Ciências Sociais Du Développement pela Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales e pós-doutor pela Université Laval, Rodrigo Ramalho é ex-assessor de projetos especiais da Universidade Federal de Alagoas. Já foi membro do Grupo Assessor do Reuni e coordenador-geral de Expansão e Gestão do Ministério da Educação, além de consultor da Fundação Carlos Chagas.

A visão de quem viu a Ufal nascer e dar frutos no interior alagoano

Passados dez anos de interiorização, Ufal marca presença no Agreste e no Sertão de Alagoas

Por Myllena Diniz

Sonhador e pragmático, Rodrigo Ramalho é o grande nome do processo de interiorização da Universidade Federal de Alagoas. Arquiteto por formação, ele projetou um dos desafios mais ousados da instituição e liderou a equipe que levou o ensino superior para o Agreste e o Sertão de Alagoas. Assessor de projetos especiais da Ufal, Ramalho revelou, em entrevista exclusiva, os principais desafios da expansão da Universidade, os impactos desse processo e as perspectivas para os próximos anos.

Saber Ufal - A expansão da Ufal teve início em 2004, na gestão da reitora Ana Dayse. Qual foi o contexto para a interiorização da Universidade?

Rodrigo Ramalho – Em 2004, iniciou-se o processo de construção da interiorização. A reitora Ana Dayse criou a Coordenação de Projetos Especiais e a Comissão de Estudos Sobre a Interiorização, presidida por mim. Foi desse modo que iniciamos a expansão da Ufal. Cobia à Comissão, com representantes de todos os centros de ensino da época, verificar os documentos necessários para a expansão e discutir os projetos pedagógicos dos cursos. Isso resultou no projeto para a criação de três campi, apresentado ao ministro da Educação da época, Tarso Genro. Naquele momento, apenas o Campus Arapiraca foi contemplado.

Saber Ufal - A demanda pela interiorização era nacional ou uma meta da Ufal para colocar a Universidade nos quatro cantos do Estado?

Rodrigo Ramalho – Foi uma decisão política da Ufal, mas houve uma convergência de interesses que agrupou essa decisão. Entre 2003 e 2006, foi instituído no País um programa de expansão da educação superior brasileira, com o objetivo de tornar as universidades federais mais acessíveis aos jovens de 18 a 24 anos. Já no Plano Nacional da Educação, a meta era incluir, pelo menos, 30% dos jovens na taxa líquida idealizada para o ensino superior. No entanto, em 2006, ainda estávamos com apenas 13%. Esse programa tentava realizar essa transformação por meio da criação de dez universidades, mas não havia uma definição muito precisa sobre os critérios de escolha das instituições. Como não fazíamos parte dessa lista, reivindicamos – junto a outras universidades – e apresentamos nosso projeto, que também contou com o apoio político da bancada federal.

Saber Ufal – Qual foi o primeiro resultado dessa mobilização?

Rodrigo Ramalho – Até junho de 2005, percorremos um caminho longo para que esse projeto fosse aprovado. No

projeto inicial, já estava proposta a criação de três campi – Sertão, Arapiraca e Litoral Norte. A ramificação foi completa, mas a concessão não. Arapiraca foi o único campus aceito no primeiro momento e começou com 11 cursos em sua sede, mas nós conseguimos colocá-lo com abrangência para outras cidades do Agreste, onde estavam distribuídos mais cinco cursos.

Saber Ufal – Então, em que momento foi possível a expansão para o Sertão alagoano?

Rodrigo Ramalho – No segundo ciclo, quando o programa de expansão das universidades federais já estava com mais demandas, o governo federal instituiu o Reuni [Programa de Apoio a Planos de



Professor Rodrigo Ramalho relata os desafios para interiorização da Universidade

“Nós buscamos ocupar vazios universitários, atender à grande demanda de egressos do ensino médio do interior e ampliar o acesso à educação superior de setores menos favorecidos.”

Reestruturação e Expansão das Universidades Federais], em 2007. O objetivo era a expansão e a reestruturação das universidades, o que permitiu a participação da Ufal por meio do projeto de implantação do Campus do Sertão – englobando Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema, dois municípios muito importantes para o Estado. Na minha visão, existiram cinco ciclos de expansão das universidades brasileiras – interiorização, reestruturação, internacionalização, sub-regional e setorial – e a Ufal participou de três. Estivemos inseridos no primeiro ciclo, com a interiorização por meio do Campus Arapiraca; em seguida, participamos do processo de reestruturação, com a chegada do Campus do Sertão; e já nos preparamos para o setorial, com a criação do Campus Litoral Norte, em 2015, com sede em Porto Calvo.

Saber Ufal – Quais foram os principais objetivos da interiorização da Ufal?

Rodrigo Ramalho – Nós buscamos ocupar vazios universitários, atender à grande demanda de egressos do ensino médio do interior e ampliar o acesso à educação superior de setores menos favorecidos. Além disso, consideramos a necessidade de explorar o potencial transformador da instituição nessas regiões e de promover o diálogo dos saberes científicos, a partir das particularidades, dos valores e das problemáticas locais. Para isso, contamos com variáveis muito fortes, como a análise das sub-regiões alagoanas – Litoral, Zona da Mata, Agreste e Sertão. Dentro de cada uma delas, tivemos que analisar o perfil socioeconômico e as demandas específicas.

Saber Ufal – O que mais chamou a atenção nessa análise?

Rodrigo Ramalho – Observamos a existência de uma economia tradicional e o aparecimento dos arranjos

produtivos locais, que também foram elementos para a escolha dos municípios contemplados com os *campi*. Também analisamos as experiências da Ufal no interior, como o Programa Xingó, mas a variável mais importante era a demanda por ensino superior em Alagoas. Em 2004, 68,5% das matrículas do ensino médio estavam concentradas no interior. Em 2011, esse valor subiu para 70%. Só do ponto de vista quantitativo a gente já percebia a necessidade da interiorização; havia uma dívida com aquelas regiões. A formação de professores também era uma carência, já que, dados do Plano Estadual de Educação (2005) informavam que mais de 14 mil docentes estavam no mercado sem licença e mais de 28 mil atuavam fora de sua área de formação. Além disso, o Plano de Ação Articulada também apresentava a demanda de formação de 22 mil professores em Alagoas.

Saber Ufal – De que modo a gestão definiu os cursos adequados para as demandas de cada localidade?

Rodrigo Ramalho – Buscamos estimular a formação de cargos de interesse dos setores públicos e privados daquelas regiões e da sociedade de um modo geral. Então, encomendamos uma pesquisa de campo, por amostragem, conduzida pelo professor Paulo da Cruz, com três campanhas e três equipes de pesquisadores. Realizamos pesquisas espontâneas e indutivas em 14 dos 37 municípios circundantes de Arapiraca; nove dos 25 municípios do entorno de Piranhas, onde estava situada a sede da 11ª CRE, que engloba Delmiro Gouveia; e nove dos 15 municípios da região de Porto Calvo. Em Arapiraca, por exemplo, conseguimos atender ao resultado espontâneo quase por completo, já que entre as primeiras opções estavam Administração, Enfermagem, Ciência da Computação, Psicologia, Agronomia e Educação Física. O curso de Medicina estava no topo da lista e no segundo semestre letivo deste ano, terá início a primeira turma do Agreste. Direito foi a única graduação da demanda espontânea que não foi atendida, porque a região já contava com o curso na Universidade Estadual de Alagoas.

Saber Ufal – O modelo de expansão da Ufal é um dos pioneiros do Brasil e também é considerado referência. O que permitiu isso?

Rodrigo Ramalho – Em Arapiraca, temos uma estrutura acadêmica diferenciada, já que o *campus* é contemporâneo da Universidade Federal do ABC, considerada a grande referência nacional de ensino superior com formato que privilegia a flexibilidade, uma primeira formação geral e a interdisciplinaridade. No interior, a Ufal conseguiu fazer uma experimentação parcial daquilo que já está presente no cenário internacional. No final do século 20, a gente percebe as profundas transformações por meio da globalização, que não aconteceu como se previu, porque o mundo não ficou integrado, mas registrou acontecimentos importantes, sobretudo os avanços tecnológicos e a superação do espaço-tempo. Numa universidade, isso está presente na

“A Ufal fez muito com o pouco orçamento do Reuni e, vale ressaltar, que Arapiraca não é fruto do Reuni, ela foi feita quando rompemos o limite do programa de expansão das universidades e foi crescendo por alas.”

insuficiência dos modelos do século 19 e com uma crise do modelo da ciência clássica. O conhecimento se forma da racionalidade científica e das tradições culturais, trata-se do diálogo do saber.

Saber Ufal – A escolha de Delmiro e Arapiraca como sedes dos novos *campi* foi estratégica?

Rodrigo Ramalho – Essas cidades são polos de atração sub-regionais. Arapiraca se apresentava com quase um milhão de habitantes, contando com os municípios circunvizinhos e tinha mais de 50 mil matrículas no ensino médio. Nesse mesmo *campus*, também contamos com unidades em Palmeira dos Índios e Penedo, que são cidades importantes – com número significativo de habitantes e matriculados no ensino médio. No Sertão, Delmiro Gouveia também apresentava essa característica e ainda era um meio de integração entre as cidades do Complexo de Xingó.

Saber Ufal – Em algumas situações, o Reuni foi alvo de muita polêmica. Como o senhor avalia essa questão?

Rodrigo Ramalho – De abril a setembro de 2007, o MEC lançou um edital dizendo que estava aberta a inscrição para projetos, que deveriam ser apresentados em dezembro. A crítica de muitos era: "como a Ufal vai para o interior se tem problemas na sede, em Maceió?". No entanto, o Reuni foi um recurso carimbado, não dava para consertar nada daqui, teria que ser um projeto específico, enquadrado para o interior. A vantagem disso foi que não houve disputa, concorrência entre as universidades federais, já que 20% do orçamento histórico seriam encaminhados para o interior. A Ufal fez muito com o pouco orçamento do Reuni e, vale ressaltar, que Arapiraca não é fruto desse programa, ela foi feita quando rompemos o limite do projeto de expansão das universidades e foi crescendo por ali.



Rodrigo destaca que os municípios receberam a Ufal de braços abertos.

Saber Ufal - Em regiões periféricas, a complexidade da expansão parece ainda maior. Como o senhor avalia as principais dificuldades e as soluções encontradas para a interiorização da Ufal?

Rodrigo Ramalho – O prazo para as universidades entregarem os projetos do Reuni foi muito pequeno, então elas não tiveram tempo para pensar melhor o processo de interiorização e a sua infraestrutura. Foram promovidos, dentro do Reuni, oito seminários nacionais, com diferentes temas. Houve um esforço, no início, com a participação de reitores e pró-reitores, para discutir a interiorização. Também foram promovidas reuniões técnicas para a criação de soluções infraestruturais. Então, considero que uma das grandes dificuldades é ter a complementação dos orçamentos contratados e a capacidade técnica local de responder a isso. A gente vê limitações, inclusive, nas normas dos órgãos regulamentadores.


Saber Ufal - Nesses dez anos, quais são as principais mudanças do Estado de Alagoas após a chegada da Universidade ao interior?

Rodrigo Ramalho – A interiorização da Ufal representa um dos maiores projetos de estruturação do Estado, por meio da ocupação dos vazios universitários. Quanto mais periférico é o contexto, mais importante é a instituição universitária. Os municípios receberam a Ufal de braços abertos e a presença da Universidade lá mudou uma série de fatores, introduziu novas demandas e dinâmicas exercidas pelo comércio, pelos serviços e pela infraestrutura urbana. A cidade de Arapiraca, por exemplo, verticalizou-se com a chegada da Ufal. Hoje, a cidade está repleta de prédios e isso barateia a ocupação urbana. Também há criação de empregos diretos e indiretos; produção do conhecimento; novos comportamentos; facilidade de acesso ao ensino superior, principalmente para aqueles que não tinham condições de se deslocar até a capital para estudar. Quando a Ufal chega, com mais de quatro mil alunos matriculados e professores de diversas regiões, o impacto é muito grande.

Saber Ufal - Em 2004, o Conselho Estadual de Educação apontava uma carência de mais de 20 mil professores com formação adequada. Com a interiorização da Ufal, o que mudou nesse cenário?

Rodrigo Ramalho – Nos campi do interior, a Ufal oferece vários cursos de licenciatura, como Biologia, Educação Física, Matemática, Física e Química, que são carências em todo o Estado. Com isso, esperamos contribuir com a redução desse déficit. É a demanda pela Educação e todas as implicações que isso requer.

Saber Ufal – A previsão é de que a implantação do Campus Litoral Norte tenha início em 2015. Quais são as expectativas para esse projeto?

Rodrigo Ramalho – O Campus Litoral é a conclusão natural do projeto de interiorização da Ufal. A Universidade oferece 84 cursos, dos quais 31 são do interior. Os campi frutos da expansão oferecem quase 60% dos cursos da sede e 37% dos cursos da Ufal. A gente já tinha se instalado no Sertão e no Agreste, mas faltava chegar ao litoral. Porto Calvo é o município escolhido para sediar o novo campus, já que possui 15 municípios no seu entorno, tem abrangência direta com eles e conta com mais de 18 mil matrículas no ensino médio. A região também possui uma demanda de formação de professor avaliada em 70%, sofre, ainda, com a analfabetismo, superior a 35% e tem uma das piores médias de IDH [Índice de Desenvolvimento Humano] de Alagoas. Lá serão ofertados cursos de licenciatura em Física e Matemática e das Engenharias Civil, Mecânica e Elétrica. Ou seja, estaremos atendendo a uma demanda local da falta de professores e a uma nacional, referente à falta de engenheiros no Brasil. 

Medidas impulsionam melhoria do ensino superior

Meta é tornar a Ufal acessível e eficiente nos quatro cantos do Estado

Por Myllena Diniz

Para cada mesorregião do Estado de Alagoas, um *campus* universitário. Leste, Sertão, Agreste e litoral contemplados com ensino, pesquisa e extensão, por meio de uma política administrativa voltada para suas particularidades geográficas e socioeconômicas. No comando da Universidade Federal de Alagoas desde 2011, o reitor Eurico Lôbo e a vice-reitora Rachel Rocha celebram a consolidação do projeto de interiorização da Ufal, marcado pelos resultados positivos dos cursos nas avaliações do Ministério da Educação e o sucesso conquistado por alunos e professores, como vocês poderão conferir nas reportagens desta edição. Nesse clima de comemoração de dez anos, Eurico Lôbo apresenta os resultados obtidos no interior no último quadriênio.



Eurico Lôbo destaca empenho da gestão para melhorar a estrutura das unidades no interior

Panorama

Formação profissional qualificada e promoção da cidadania têm sido premissas da gestão da Universidade para os *campi* situados no Agreste e no Sertão. Segundo Eurico Lôbo, o investimento na estruturação das unidades interioranas conduz as duas regiões para uma nova realidade. “É um projeto de inclusão social, no qual muitos jovens – antes sem acesso à universidade pública federal – têm cursos referenciados nacionalmente bem próximos às suas casas, melhorando não só a vida da população, mas interferindo nas políticas públicas”, destacou.

Atualmente, a Ufal possui mais de 7.600 alunos matriculados nos *campi* do interior, sendo 64,4% em Arapiraca e 35,6% no Sertão, distribuídos em 31 cursos de

graduação. Desde 2011, a instituição realizou cerca de cinco mil ações de extensão e beneficiou mais de um milhão de pessoas – 30% dessas atividades foram realizadas no eixo interiorano.

Presídio de Arapiraca

A proximidade do Campus Arapiraca com o Presídio Luiz de Oliveira Souza já foi considerada um dos principais desafios enfrentados pela atual gestão. O clima de insegurança e as constantes reivindicações da comunidade acadêmica local chegaram ao fim após longo processo de negociação entre os dirigentes da Ufal e o governo de

Alagoas, com intermediação do Poder Judiciário estadual, que culminaram na desativação da unidade carcerária e na transferência dos reeducandos para o Presídio de Girau do Ponciano, em 2013.

"Foi um processo duradouro, que contou com a participação da comunidade acadêmica, da Universidade e dos demais poderes públicos, como Governo do Estado, a Prefeitura de Arapiraca e o Ministério Público. Com o desfecho dessas negociações, o espaço foi cedido para a Ufal, para que seja reformado e permita a criação de novas unidades", salientou o reitor.

Reestruturação física

Eurico Lôbo também aponta outros avanços obtidos pela instituição nos últimos anos, entre eles a reestruturação dos espaços físicos da Universidade. Em Arapiraca, a Ufal deu início a novas obras e retomou outras que estavam paralisadas.

"Concluímos o bloco das coordenações; estamos com o Restaurante Universitário praticamente pronto; demos início à construção de um prédio de laboratórios; implantamos o curso de Medicina, com oferta de 60 vagas no primeiro momento, mas com ampliação para 80 vagas nos próximos dois anos; e já iniciamos a obra do prédio da área de Saúde, que vai possibilitar um cenário promissor para a região", enfatizou o gestor.

Também há novidades para a Unidade de Ensino de Viçosa, que integra o Campus Arapiraca. Além do Restaurante Universitário, inaugurado no primeiro semestre deste ano, a comunidade está perto de dar início às atividades do Hospital Veterinário. "O espaço será um dos mais importantes da região Nordeste e levará para a comunidade acadêmica um aporte necessário de infraestrutura, para que as ações de ensino, pesquisa e extensão possam ser desenvolvidas", reforçou Eurico Lôbo.

No semiárido, a realidade não é diferente. A população local já conta com o prédio sede do Campus do Sertão, situado em Delmiro Gouveia, que tem um dos projetos arquitetônicos mais modernos da Universidade e com acessibilidade para cadeirantes. Já o bloco administrativo e de laboratórios, bem como o Restaurante Universitário, encontram-se em fase de conclusão. De acordo com o reitor, a Unidade de Ensino de Santana do Ipanema, que integra esse *campus*, também está em processo de construção.

Novo campus

A grande novidade para os próximos anos está localizada na região do Baixo São Francisco. Eurico Lôbo revela que a Unidade de Penedo mudará para a categoria de *campus*, devido à criação de três novos cursos. "Para o Ministério da Educação, as unidades do interior com, pelo menos, cinco cursos possuem configuração de *campus*. O intuito é que as graduações tenham a mesma orientação de formação, valorizando o aspecto regional e o desdobramento socioeconômico. Esse é o caso de Penedo, após a criação dos cursos de Sistema de Informação, Engenharia de Produção e Licenciatura em Biologia. Com isso, haverá um processo de descentralização orçamentária, financeira e de pessoal", explicou o reitor.

O mesmo deve acontecer com o Centro de Ciências Agrárias (Ceca), situado em Rio Largo, que lançou os cursos de Agroecologia, Engenharia Florestal e Engenharia de Energias Renováveis. Antes, a unidade já contava com as graduações em Agronomia e Zootecnia.

No entanto, o Campus Litoral Norte, que tinha implantação prevista para este ano, no município de Porto Calvo, é o único que tem seus projetos adiados. Segundo Eurico Lôbo, a causa é o cenário econômico brasileiro. "Já há um acordo com o governo federal, mas nesse momento de crise, no qual as questões financeiras estão sofrendo contenções, esse projeto será adiado um pouco mais, até que tenhamos mais clareza do cenário nacional", ponderou.

Mas, para o reitor, o saldo geral do que já foi feito é positivo. "A

interiorização passou por um momento de reestruturação física, mas, sobretudo, houve um investimento muito grande em pessoal. Hoje, entre os *campi* de Arapiraca e do Sertão temos cerca de 500 profissionais, a grande maioria com mestrado e doutorado", detalhou.

Formação de professores e engenheiros

De acordo com dados da Pró-reitoria de Graduação (Prograd), as licenciaturas e as engenharias lideram o ranking de alunos matriculados no interior. No projeto inicial do processo de interiorização, esses mesmos cursos foram indicados para o Agreste e o Sertão devido aos déficits de professores e engenheiros nessas regiões. Para a gestão da Ufal, os resultados corroboram com a meta da instituição. ▶

“As licenciaturas, em especial, têm um papel fundamental porque grande parte dos professores do Estado não possuem essa formação específica para as áreas afins. Portanto, a expansão que fizemos para o interior fomenta o ensino na região e contribui para que os indicadores alagoanos sejam revertidos”

"As licenciaturas, em especial, têm um papel fundamental porque grande parte dos professores do Estado não possuem essa formação específica para as áreas afins. Portanto, a expansão que fizemos para o interior fomenta o ensino na região e contribui para que os indicadores alagoanos sejam revertidos", avaliou Eurico.

No último mês de maio, o Campus do Sertão entregou à sociedade uma turma de graduados em quatro licenciaturas: Pedagogia, Letras, História e Geografia. São profissionais prontos para atuar para melhorar os índices da educação do município e da própria região como um todo. Foi a segunda colação de grau oficial daquela unidade, um momento de muita comemoração e homenagens.



Para Lôbo, interiorização é o maior projeto de desenvolvimento de Alagoas

Políticas estudantis

Com crescente investimento em assistência estudantil no interior, a Ufal aposta em políticas para a permanência do aluno e para o ingresso dos discentes no universo acadêmico. Desde 2011, já foram realizados mais de 80 projetos vinculados à Coordenação de Políticas Estudantis, distribuídos entre o Programa Vivência de Arte e o Programa de Ações Interdisciplinares (Painter).

"Nós temos um olhar muito especial para vários programas de acompanhamento, alimentação, locação, monitoria, iniciação científica e muitos outros de incentivo ao aluno. Hoje, nosso percentual de investimento em política estudantil no interior é bem acima do que é praticado em Maceió. Nós entendemos a realidade daquela região e dirigimos nossas ações para o aumento de bolsas", ressaltou Eurico Lôbo.

Pesquisa

Levantamento da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (Propep) aponta que, de 2007 a 2008, a Ufal contabilizava 28 bolsas do Programa Institucional de Bolsas

de Iniciação Científica (Pibic) nos campi do interior. Entre 2014 e 2015, o número saltou para 60. Atualmente, Agreste e Sertão também possuem nove grupos de pesquisa certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

"As bolsas do Pibic são alocadas a partir de uma qualificação do quadro de docentes. Praticamente dobramos a quantidade de bolsas, mas o número ainda é pequeno e nós temos uma política de ampliação. Isso traduz a valorização daqueles profissionais que são qualificados e merecem comandar um projeto", avaliou Eurico Lôbo.

No interior, também aumentam as expectativas para setores de Transferência de Tecnologia (TT) e Propriedade Intelectual (PI), após a implantação do projeto de consolidação e expansão do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT). O projeto promove eventos e cursos em Arapiraca, Penedo, Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema, todos com o propósito de fortalecer a gestão de PI e TT.

Internacionalização

Interiorizar o ensino superior não é o limite. Além de chegar até os jovens do interior de Alagoas, a Ufal busca levá-los às principais universidades do mundo e investe em políticas de internacionalização, por meio de convênios ou de programas do governo federal. "Desde 2011, já enviamos mais de 60 alunos do interior para intercâmbios no exterior, por meio do Ciência sem Fronteiras. É muito gratificante ver que esses alunos participam dos processos seletivos de forma isonômica em relação aos demais candidatos", analisou Eurico.

Além do Ciência sem Fronteiras, os alunos da Ufal no interior também se destacam em outros programas de intercâmbio internacional. É o caso de Flávio dos Santos, aluno de Geografia do Campus do Sertão, que ficou em primeiro lugar em uma das cinco vagas ofertadas pelo Programa de Intercâmbio do Santander e vai estudar em Portugal (Ler matéria na página 63).

Mais dez anos, muito mais

Questionado sobre as perspectivas para os próximos dez anos de interiorização da Ufal, Eurico Lôbo declara: "A interiorização leva educação de qualidade e desenvolvimento para o Estado de Alagoas, esse é o maior projeto desenvolvimentista da nossa terra".

O reitor também avalia sua passagem pela gestão da Universidade e destaca o papel da sua equipe para o fortalecimento da expansão. "Nosso legado é o reconhecimento da qualidade da interiorização. Estamos trabalhando na reestruturação e os indicadores são extremamente importantes, como as obras estruturantes que estão em curso e a criação de novas graduações. Também ressaltamos o aumento significativo do quadro de técnicos e professores", reforçou. ➤

Ana Dayse relembra primeiros momentos da interiorização

Ela assinou, há uma década, o termo de adesão ao projeto de levar a Ufal para o interior

Por Myllena Diniz

Sertaneja, médica e docente, Ana Dayse Dorea dedicou oito anos de sua vida àquele que considera um dos principais projetos para o desenvolvimento do Estado: a interiorização da Universidade Federal de Alagoas. Reitora da instituição, de 2003 a 2011, foi a maior liderança do processo de expansão universitária para o Sertão e o Agreste alagoanos. No período, enfrentou a descrença da comunidade acadêmica e os entraves de levar o ensino superior para o interior do Estado com os piores indicadores sociais do Brasil.

No seu novo ambiente de trabalho, a Secretária Municipal de Educação (Semed) de Maceió, Ana Dayse relembra a luta que travou para inserir a Ufal no processo de expansão das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) de todo o Brasil. "A maioria das universidades públicas já estava com esse processo de interiorização acontecendo e nós tínhamos a clareza de que a nossa Universidade também podia chegar ao interior", destacou.

Natural de Pão de Açúcar, Sertão alagoano, Ana Dayse também conhece as dificuldades de quem vive longe da capital. "Eu tive a oportunidade de estudar em Maceió, de me formar e usufruir de todas as oportunidades, mas muita gente não tem essa chance. Quando levantávamos o percentual de alunos vindos do interior, chegávamos a um total de apenas 10% do corpo

discente. Por outro lado, muitas pessoas dessas regiões expressavam o desejo de ingressar na Universidade", ressaltou.

Primeiros passos

Ainda no início de seu primeiro mandato como reitora da Ufal, em 2004, foi procurada pelo então deputado Rogério Teófilo, cujo interesse era disponibilizar à instituição emenda pessoal para uma possível interiorização das atividades. A ideia fomentou debates dentro da própria gestão da Universidade e, logo, tornou-se um projeto.

Após debates sobre a possibilidade de expansão, por meio de cursos no interior, a Ufal apresentou seus planos ao ministro da Educação à época, Tarso Genro. "Quando concebemos e formalizamos esse projeto, eu agendei uma reunião com o ministro. No encontro, tivemos uma surpresa: a interiorização era uma das metas do MEC [Ministério da Educação]. Dessa forma, tivemos a oportunidade de realizar um projeto grande e ousado", avaliou.

Questionada sobre como foi estar à frente desse processo, Ana Dayse garantiu: "Tenho muito orgulho de ter concretizado o que parecia um sonho, mas isso foi possível porque havia uma equipe muito aguerrida, que acreditou junto. Não foi fácil. A Universidade vivia um momento muito

“A interiorização é o maior fator para o desenvolvimento de Alagoas. Educação não se faz do dia para a noite, é preciso acreditar que é possível fazer”



Reitora honorária Ana Dayse relembra luta para inserir a Ufal no processo de interiorização

difícil, com estrutura extremamente precária, mas era preciso pensar o futuro da Ufal e acreditar que era possível”, enfatizou.

Recurso exclusivo

Com as dificuldades encontradas no Campus A.C. Simões, em Maceió, muitos se opuseram ao projeto de interiorização da Ufal. Segundo a reitora honorária, a justificativa era de que a Universidade não deveria investir no interior antes de atender às necessidades das instalações existentes na capital e região metropolitana.

Além disso, Ana Dayse conta que a verba nunca poderia ser utilizada para outros fins além da expansão, já que era um recurso exclusivo para a implantação de campi no interior dos estados brasileiros. “O recurso era destinado para a expansão. Se nós não aproveitássemos a oportunidade, não teríamos a Ufal no interior e esse recurso seria devolvido. Portanto, quando o MEC apresentou a proposta, nós aderimos de imediato. A gente precisava pensar alto, trabalhar com essa possibilidade e não deixá-la passar”, lembrou.

Assinado o projeto de adesão, em setembro de 2005, a Ufal levou apenas um ano para realizar a aula inaugural do Campus Arapiraca, em setembro de 2006. Para a gestora da Universidade, à época, a agilidade foi possível devido à colaboração do município nos trâmites legais e na doação dos terrenos para a Universidade.

Em 2010, foi a vez do Campus do Sertão atender às demandas dos municípios de Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema por ensino superior. “Era a Universidade Fereal de Alagoas surgindo das pedras da Caatinga”, lembrou.

Um Estado a desbravar

Para conhecer as principais carências e as demandas da população alagoana, a Ufal contou com o auxílio do professor Paulo da Cruz, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac). O docente e uma equipe de bolsistas percorreram o Estado de Alagoas, com o objetivo de detectar as principais necessidades do interior e os cursos adequados para cada região.

“Nós concebemos para o Agreste e escolhemos Arapiraca não apenas por ser a segunda maior cidade alagoana, mas por sua localização geográfica, por seu potencial e por ter as condições mínimas para receber uma universidade. Também detectamos a necessidade de levar a Ufal para o Sertão e conseguimos fazer isso. Neste momento, o projeto de interiorização se concretiza com o andamento do Campus Litoral Norte, que será instalado em Porto Calvo”, explicou Ana Dayse.

Educação e desenvolvimento

A presença de muitos cursos de licenciatura e de áreas tecnológicas foi minuciosamente pensada. De acordo com a reitora honorária, a interiorização da Ufal surgiu como o grande projeto de desenvolvimento do Estado de Alagoas. Para isso, seria necessária a oferta de graduações capazes de melhorar a qualidade de vida da população, bem como romper e superar os indicadores sociais deficitários.

“Superar a barreira que temos na educação básica sempre foi um dos nossos pilares e isso só é resolvido com a formação de educadores. Aos poucos, percebemos essas transformações. Hoje encontro com pessoas formadas, que dizem ‘eu sou fruto da interiorização’, e tenho muito orgulho de ter feito parte dessa história”, refletiu a docente.

Legado

A passagem de Ana Dayse pela Reitoria da Ufal foi marcada pela expansão da Universidade para o interior do Estado. Dez anos depois, a instituição dá os primeiros frutos de um projeto ousado, mas continua a apostar em novas possibilidades.

Para a docente, a implantação do Campus Litoral Norte e o início do curso de Medicina em Arapiraca são exemplos de que a Ufal está no caminho certo. “Tem um cenário novo para o litoral, que eu tenho acompanhado a distância, mas estou torcendo muito. Além disso, há a criação do curso de Medicina em Arapiraca, que é uma demanda de dez anos”, destacou.

Segundo Ana Dayse, o processo de expansão é lento, mas é imprescindível para o crescimento local. “A interiorização é o maior fator para o desenvolvimento do Estado de Alagoas. Educação não se faz do dia para a noite, é preciso acreditar que é possível fazer. A comunidade acreditou e o interior quis”, reforçou. ➔

Dez anos de mudanças na educação do interior

Ufal consolida atividades no Agreste e anuncia implantação do curso de Medicina em Arapiraca

Por Myllena Diniz

O primogênito está virando gente grande e revela os avanços obtidos após uma década de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Desde setembro de 2005, o Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas transforma a realidade do Agreste alagoano, impulsiona o desenvolvimento local e entrega à sociedade profissionais das mais diversas áreas do conhecimento.



Eliane Cavalcanti fala das conquistas e dos avanços do Campus Arapiraca

Segunda maior cidade de Alagoas, Arapiraca exerce influência sobre toda a porção central do território alagoano, bem como sobre o Baixo São Francisco e seu delta, no Litoral Sul. Interligada a cerca de 40 municípios, a sede do primeiro campus fruto da interiorização da Ufal é um ponto estratégico para modificar o cenário educacional do Estado.

Segundo a diretora-geral do Campus Arapiraca, Eliane

Cavalcanti, a implantação da Universidade no Agreste representa um dos melhores avanços para Alagoas. "Antigamente, muitos egressos do ensino médio do interior não tinham acesso ao ensino superior, pela falta de condições. Hoje, nós temos uma vasta população de jovens inseridos na Ufal. A instituição trouxe progresso, desenvolvimento, mudanças de postura e novas concepções políticas", avaliou.

De acordo com a direção, o corpo discente é composto por alunos de 68 municípios alagoanos. Além disso, 4% dos matriculados vêm de outros estados brasileiros, o que causa impactos no desenvolvimento da região, principalmente nos setores do comércio e da construção civil.

Avanços

Apesar de jovem, o Campus Arapiraca apresenta resultados significativos e demonstra os esforços da instituição com a qualidade do ensino ofertado no interior de Alagoas. Esse panorama é mensurado por meio da ampliação do número de cursos, vagas e docentes.

"Eu posso dizer que o Campus Arapiraca não é mais como era anos atrás. Nós crescemos, avançamos, ganhamos espaço e nos desenvolvemos. Também aumentamos o número de professores, de alunos e de cursos de graduação. Somos, na realidade, um dos maiores campi interiorizados do País", destacou Eliane Cavalcanti.

A diretora lembra, ainda, o surgimento do primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*, na área de Agricultura e Ambiente. "O desenvolvimento vem de dentro. Parte dos nossos alunos da pós-graduação foram nossos egressos da graduação. Portanto, temos um conjunto de estudantes em especialização, outros que já terminaram e estão no doutorado, e aqueles que retornam como docentes", avaliou. ▶

Extensão

Para quem ainda está na graduação, as oportunidades de aprendizado extracurricular permitem novas experiências e maior aproximação das atividades práticas. Desse modo, a extensão tornou-se um dos grandes destaques da comunidade acadêmica interiorana.

"A engrenagem da interiorização gira muito rápido e o retorno está sendo nessa mesma velocidade. As ações de extensão vão desde o que acontece no Centro de Arapiraca até os assentamentos. Nós conseguimos desenvolver muitos projetos no interior e abrimos a porta da Universidade para que a comunidade venha até a gente", considerou.

Impactos socioeconômicos

Os desdobramentos da expansão universitária são revelados gradativamente e, aos poucos, respondem aos anseios sociais. "A gente está num Estado com uma distribuição de renda muito equivocada e a Universidade se inseriu numa área que vive esse contraste. Nossa missão é atender à demanda reprimida de egressos do ensino médio, que não tinham acesso ao ensino superior", salientou.

Passados dez anos de implantação, a academia ainda encontra obstáculos para a inserção efetiva de jovens das

regiões mais periféricas. Mas, agora, a instituição é capaz de captar esse déficit e encontrar soluções para ele.

"Já fizemos um levantamento e detectamos que não temos nenhum aluno que reside nos dois bairros mais periféricos de Arapiraca. Essas localidades são extremamente violentas, pobres e com índices sociais muito baixos. Por isso, já estamos pensando em como reverter isso. Afinal, nosso papel é contribuir com a formação de pessoas e devolver à sociedade profissionais qualificados", enfatizou a diretora-geral do Campus.

Curso de Medicina

A grande novidade do Campus Arapiraca é a implantação do curso de Medicina, com aula inaugural prevista para o segundo semestre letivo deste ano. A graduação está entre as mais disputadas do Campus A.C. Simões, em Maceió, e também estava entre as principais demandas do Agreste alagoano, desde a chegada da Ufal à região.

Sobre o novo curso, a diretora Eliane Cavalcanti garante: "Estamos nos organizando para começar as atividades no semestre 2015.2. Já foram contratados os técnicos, já houve concurso para docentes, as peças anatômicas foram compradas e estamos aguardando ansiosamente. É um sonho da Ufal e de toda a comunidade", reforçou. ➤

No sentido anti-horário: Pátio central da sede do Campus Arapiraca, laboratório da área da saúde e sala de aula





Sede do Campus do Sertão, em Delmiro Gouveia, um ambiente acolhedor e que enche os olhos de quem estuda ou visita a Unidade

Um oásis que leva saber científico ao semiárido

Assim a Ufal é considerada por aqueles que vivem na região sertaneja

Por Simoneide Araújo

Uma instituição que leva desenvolvimento à região semiárida e enche de orgulho toda a comunidade acadêmica e a população sertaneja. Assim é o Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que celebra cinco anos de sua implantação nos municípios de Delmiro Gouveia e Santana do Ipanema. Além de ótima estrutura oferecida aos jovens, futuros profissionais e pesquisadores, a Ufal se destaca na avaliação dos cursos ofertados.

Para o diretor-geral Agnaldo dos Santos, a chegada da Ufal na região sertaneja é o evento mais importante deste século. "Quando o reitor Calazans [Aristóteles Calazans Simões] define a criação da Ufal, em 1961, como o evento mais importante para o Estado de Alagoas, eu entendo que a

chegada da Universidade no sertão foi o evento mais importante do século 21 para aquela região", definiu.

Agnaldo fala da emoção ao comemorar cinco anos de conquistas. "Sou da primeira turma de docentes do Campus do Sertão e participei da primeira aula inaugural, quando ainda nem tínhamos sede própria. Foi um dia histórico, com a presença de pessoas da cidade, da comunidade acadêmica e políticos do nosso Estado. Todos comemoram a conquista da chegada da Ufal no Sertão, em 2010", vibrou.

Dois anos depois da inauguração, o campus foi transferido para sede própria, com amplas instalações e que foi se estruturando para chegar ao estágio atual. "Temos conseguido, num esforço conjunto de todos que fazemos o campus dinamizar nosso funcionamento. Nossos alunos de ▶

Engenharia de Produção fazem a diferença aqui na sede; eles desenvolvem projetos maravilhosos com aproveitamento de material que poderia ser considerado lixo. Também já desenvolveram um bicicletário, suporte para capacetes, sofás, pufes de pneu, entre outros produtos”, ressaltou.

A chegada da Universidade no Sertão abriu um leque de oportunidades não só para os universitários. Agora, a cidade já dispõe de transporte coletivo que faz a linha para a Ufal e atende a toda população. Em cinco anos de implantação, é possível identificar os avanços alcançados em várias áreas.

“É perceptível o crescimento e o desenvolvimento da região em função da chegada da Universidade. Um exemplo claro é que a Ufal começa a formar educadores, fazer convênios com prefeituras para abrir campo de estágio para os alunos das licenciaturas. O desenvolvimento da região começa pela educação, ou seja, a longo prazo teremos uma melhora considerável nos índices de analfabetismo. Estamos produzindo bons frutos e comprovamos isso com a aprovação de alunos em concurso público para professor da rede estadual. Antes de concluir a graduação eles conseguiram ser aprovados”, anunciou o diretor-geral.

Educação a distância

A chegada da Universidade Aberta do Brasil (UAB) também é um marco para a região. Além de promover a formação de jovens, a Ufal, por meio do ensino a distância, promove a melhoria da educação básica, com a qualificação dos professores que ainda não têm o ensino superior.

O Campus do Sertão se abriu para a educação a distância e, hoje, conta cerca de 1.400 alunos da graduação.

Mola mestra

Projetos de extensão são desenvolvidos em várias comunidades vizinhas, como nos municípios de Pariconha, Água Branca, Delmiro Gouveia e povoados. “A extensão é, hoje, a mola mestra do campus. Recebemos apoio da gestão para levar eventos importantes para a região. Temos uma boa estrutura com seis veículos oficiais para atender a demanda dos projetos de extensão”, confirmou.

Agnaldo considera que a extensão é uma via de mão dupla, permitindo que a Ufal chegue mais perto da sociedade e faz a comunidade chegar junto da instituição. “Diante dessa realidade, podemos dizer que a Ufal é um oásis para a região. Foi a primeira Universidade a chegar a Delmiro, com uma estrutura diferenciada”, definiu.

Avaliação positiva

De acordo com a direção do Campus do Sertão, atualmente existem 1.800 alunos matriculados nos oito cursos ofertados. Desses, sete já foram analisados e aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) com ótimos

conceitos em suas avaliações. Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, História e Pedagogia têm conceito 4; Engenharia Civil, Geografia e Letras, nota 3, o que, segundo o diretor-acadêmico Ivamilson Barbalho, revela excelentes conceitos quanto ao requisito qualidade dos cursos ofertados.

“Dentre as muitas alegrias e conquistas efetivadas coletivamente no Campus do Sertão, ao longo desses últimos anos, no processo de interiorização da Ufal, temos a enorme satisfação de comemorar a própria consolidação da Universidade no interior, fato expresso pelo acolhimento das pessoas do entorno, dos órgãos de imprensa, dos poderes constituídos, dos gestores municipais e das instituições consolidadas. Esse reconhecimento e acolhimento têm sido fundamental para planejar e aprimorar nossas ações”, declarou Barbalho.

E as conquistas do Campus do Sertão não param por aí. Os ótimos conceitos dos cursos também refletem no excelente desempenho dos alunos que conseguem aprovação em programas de pós-graduação *stricto sensu* em várias áreas,

O bicicletário é um dos projetos elaborados por alunos de Engenharia de Produção





Mais um produto criado por alunos da disciplina Engenharia e Produção 1, com orientação da professora Tânia Voronkoff

além da participação de outros tantos no Ciência sem Fronteiras. "É motivo de muita alegria termos discentes aprovados em seleção de mestrado em Engenharia Civil, Pedagogia, História e Geografia, por exemplo. De igual forma, nosso campus tem conseguido enviar muitos alunos para diversas universidades do mundo, por meio do programa Ciência sem Fronteiras", completou o diretor.

Ivamilson destaca que a comunidade do Campus do Sertão tem somado várias conquistas ao longo dos cinco anos. "Tivemos uma imensa alegria com as conquistas de nossos alunos que mal concluíram a graduação e já foram aprovados em concursos públicos. Também conseguimos consolidar duas Empresas Júnior, além de inúmeros projetos de extensão e da Engenharia de Produção que potencializam nosso compromisso com a ética na pesquisa e nas relações humanas", assegurou.

Infraestrutura

O Campus do Sertão dispõe de ótima infraestrutura, com salas de aulas climatizadas, ambientes de convivência, auditórios para médios e grandes eventos; excelente acervo da Biblioteca com mais de 15 mil títulos e rede lógica ampliada. No fim do ano passado, a unidade de Delmiro Gouveia ganhou a filial da Editora da Ufal (Edufal), a única livraria da cidade.

Para o diretor-acadêmico, a Edufal no Campus do Sertão é resultado de um trabalho coletivo. "A Editora é um ambiente para ampliar horizontes no espaço acadêmico. Estou



Professor Agnaldo dos Santos, diretor-geral do Campus do Sertão

emocionado por conseguirmos concretizar esse projeto", assegurou, quando da inauguração.

Para este ano, também está prevista a inauguração do Restaurante Universitário (RU), que atenderá a demanda da comunidade universitária. "Também teremos a entrega do centro administrativo que vai otimizar, ainda mais, os serviços dos setores e laboratórios", revelou.

Pessoal

A direção do Campus do Sertão também comemora a conquista do plano de qualificação dos servidores. No quadro atual são 102 docentes e 40 técnico-administrativos. "Uma grande conquista nossa é dispormos de um corpo de servidores (técnicos, professores e equipe de terceirizados) e da própria comunidade estudantil, articulados em torno de objetivos comuns, que discutem, planejam e realizam ações em favor do campus. Porém, isso tudo tem sido possível porque mediamos nossas atividades com amplo profissionalismo, máximo compromisso com valores éticos e pleno respeito ao ser humano", finalizou. ➔

Mundo dos livros muda vidas no Sertão

Dezesseis mil títulos estão disponíveis para público em geral

Por Myllena Diniz

No semiárido alagoano, o Campus Sertão leva o ensino superior para os sertanejos e oferece corpo técnico e científico habilitado para enfrentar os desafios da região e impulsionar o desenvolvimento local. Um dos principais exemplos da transformação por meio do conhecimento é o acervo bibliográfico da Ufal no município de Delmiro Gouveia, com cerca de 16 mil títulos à disposição de alunos, professores, técnicos e toda a população.

Criada em 2012, a Biblioteca do Campus Sertão contava com 4.250 livros de diversas áreas e, três anos depois, quadruplicou o número de exemplares. Nesse período, o setor também informatizou seus serviços, com a implantação do Sistema de Suporte à Biblioteca (Sisb), o que possibilitou maior dinamismo nas consultas e nos empréstimos do acervo.

Segundo a bibliotecária responsável pelo setor, Taciana Sousa, o Sisb torna o atendimento da Biblioteca mais eficiente, prático e acessível. "O sistema permite o cadastramento dos alunos e a realização de empréstimo, devolução, renovação e consulta de livros", detalhou.

Mais próxima dos universitários

Os próximos passos do setor, de acordo com Taciana Sousa, é aumentar o acervo e ampliar o suporte aos alunos. Neste ano, começa a ser executado o projeto que vai apresentar a Biblioteca aos "feras", universitários dos primeiros períodos da graduação.

"Muitos estudantes têm dificuldade para fazer uma pesquisa, principalmente no interior, onde nem todo mundo



Taciana Sousa, bibliotecária, destaca a parceria com escolas públicas

tem acesso à internet em casa. Então, a Biblioteca é um local de pesquisa contínua para eles e a gente quer torná-los mais independentes aqui dentro, para que conheçam toda a dinâmica dos serviços que prestamos e não deixem de utilizar esse ambiente", reforçou a bibliotecária.

Espaço de todos

Taciana Sousa também destacou os esforços da equipe para tornar o acervo mais acessível à população local. De acordo com a bibliotecária, já existem parcerias entre a instituição e escolas públicas da região para levar alunos dos ensinos fundamental e médio para conhecer o espaço e desfrutar do universo dos livros. "A Biblioteca é uma fonte de conhecimento e está aberta ao público em geral. Trazer as pessoas para usufruir de todo o material que temos aqui é uma satisfação", destacou Taciana.

No Campus Sertão, a Biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 21h30, na sede da instituição, em Delmiro Gouveia. ➔

Informatização auxilia comunicação interna

Trabalho é feito pelo Núcleo de Tecnologia da Informação

Por Myllena Diniz

Responsável pelo suporte tecnológico da Ufal, o Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI) também está presente no Campus do Sertão, em Delmiro Gouveia. O órgão atua no gerenciamento de equipamentos computacionais, aprimoramento do Sistema de Controle Acadêmico, controle da rede interna de comunicação de dados e na estruturação do suporte à Biblioteca.

Como a rede de telefonia ainda é falha na região, acaba afetando o campus, por isso, o trabalho do NTI é fundamental para a troca de informação entre todos os setores da instituição, uma vez que possibilita agilidade na divulgação de ações para a comunidade acadêmica. Para facilitar a comunicação, a equipe de Tecnologia da Informação (TI) da Universidade adotou o método de telefonia de Voz via IP (VoIP).

O VoIP permite a realização de chamadas telefônicas gratuitas entre os ramais da Ufal. Além disso, permite aos servidores conectarem seus celulares aos ramais da instituição e fazerem ligações entre si sem nenhum custo. Essa comunicação é possível porque o sistema oferece o roteamento de conversação humana por meio da internet, a partir do Protocolo de Internet (IP).

Wi-Fi em todo o campus

Se a rede de telefonia convencional eficiente ainda não está 100% no Campus do Sertão, por outro lado, a internet wireless – ou “sem fio” – está presente em todas as instalações da Universidade. Dessa forma, toda a comunidade acadêmica pode se comunicar com pessoas de qualquer localidade do mundo sem pagar nada por isso.

Para o analista de TI da Ufal, David Medeiros, a instituição já apresenta avanços significativos na

área de tecnologia da informação no interior. “Antes, não existia nada aqui. Então, houve todo um trabalho de estruturação lógica da rede – cabeada e sem fio. De maio do ano passado para cá, já houve uma ampliação da velocidade da internet e essa evolução tem sido gradativa”, avaliou o servidor.

Medeiros também reforça a importância do NTI para o bom funcionamento das atividades no campus. “A região ainda sofre uma carência grande de comunicação, como ocorre com a rede de celulares. Então, o NTI consegue minimizar esse problema com uma internet de qualidade. Melhoramos muito, mas ainda há um caminho longo a ser seguido”, ponderou.

O analista de TI no Sertão também destaca a presença de equipamentos de Data Show em todas as salas de aula, cuja instalação contou com a assessoria do NTI. A equipe também é responsável pela criação do atual Sistema de Cadastro de Alunos, que auxilia na comunicação interna e na divulgação de ações institucionais. ➔

Servidores do NTI dão suporte para garantir funcionamento de vários setores



Educação a distância amplia alcance da interiorização

Primeiros indícios de expansão da Ufal surgiram com a criação de polos EaD

Por Myllena Diniz

Se os cursos presenciais da Universidade Federal de Alagoas completam 10 anos de interiorização, a Educação a Distância (EaD) promove o ensino superior em diversos municípios alagoanos desde 1998. Símbolo do progresso, esse novo jeito de formar profissionais qualificados oportuniza moradores de regiões periféricas, atende a mais de quatro mil alunos e gera um montante de R\$ 7 milhões em bolsas para professores e tutores.

Sob a responsabilidade da Coordenadoria Institucional de Educação a Distância (Cied), a trajetória da EaD na Ufal está atrelada ao desejo de tornar a Universidade acessível a todo o Estado. Na instituição, os primeiros passos dessa modalidade de ensino ocorreram por meio do Programa de Assessoria Técnica aos Municípios Alagoanos (Promual) – ofertado pelo Centro de Educação (Cedu), para viabilizar a formação qualificada de professores da rede pública do ensino básico.

Segundo o coordenador-geral da Cied, Luis Paulo Mercado, a primeira experiência do projeto já previa os impactos da Universidade no interior de Alagoas, já que a turma inicial era composta por 300 alunos oriundos de 70 municípios alagoanos. “Em 2002, a Ufal credenciou-se para a oferta de cursos na modalidade a distância, com etapas presenciais realizadas na capital. Ainda não era um processo de interiorização, mas era o interior vindo para o campus de Maceió. Hoje, a dinâmica é inversa... Nós vamos até o interior com a EaD”, ressaltou.




Para Luis Paulo, a Ufal chegou ao interior também com a EaD


Polos no interior

A semente da interiorização surgiu com a criação de polos de apoio presencial no Xingó e em Viçosa. Mas, para Luis Paulo Mercado, a implantação da Universidade Aberta do

Educação a distância pela Ufal


Graduação

 2.936 alunos

 11 cursos

Administração Pública, Ciências Sociais, Física, Geografia, Letras - Espanhol, Letras - Inglês, Letras - Português, Matemática, Pedagogia, Química e Sistema da Informação

Pós-graduação

998 alunos 

8 cursos 

Gestão e Saúde, Gestão Pública, Gestão Pública Municipal, Mídias na Educação, Educação do Campo, Ensino da Geografia, Estratégias Didáticas para a Educação Básica com o Uso de TIC, Tecnologia da Informação para Educadores

Brasil (UAB), em 2005, foi o grande vetor desse processo. "Começamos com o curso piloto de Administração Pública e, a partir disso, passamos a estruturar um sistema de EaD. Assim, a Ufal aderiu à UAB e iniciou as atividades com cursos em outras áreas do conhecimento, como Pedagogia, Sistema da Informação e Física", detalhou.

Com a adesão à modalidade a distância, a Ufal deu início à estruturação de novos polos em Alagoas. Os municípios de Maragogi, Olho d'Água das Flores, Santana do Ipanema e Maceió foram os primeiros contemplados de uma rede de mantenedores em plena expansão, com a promoção de cursos de aperfeiçoamento, graduação e especialização por todo o Estado. "Hoje, contamos com 11 polos atendidos pela Ufal e pelo Ifal (Instituto Federal de Alagoas), em Santana do Ipanema, Delmiro Gouveia, Arapiraca, Palmeira dos Índios, São José da Laje, Matriz do Camaragibe, Maceió, Penedo e Olho d'Água das Flores. Além disso, estamos em processo de implantação de uma unidade de apoio em Cajueiro e temos perspectivas de criar outra em Porto Calvo", revelou Mercado.

Reconhecimento acadêmico

Com indicadores elevados, os cursos semipresenciais da Ufal reforçam a seriedade da modalidade a distância na instituição. O reconhecimento acadêmico vem do próprio Ministério da Educação (MEC): todos os cursos da EaD são conceituados com nota 4 ou 5.

Além de garantir formação de nível superior qualificada, a Cied tem o cuidado de ofertar cursos diversificados para a população alagoana. "Em cada localidade, a gente oferece cursos que a Ufal não possui na modalidade do ensino presencial, seja na graduação ou na pós-graduação", explicou.

Perfil do aluno

Indivíduos que trabalham, têm até 30 anos e interromperam os estudos por alguma circunstância representam o perfil padrão dos cursos a distância no Brasil. A flexibilidade do tempo e a possibilidade de estudar sem sair de casa atraem aqueles que querem começar uma vida nova por meio do ensino superior.

Ainda assim, a modalidade a distância tem conquistado os mais jovens e caminha para uma nova fase. Luis Paulo Mercado aponta para uma mudança no perfil dos alunos da EaD, nos últimos anos, devido ao surgimento de novos postos de trabalho.

"Em Maragogi, por exemplo, a implantação de complexos industriais próximos – como o Porto de Suape – aumentam a busca dos jovens por uma formação. O aluno de 18 anos não era uma realidade pensada no início da EaD, mas, hoje, a gente já tem modelos que mesclam o aluno experiente e o que acaba de sair do ensino médio. Isso gera a necessidade de termos novos olhares para a educação", refletiu Mercado. ➤

Alunos encontram a fórmula certa de multiplicar conhecimento

Universitários levam jogos matemáticos a alunos do ensino médio e fundamental da rede pública

Por Myllena Diniz

Frações, equações, criptografia, conjuntos, trigonometria e diversos conceitos da Matemática têm conquistado o interesse de alunos do ensino médio e fundamental do Agreste alagoano. Desde 2010, projeto desenvolvido no Campus Arapiraca articula estudantes e docentes de licenciaturas, para melhorar a qualidade do ensino da região, e transforma uma das disciplinas mais “temidas” pelos jovens em divertimento, com a criação de jogos e ferramentas educacionais.

Modelo de ensino, pesquisa e extensão, o projeto faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e está pautado na formação inicial e continuada de professores. Segundo José de Barros,

coordenador do projeto, as ações buscam tornar o ensino das exatas mais lúdico e enriquecer a formação dos graduandos em Matemática.

“Os alunos de licenciatura atuam em sala de aula, ao lado dos supervisores, que são professores da rede básica. Nas escolas, eles testam novos jogos, ferramentas e tecnologias interessantes para a melhoria do ensino e da aprendizagem”, explicou professor Barros.

O trabalho, realizado em cinco escolas de Arapiraca, conta com a participação de 40 universitários e beneficia cerca de 300 alunos da rede pública estadual e municipal. Em ações pontuais, como gincanas e eventos científicos, a estimativa é de quatro mil jovens contemplados indiretamente.

Teoria + Prática + Inovação

“Nós queremos que o nosso futuro professor seja melhor do que aquele que o ensinou um dia”, salientou Barros. Para isso, segundo ele, o docente aposta na inovação e em modelos metodológicos diferenciados. “Nosso intuito é fazer com que o aluno da rede básica se envolva com a Matemática de forma mais atrativa – aprender com diversão. O aprendizado só é possível quando o aluno está envolvido com a disciplina”, reforçou.

Passados quatro anos, o projeto começa a apresentar os principais impactos sociais na região. Jovens beneficiados pelas ações do Pibid buscaram na Matemática uma profissão e ingressaram na Universidade Federal de Alagoas; outros, integrantes do programa como bolsistas, enxergam uma oportunidade a mais para a qualificação profissional.



Jogos desenvolvidos têm feito a cabeça dos alunos da escola básica



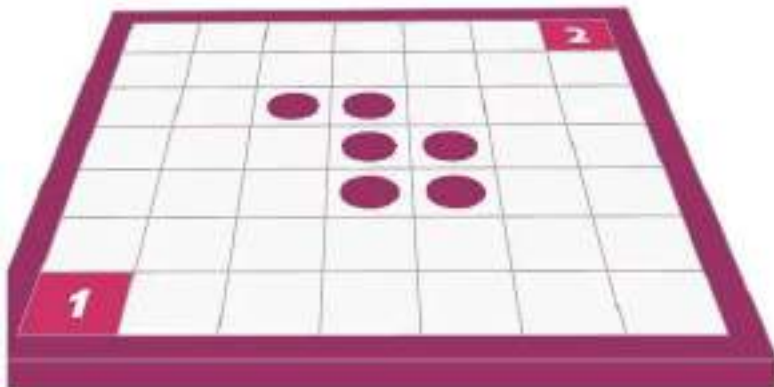
Professor Barros coordena projeto que beneficia 300 alunos da rede pública

Oficina de saber e transformação

Nas instalações do Campus Arapiraca funcionam o Laboratório de Informática, para a elaboração de softwares, e a oficina de jogos, um espaço destinado ao planejamento e à criação de ferramentas lúdicas para o ensino da Matemática. Entre papelão, cartolina, isopor, caixas, régua e materiais reciclados, os alunos das licenciaturas desenvolvem produtos que estimulam a prática das operações básicas de multiplicação e divisão; o raciocínio lógico; as resoluções de equações; o estudo de trigonometria; e uma variedade de assuntos relacionados ao universo dos números.

O resultado desse trabalho é um acervo de brinquedos e materiais que têm feito a cabeça da garotada nas aulas de Matemática, na escola básica. O relógio trigonométrico, a pipa geométrica, os jogos de tabuleiro, as bússolas e o teodolito – útil para determinar ângulos e calcular alturas, estão entre preferidos.

Todas essas ferramentas são idealizadas por



universitários do curso de Matemática com sede de conhecimento e prontos para multiplicar o saber, como é o caso de Jane Bezerra. Natural de Igaci, município a 28 km de Arapiraca, a estudante revela como a Universidade tem transformado sua vida e a de outras pessoas. "A Ufal não é a nossa segunda casa, é a primeira mesmo. Na maior parte do tempo, a gente está aqui, pesquisando, elaborando atividades ou trocando experiências", refletiu.

Jane também avalia a importância do Pibid para sua formação. "Eu sempre sonhei em ser professora de Matemática e, hoje, tenho a oportunidade de ir para as salas de aula e receber a supervisão de um profissional. Também estou aprendendo a superar a resistência dos alunos à disciplina, por meio da elaboração de estratégias que aproximem essa garotada dos assuntos abordados. Essas técnicas a gente leva para as escolas e para a nossa família também", disse.

De braços abertos para a comunidade

Em Arapiraca, o Pibid tem aberto as portas da Universidade para a população, principalmente para a camada com maior vulnerabilidade socioeconômica. "Além de pagar bolsas para professores da rede básica e universitários, o projeto estreita as relações entre a Ufal e as escolas. Nós contamos com muitas ações planejadas e desenvolvidas nas instituições de ensino da região, trazemos



Jogos transformam o ensino da Matemática em algo mais lúdico

seus alunos para eventos na Universidade e colaboramos com a formação dos futuros professores", destacou Barros.

Algumas ações desenvolvidas pelo grupo da Ufal já fazem parte dos calendários acadêmicos das escolas beneficiadas pelo projeto, como gincanas e feiras de ciências, e representam o papel transformador da Universidade no interior alagoano. ➔



Professor Thiago Pereira em aula prática do curso de Engenharia Civil no Laboratório de Hidráulica do Campus do Sertão

Água e educação fazem revolução na vida do sertanejo alagoano

Hidráulica do Canal do Sertão e prevenção de seca despertam interesse de alunos de Engenharia

Por Myllena Diniz

Nos últimos anos, o semiárido alagoano acompanha uma de suas maiores transformações. O Canal do Sertão e a Universidade Federal de Alagoas no Município de Delmiro Gouveia trouxeram novas perspectivas para a vida do sertanejo, que, agora, tem acesso à água e ao ensino superior. Para alunos de Engenharia Civil do Campus do Sertão, essa realidade parece ainda mais marcante e é acompanhada de perto, na sala de aula.

A maior infraestrutura hídrica do Estado de Alagoas é um dos destaques da disciplina de Hidráulica, ministrada pelo professor Thiago Pereira, para alunos do 6º período do Engenharia Civil. No laboratório, o sistema que liga todo o Canal do Sertão torna-se compreensível para os alunos e um conhecimento para toda a vida.

"Alguns estudantes querem colocar em prática o que aprendem em sala, ver como utilizar o conhecimento e levar a

água do canal para casa. Todo semestre a gente leva a turma para o canal, para que eles entendam esse sistema hidráulico. A gente realiza todos os cálculos e os alunos fazem o papel de projetistas, como se fossem projetá-lo”, detalhou o docente.

Para muitos alunos que vivem às margens da infraestrutura que promete beneficiar mais de um milhão de pessoas, compreender o seu funcionamento também é um exercício de superação. Esses jovens são preparados para desenvolvimento de instalações hidráulicas, captação de água, construção de canais e instalação de bombas.

“Há alunos que vivem muito próximos ao canal, que acompanharam a obra de perto e que imaginavam ser muito difícil construir algo daquele porte. Hoje, eles sabem como construí-lo, já têm conhecimento para isso”, ressaltou Thiago Pereira.

Pesquisa no Canal do Sertão

Em parceria com a professora Cleuda Custódio, Thiago Pereira desenvolve projeto referente à gestão do Canal do Sertão. De acordo com o docente, o intuito é mensurar qual volume de água um usuário pode retirar daquele local, quanto tempo por dia é necessário e quantas pessoas podem ter acesso.

Os pesquisadores fizeram visita de campo a famílias beneficiadas pelo empreendimento e entrevistaram mais de 60 usuários, para saber as suas necessidades e traçar o perfil deles – o que plantam, qual é o destino da água e diversas informações. Segundo o professor Thiago, o cenário atual é favorável, mas é preciso ter cautela para o futuro.

“Verificamos que 80% dos usuários estão satisfeitos com o canal e todos afirmam que nunca faltou água. Mas a nossa preocupação é a gestão dessa água. É importante que haja controle, fiscalização e gerenciamento desses recursos, para que o agricultor de subsistência não fique sem acesso à água”, especificou o docente.

O pesquisador aponta que, nos próximos anos, a falta de

“ 80% dos usuários estão satisfeitos com o canal e todos afirmam que nunca faltou água. Mas a nossa preocupação é a gestão dessa água. É importante que haja controle, fiscalização e gerenciamento desses recursos, para que o agricultor não fique sem acesso à água ”

gestão pode acarretar riscos para os pequenos agricultores. “No momento, a situação não é um grande problema, mas o canal vai aumentar, cada vez mais, a extensão e o número de usuários. Já existem projetos de ramificação do empreendimento para pontos mais distantes e isso vai consumindo a água. Então, é interessante analisar, prever e pensar como será essa gestão”, destacou.

De acordo com a análise de Thiago Pereira, a ausência de um gerenciamento ou a sua ineficiência pode aumentar, ainda mais, as desigualdades socioeconômicas da região. Quem tem acesso à água primeiro pode extrair uma quantidade acima do ideal e dificultar o acesso de outros indivíduos aos recursos hídricos.

A nova realidade do sertanejo

Para o professor Thiago Pereira, os impactos da presença da água e da Universidade já são visíveis. “É impressionante chegar a uma cidade de 50 mil habitantes, com poucas opções, e ensinar um curso que muitas cidades grandes não têm. Tudo que a gente estuda é para aumentar o bem-estar da população, para melhorar a qualidade de vida”, enfatizou.

Localizado a 304 km de Maceió, o Canal do Sertão possui 65 km construídos e disponibiliza água para o consumo humano e animal, assim como para as atividades agrícolas, nos municípios alagoanos Delmiro Gouveia, Pariconha e Água Branca. Ao término da obra, serão 42 cidades beneficiadas, do Sertão a Arapiraca, no Agreste. ➔



Thiago Pereira desenvolve projeto sobre gestão do Canal do Sertão



Bolsista do projeto faz a análise dos canteiros das alfaces, antes da colheita

Projeto pretende ajudar produtores de hortaliças

Prática deve orientar sobre a quantidade de água utilizada para irrigar os canteiros

Por Simoneide Araújo

A região que se estende do Campus Arapiraca até o município de Igaci, pela rodovia AL-115, tem alta disponibilidade de água salobra, ou seja, um nível de salinidade considerado elevado para o consumo. Por isso está sendo foco do projeto *Função de Produção de Culturas Hortícolas do Agreste Alagoano*, desenvolvido pelos alunos do curso de Agronomia do Campus de Arapiraca, que pretende comprovar, mesmo com esse elevado nível de salinidade, é possível usá-la para produção de hortaliças e ter bons resultados.

Coordenado pelo professor Márcio Aurélio Lins, doutor na área de irrigação e drenagem, o projeto integra atividades de duas disciplinas que envolvem alunos no início e no final do curso: *Função de Produção na Agricultura* e *Matemática Aplicada às Agrárias*. Estão sendo analisados níveis de

salinidade em quatro reservatórios: um tem apenas água fornecida pela Casal; outro misturada com água do poço e da Casal; um só com a água do poço; e o outro com o dobro de salinidade da água do poço.

Estão sendo trabalhadas as culturas da alface, do rabanete, da rúcula e do coentro. Nas primeiras análises, vem sendo constatado que a alface teve uma resposta melhor com a água do poço, ou seja, com a água salobra. "Essa é uma primeira impressão; agora, vamos fazer as análises para comprovar o comportamento de cada cultura utilizada. Nosso objetivo é passar essas informações para os produtores, uma vez que a região é um polo de produção e hortaliças", exemplificou.

Além de análise da salinidade, a ideia, segundo o professor Márcio Aurélio, é orientar os produtores em relação



Rony faz o monitoramento diário da quantidade de água usada nos canteiros

à quantidade de água utilizada para irrigar os canteiros. "Em tempos de escassez, precisamos incentivar o uso racional da água e queremos usá-la em menor quantidade e ter maior produtividade; nosso trabalho, realizado há mais de três anos, é determinar o nível de água bom para as culturas", anunciou.

A região tem uma terra vermelha muito rica em nutriente e retém bem a água. "É uma característica fantástica para irrigação. Pouca água consegue ficar por muito mais tempo no sistema radicular da cultura e tendo melhor aproveitamento. Estamos analisando a quantidade e a qualidade da água, ou seja, é possível que uma água de qualidade inferior para o consumo humano possa ser usada para irrigar os canteiros de hortaliças, verificando a quantidade necessária para cada uma das culturas", explicou.

Diariamente é feita análise de dados climatológicos. "Colocamos as informações numa planilha, que gera a quantidade de água ideal para cada cultura, uma vez que cada uma delas tem sua necessidade hídrica específica. Esse monitoramento é feito por alunos das duas disciplinas e que fazem parte do projeto", disse.

Paixão pelo trabalho

Rony de Holanda Costa, 25, é aluno do 10º período de Agronomia e é um dos responsáveis pelo monitoramento da quantidade de água usada nos canteiros de hortaliças diariamente por meio de planilhas do Excel. "Usamos sempre os dados meteorológicos e aplicamos na planilha que vai nos dar a quantidade de água que deve ser usada para cada cultura analisada", explicou.

Natural de São Sebastião-AL, distante 28 quilômetros de Arapiraca, Rony foi criado na área rural e decidiu fazer Agronomia porque se apaixonou pelo trabalho de seus avós, que são agricultores. "Fui criado no sítio e acabei pegando paixão pela área. Eu brinco com meus colegas que um dos motivos que me fizeram escolher Agronomia foi a planta do milho; eu sempre observava ela crescendo (risos)", contou.

Com o curso escolhido, Rony pretende continuar o trabalho iniciado por seus avós e também contribuir com outros produtores. "Para mim, fazer Agronomia é uma realização pessoal e profissional, porque a gente que de família humilde – e o professor Márcio Aurélio é um exemplo disso – tem o sonho mais forte de se formar, continuar com seu trabalho e poder ajudar a família", revelou.

Para Rony, o projeto desenvolvido na Ufal representa uma nova forma de trabalho para produtores de hortaliças, que poderão usar menos água, gastar menos energia e manter uma boa produção. "Isso vai gerar mais renda para o agricultor e pode mudar a forma de trabalho de vários deles, que geralmente não tem essa visão, mas é uma questão cultural. Eles ainda acham que quanto mais água, melhor. Mas poder aprender na Universidade e levar os ensinamentos para os agricultores é muito gratificante", destacou. ➔



Márcio Aurélio coordena o projeto que vai orientar os produtores da região

Ações vão garantir inclusão social e educacional às pessoas com deficiência

Projeto capacita servidores para o atendimento adequado às PcD

Por Myllena Diniz

Sob o comando da professora Lívia Couto, do curso de Pedagogia, o Campus Arapiraca inicia projeto para a implantação do seu Núcleo de Acessibilidade, com o intuito de garantir inclusão social e educacional a Pessoas com Deficiência (PcD) no ensino superior. A equipe à frente dessa iniciativa promove eventos, grupos de estudos, iniciação à pesquisa e atos públicos referentes a essa temática.

Os trabalhos surgiram há dois anos, com a oferta de capacitação para técnicos da instituição voltada para a cultura de acessibilidade interna. "Quando lançamos a proposta, não imaginávamos que seria tão grande o interesse das pessoas em participar. Nosso intuito é formar profissionais capacitados para atenderem às demandas das pessoas com deficiência e que sejam multiplicadores dessas ações", observou Lívia Couto.

Segundo a professora, atualmente, o Campus Arapiraca registra a presença de uma aluna e uma docente com deficiência. Desse modo, a instituição deve não apenas atender às demandas dos indivíduos já inseridos nas suas atividades acadêmicas, mas criar oportunidades para que outras PcD tenham acesso ao ensino superior.

"Esse público existe, pode ser aluno, técnico, diretor. Portanto, precisamos criar uma cultura inclusiva permanente e naturalizar a existência e a convivência com pessoas com deficiência na Universidade, sabendo que elas podem ocupar



Livia Couto inicia projeto para a implantação do Núcleo de Acessibilidade no Campus Arapiraca

qualquer posição", detalhou Lívia.

Uma das formas de garantir a cultura de acessibilidade na instituição é adaptar os setores administrativos a essa demanda, por meio da compreensão dos processos dos setores, da identificação dos documentos mais procurados, do que pode ser acessível e do que pode ser disponibilizado na internet.

Pesquisa-Ação

A equipe está inserida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa-Ação (Pibip-Ação), destinado a trabalhos com métodos investigativos, voltados às transformações sociais e à produção de conhecimentos. Para isso, contam com um grupo permanente, composto por 12 pesquisadores, entre professores, alunos, técnicos e intérprete de Libras.


As pesquisas desenvolvidas pelos acadêmicos são acompanhadas de atos públicos, com a presença de entidades engajadas na política de acessibilidade. Os encontros discutem diferentes assuntos relacionados à temática central, como a arquitetura e a sinalização do campus.

De acordo com Livia Couto, a política de acessibilidade inclui seis dimensões – arquitetônica, comunicacional, atitudinal, programática, metodológica e instrumental. Nessa fase inicial das atividades no Campus Arapiraca, o grupo tem focado os trabalhos em três delas: arquitetônica, que compreende um espaço sem barreiras físicas; comunicacional, para superar barreiras na comunicação interpessoal, escrita e virtual; e atitudinal, considerada a mais importante, já que consiste na ausência de preconceito, estigmas, estereótipos e discriminação.

"Agora, nós estamos com foco maior para pessoas cegas, com baixa visão e surdez. Então, estamos muito empenhados na sinalização, para que esses indivíduos possam decodificar as informações. Inclusive, uma das fases do projeto é pensar o *layout* da acessibilidade nas instalações do Campus Arapiraca", declarou a docente.

O projeto é responsável pela reconstrução do site do curso de Pedagogia do Agreste, com recursos de acessibilidade em todas as partes. A equipe também tem desenvolvido levantamento dos livros em Braille, presentes na Biblioteca da Unidade, já que um importante passo foi dado: todos os cursos do Campus Arapiraca devem disponibilizar versão digital dos seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), para serem acessados por pessoas com deficiência.

Os pesquisadores também têm tornado o projeto pedagógico do curso de Pedagogia acessível, com gravação de áudio e produção de vídeo em Libras e com legendas. No mês de maio, foi implantada uma campanha de voluntariado, para que todos os interessados emprestem sua voz para gravar o material da Biblioteca e os produtos sejam disponibilizados numa Audioteca da própria Universidade.

Para Livia Couto, o processo de interiorização deve ocorrer associado a políticas de acessibilidade, para que seja efetivo. "Pensar o interior com qualidade só é possível se não deixar ninguém de fora. A legislação é clara quando diz que a inclusão só existe quando se dá o acesso e a permanência. Queremos garantir essa permanência e torná-la suave", analisou. 

Edufal no Sertão

A única livraria
da região.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS

Edufal

Editora da Universidade Federal de Alagoas



 **Edufal**
Editora da Universidade Federal de Alagoas

www.edufal.com.br

Campus A.C. Simões | Campus do Sertão | Espaço Cultural

Educação indígena, rural e quilombola em debate

Projeto recupera memória oral de comunidades étnicas historicamente reprimidas

Por Myllena Diniz

Um grupo liderado por professores do curso de Pedagogia do Campus Arapiraca, em parceria com outras graduações da instituição, promove projeto de recuperação da memória oral de comunidades quilombolas, indígenas e do campo. As ações, coordenadas pela docente Neila Reis, buscam intermediar a educação e as suas interfaces entre grupos étnicos reprimidos ao longo da História do Brasil.

A principal atividade do grupo é o evento Educação e Formação Humana, composto por mesas temáticas sobre questões fundiárias, históricas, agroecológicas, culturais, tecnológicas e referentes ao saber. Os encontros contam com a participação de pesquisadores, organizações civis e líderes das comunidades. Em geral, os ciclos de debates ocorrem em datas comemorativas para os grupos analisados, como o Dia da Consciência Negra e o Dia do Índio.

"Nosso intuito é discutir as diversas temáticas da História e as memórias culturais que podem contribuir com a formulação de materiais didáticos e paradidáticos para as escolas. Trata-se de uma reflexão crítica e analítica, dentro do contexto social que sustenta a realidade desses povos", assegurou Neila.

Segundo a pesquisadora, a prática da educação escolar indígena, do campo e quilombola vai além do espaço das escolas e da Universidade. Para ela, a atuação junto a essas comunidades amplia a preocupação com questões culturais, cotidianas e trabalhistas.

"A gente precisa olhar com atenção o modo como os professores estão desenvolvendo a educação diferenciada

para esses grupos. É importante verificar se a legislação tem sido respeitada. Precisamos olhar para o quilombo, a aldeia, as comunidades rurais e as escolas como espaços vivos de histórias da comunidade contemporânea, não apenas com a visão folclórica e do passado", afirmou Neila Reis.

Formação de docentes diferenciados

De acordo com a coordenadora, a grande preocupação do projeto é com a formação de docentes e de profissionais de outras áreas do conhecimento que estabelecem relação direta com as comunidades indígenas, quilombolas e rurais, como no caso dos agrônomos.

"Há um legado cultural pelo qual os remanescentes das aldeias e dos quilombos vêm lutando. O século 19, por exemplo, foi muito desastroso para os indígenas, pela opressão a sua identidade étnica. A política de aldeamentos e desaldeamentos foi muito nociva, assim como a destruição das malocas indígenas foi um genocídio cultural. Então, temos o desafio de associar a educação tradicional à diferenciada, que respeita o calendário e as tradições desses povos", salientou Neila.

Diante desse panorama, a memória oral tem sido a ferramenta mais importante para o resgate da cultura e da história dos antepassados. Os relatos, transmitidos a cada geração, mantêm vivas as tradições daqueles que, por séculos, tiveram seus direitos ameaçados.

"Por meio da memória oral, os caciques trazem um pouco



Professora e pesquisadora Neila Reis e seu aluno indígena Jairá da Silva Santos

dessa luta e dessa trajetória dos povos indígenas pelo acesso à terra. O mesmo acontece com os remanescentes quilombolas e rurais”, reforçou a coordenadora do projeto.

De acordo com a pesquisadora, o docente deve ter a compreensão da realidade das comunidades rurais e de suas problemáticas históricas. Como a maioria dos materiais didáticos aplicados nas escolas de todo o Brasil possuem conteúdo voltado para acontecimentos das regiões Sul e Sudeste do País, cabe ao professor a missão de recuperar personagens locais e fatos protagonizados no Norte e Nordeste—como a resistência dos quilombos em Alagoas.

É preciso fazer mais

A operacionalidade dos governos ainda é um entrave para que a Educação no campo alcance as suas metas. Por isso, o projeto que nasceu na Universidade Federal de Alagoas impulsiona discussões sobre políticas fundiárias, legislação e docência. “Uma coisa é o que as pessoas conhecem por meio do senso comum, a outra é o conhecimento científico, sistematizado e buscado pela academia”, avaliou Neila.

A professora explica que há uma análise contínua para

saber o que o Estado tem oferecido às comunidades rurais e de que forma a legislação tem sido respeitada. Segundo Neila, o grande desafio é a implementação de condições estruturantes por parte do poder público e de um sistema educacional adequado para a realidade do campo.

“Há problemas financeiros e de infraestrutura. Algumas escolas, por exemplo, têm apenas duas salas de aula. Outro desafio é mostrar como a educação escolar indígena pode ser diferenciada, por meio da contratação de professores bilíngues [fluentes no Português e nos dialetos dos povos trabalhados], para fazer valer a lei e para que a língua de cada povo não seja esquecida”, detalhou a docente.

Para as próximas gerações

O projeto visa a pontuar e a reunir informações coletadas em entrevistas realizadas em aldeias e comunidades rurais. O material está em fase de digitalização e servirá de catálogo de fontes para as próximas gerações, além de contribuir com materiais didáticos de História do Brasil. Os dados também serão compilados para CD e DVD, com a finalidade de serem encaminhados às instituições de ensino.

A iniciativa é uma maneira de fomentar a construção do conhecimento e de estabelecer estratégias pedagógicas para as crianças, sem esquecer das tradições e dos rituais das comunidades. Além disso, impulsiona reflexões sobre a diversidade sociocultural e étnica.

“Houve um processo nefasto nas comunidades indígenas, desde a política do ministro de Pombal [no século 18], que implementou a língua portuguesa e proibiu a indígena. Com o tempo, isso transformou-se em um déficit estrutural e trouxe muitas consequências para a contemporaneidade”, destacou Neila.

Além de rememorar a identidade dos povos indígenas, quilombolas e rurais, o projeto tem compromisso com atividades de sustentabilidade, práticas de segurança alimentar e agroecologia. “Os projetos dizem respeito ao fato de a Universidade estar estreitamente vinculada à sociedade local, às comunidades e às escolas. Nós percebemos a riqueza da tradição e do conhecimento oriundos desses povos para a formação dos docentes”, salientou a pesquisadora. ➤

Em busca de resgatar tradição sertaneja

Pesquisadores selecionaram os municípios Delmiro Gouveia, Água Branca, Olho D'Água do Casado e Pariconha

Por Simoneide Araújo

Com a pesquisa *Identidade e Socioespacialidades no Sertão de Alagoas: Estudos Regionais sobre Cultura, Territorialidades e Ambiente*, a professora Ângela Fagna Gomes de Souza pretende retratar um pouco do que é a cultura sertaneja. A partir de quatro municípios selecionados, Delmiro Gouveia, Água Branca, Olho D'Água do Casado e Pariconha, o estudo busca resgatar tradições das comunidades locais e mostrar as potencialidades que cada grupo tem, especialmente suas peculiaridades.

Para a coordenadora do projeto de iniciação científica, a ideia é contemplar a pesquisa, dar visibilidade a essas pequenas comunidades que quase sempre não estão evidenciadas dentro do universo que é o Sertão alagoano. "Mapeamos os municípios alagoanos que compõem a região sertaneja por estarem mais próximos da realidade dos alunos envolvidos na pesquisa. São quatro alunos, sendo dois bolsistas e dois voluntários", explicou Ângela Fagna, que tem formação em Geografia e doutorado pela federal de Uberlândia.

A proposta do projeto é trabalhar com as comunidades tradicionais do sertão, de forma a resgatar sua cultura e tradições. "A ideia é contemplar a pesquisa, mostrar como são essas pequenas comunidades. Temos comunidades quilombolas, indígenas, assentamentos com traços identitários fortes com essa região", justificou.

De acordo com a coordenadora, a perspectiva da pesquisa é mostrar à academia e às próprias comunidades quais são seus potenciais de dança, de comida, de história, do traço da cultura, da herança negra, indígena. Tudo isso é um pouco do que vamos tentar evidenciar", ressaltou.

Ângela relata que a amostragem é pequena porque o grupo optou por trabalhar com a pesquisa qualitativa. "A ideia é que nossos alunos possam ir às comunidades,

conversem, conheçam o cotidiano dessas pessoas para saber, de fato, o que elas têm e podem nos mostrar. Em Delmiro Gouveia, identificamos quatro comunidades e temos um universo bastante diverso. No povoado Salgado tem o tear, a confecção de redes artesanais. Isso já é uma peculiaridade muito interessante para a gente pesquisar. Eles têm uma ideia de cooperativismo muito bem formada. Muitos jovens de lá são alunos da Ufal em vários cursos", revelou.

O assentamento Lameirão é outra comunidade escolhida. "No local, há o discurso muito forte da luta, da conquista pela terra e, hoje, eles estão criando estratégias para criação de tilápia. Eles cultivam a ideia de viver em comunidade mesmo. Uma das moradoras nos relatou que, apesar de cada um ser de uma localidade diferente, inclusive de outros estados, eles se consideram uma família. Eles tiveram de se adaptar ao clima do sertão", disse.

Outra comunidade visitada pelo grupo é reconhecida como quilombola. "Lá tem toda a herança e identidade cultural. A escola tem projeto de resgate envolvendo crianças e jovens com a capoeira e danças afro. No município de Pariconha, conseguimos o contato com uma aldeia indígena, a Caruazu, que tem uma herança mais forte. Tivemos uma receptividade muito boa. Lá tem a dança do toré e todo ritual. Eles preservam a tradição e vamos poder vivenciar esses momentos", revelou Ângela.

Reacender tradições

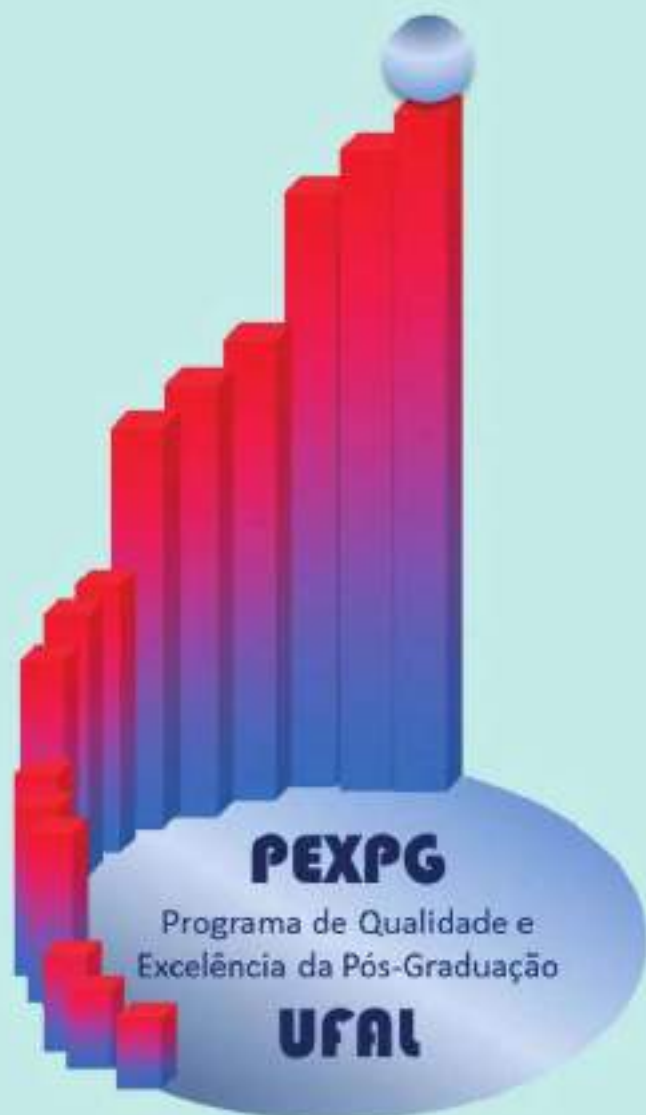
A Universidade está indo às comunidades para reacender as tradições locais. Para a coordenadora, a Ufal tem papel importante nesse resgate. "Temos todo um trabalho de aproximação com essas comunidades para conquistarmos a



Para Ângela Fagnó, a ideia é dar visibilidade a essas pequenas comunidades

confiança, porque a recepção tem de ser muito cautelosa. Explicamos com detalhes do que se trata, o que pretendemos, como vamos fazer as abordagens e se eles permitem que a gente retorne, para não chegarmos como intrusos”, explicou.

Segundo a professora, os alunos que fazem parte do projeto sentem muita empolgação com o fato de estarem pesquisando a região deles. “A importância da Universidade num trabalho desse com uma comunidade tradicional é justamente que não seja uma pesquisa nossa, mas que seja uma pesquisa deles e para eles. A ideia é dar visibilidade às comunidades e não dar visibilidade ao nosso trabalho, que é sempre uma relação mútua. Só vamos conseguir o que definimos no nosso projeto se eles [as comunidades] permitirem, pois lá há um conhecimento ainda muito superficial sobre a Universidade, que é uma instituição que vai implantar algum projeto. O trabalho está em andamento e temos uma perspectiva muito interessante de dar mesmo visibilidade às comunidades. O sertão alagoano tem muito a oferecer e a Ufal se dispõe a revelar um pouco do que é essa região”, completou. ➔



Qualidade em busca da Excelência



Estudo sobre doença em caprinos é apresentado nos EUA

Há comprovação de que a toxoplasmose pode ser transmitida também pelo sêmen de caprinos

Por Diana Monteiro

A realização de estudos científicos voltados ao desenvolvimento econômico local tem sido a rotina das ações acadêmicas na Unidade de Ensino de Viçosa, ligada ao Campus Arapiraca, onde funciona o curso de Medicina Veterinária. Uma delas trata sobre o acometimento da doença toxoplasmose em caprinos e, pela relevância dos resultados, a equipe envolvida foi convidada para apresentar o estudo no Veterinary Summit 2015, que aconteceu recentemente na Flórida-Estados Unidos.

Resultado da tese de doutorado da alagoana Flaviana Santos Wanderley, realizado no Programa Biotecnologia Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o estudo teve a orientação do professor Rinaldo Aparecido Mota, da instituição pernambucana, e coorientação do professor Wagner Porto, do curso de Medicina Veterinária da Ufal.

A pesquisa em caprinos comprovou que a toxoplasmose pode ser transmitida também pelo sêmen de caprinos, seja por inseminação artificial ou monta natural, comprometendo ainda o ciclo reprodutivo nessa espécie. A disseminação da doença em caprinos pode aumentar o risco de infecção do homem por meio do consumo da carne desses animais, bastante apreciada e comercializada na região sertaneja, onde se concentra a maioria dos criadores.

Parte das etapas práticas e científicas da pesquisa foi desenvolvida na Unidade de Viçosa, instalada na Fazenda São Luís da Ufal, onde os animais permaneceram até à conclusão do estudo, no Laboratório de Doenças Parasitárias. A pesquisa também resultou em artigos científicos publicados em periódicos internacionais.



Animais usados na pesquisa permanecem na Fazenda São Luís, em Viçosa

A toxoplasmose é uma doença parasitária causada por um protozoário denominado de *Toxoplasma gondii*, um parasita que tem como hospedeiro definitivo o gato, outros mamíferos e as aves são hospedeiros intermediários, podendo acometer o homem. A transmissão ocorre principalmente por meio do consumo de alimentos (carnes e vísceras cruas ou mal cozidas), vegetais e água contaminados com oocistos que são eliminados nas fezes dos felinos.

Na fase crônica, a toxoplasmose não tem cura e os indivíduos infectados podem ser assintomáticos ou não. Entre os danos à saúde estão distúrbios reprodutivos, má-formação fetal e abortos, tanto em animais como no ser humano. É causadora também de manifestações oculares e neurológicas, dentre outras.



Professor Wagner Porto (de preto) com a equipe de pesquisadores que está envolvida no estudo sobre toxoplasmose

Pesquisador faz alerta a produtores

O professor Wagner Porto destacou que o estudo realizado em parceria com a UFRPE, além de proporcionar o conhecimento científico, tem a finalidade de alertar os produtores para a tomada de ações e enfrentamento. Uma delas é implantar programas de controle que incluam a toxoplasmose como uma doença de transmissão pelo sêmen em caprinos.

"A pesquisa também serve para alertar os órgãos competentes e os produtores para a necessidade de testes nos animais utilizados como reprodutores e doadores de sêmen em centrais de reprodução existentes no país", enfatizou Porto.

O estudo realizado na Ufal e na federal rural de Pernambuco resultou na produção do artigo *Transmissão venérea de Toxoplasma gondii em cabras após infecção experimental de reprodutor*, publicado na revista *Small Ruminant Research* (vol. 123-2015). A partir dessa divulgação, a equipe foi convidada para participar de evento internacional *Veterinary Summit*, que congrega pesquisadores de referência mundial na área de veterinária.

O estudo

Para a pesquisa na Unidade de Viçosa, que acompanhou o

ciclo reprodutivo dos animais, foi feita a seleção de 20 fêmeas e três machos. As fêmeas foram divididas em quatro grupos destinados a dois experimentos: no primeiro [publicado no *The Journal of Parasitology*, 99 (4) 2013], foram utilizadas dez cabras, sendo cinco delas sadias [grupo controle] e nas outras cinco procedeu-se a inseminação artificial com sêmen contaminado com *Toxoplasma gondii*.

No segundo grupo, foram utilizadas dez cabras, sendo cinco sadias [grupo controle], acasaladas com um bode sadio; e outras cinco acasaladas com um bode experimentalmente infectado pelo parasito.

"Foi observado que no grupo controle [fêmeas sadias], a gestação e o nascimento dos cabritos transcorreram normalmente. No primeiro experimento, com as cinco cabras inseminadas com sêmen infectado, 80% das fêmeas apresentaram aborto ou reabsorção fetal entre outros distúrbios reprodutivos. No segundo [acasalamento com macho experimentalmente infectado], observou-se nascimento de cabritos debilitados, abortos e outros distúrbios reprodutivos. Constatou-se também que a maioria das cabras dos grupos infectados e alguns cabritos do segundo experimento tornaram-se reagentes para *Toxoplasma gondii* nos testes imunológicos realizados", disse Wagner Porto. ➤

Argumentação oral é incentivada entre alunos

Escolas do ensino médio de Arapiraca, Palmeira dos Índios e Penedo são alvo do projeto

Por Simoneide Araújo

Um projeto do Programa Pibip-Ação da Universidade Federal de Alagoas está sendo desenvolvido em escolas do ensino médio de Arapiraca, Palmeira dos Índios e Penedo. A proposta é estudar e desenvolver no aluno dessas unidades estaduais a habilidade de argumentar se utilizando de gêneros orais.

Trata-se do *Estudo dos gêneros orais argumentativos em sala de aula*. Segundo Deywid Wagner de Melo, doutor em Linguística pela Ufal e coordenador do Pibip-Ação do Campus Arapiraca, a escola não trata da argumentação e, quando faz isso, só trabalha com o texto escrito. "O que propomos é trabalhar o escrito e o oral, promovendo o debate em sala de aula e o gênero artigo de opinião, que, inclusive, já é privilegiado na Olimpíada da Língua Portuguesa", explicou.

A proposta do projeto é conhecer o que o estudante entende por argumentação, discutir isso nas escolas para que ele passe a ter condições de produzir a escrita e, também, desenvolva a capacidade argumentativa oral. "Queremos saber desse aluno da escola média o que ele argumenta, se ele entende o que é argumentação. Queremos que ele entenda que argumentar é entrar no universo do outro; não é um debate, é um processo de co-negociação, numa perspectiva totalmente diferente do que o senso comum pensa", justificou Daywid Melo.

A ideia do pesquisador é levar essa discussão para a escola. "A gente exige tanto que o aluno cresça e produza, mas que condições são dadas a ele? Queremos atingir mesmo o aluno, por isso, nossos bolsistas vão acompanhar o professor em sala de aula. Não vamos chegar na escola para dizer o que está sendo feito de errado. Nossa proposta é dar subsídio ao professor na questão teórica, lançar propostas para que ele possa atuar de modo a favorecer seu aluno, no sentido de desenvolver o argumentar na oralidade e, depois, na escrita", ressaltou.

Para Daywid Melo, o projeto busca colaborar com o professor da escola do ensino médio, para que ela possa aperfeiçoar sua metodologia usada em sala de aula. "Vamos entrar com o suporte para esse professor – se ele quiser, é claro



Professor Deywid Wagner de Melo, coordenador da pesquisa sobre gêneros orais argumentativos

– que nem sempre tem tempo para preparar uma aula. Para isso, contamos quatro bolsistas do 4º período de Letras e mais dois alunos colaboradores", disse.

Baseados nos ensinamentos de teóricos como Joaquim Dolz, Bernard Schneuwilk e Roseane Ribeiro, o grupo pretende levar o gênero debate para sala de aula. "Vamos acompanhar, gravar em áudio o que está sendo discutido e analisar, segundo a teoria que estamos adotando, para ver se realmente houve uma evolução; se os alunos conseguem argumentar e que tipo de argumentos são colocados; se eles conseguem construir de forma mais racional ou emocional. Vamos analisar o antes e o depois da nossa atuação em sala de aula", descreveu.

Durante todo o processo de desenvolvimento do projeto, a equipe vai estar sempre acompanhando e dando o *feedback* para o docente. "Isso vai permitir que esse professor possa expor para os alunos a evolução deles em sala de aula sobre o que é argumentação", exemplificou.

O que é Pibip Ação

O Programa Pibip-Ação é formado por projetos de pesquisa-ação que concorrem ao edital das pró-reitorias de

Extensão (Proex) e Pesquisa e Pós-graduação (Propep). Eles contemplam atividades relacionadas com as diversas formas de ação coletiva orientadas para a transformação social, desenvolvidas por professores, técnicos e alunos dos campi A.C. Simões, Arapiraca e do Sertão.

Os projetos propõem contribuir para o processo de formação profissional dos alunos, no tocante à prática de investigação científica aplicada. Caracteriza-se, efetivamente, como um processo educativo de formação, reafirmando o compromisso da Ufal com a sociedade. ➔

Projeto levanta bandeira da sustentabilidade

Alunos de Arquitetura criam peças com produtos reciclados

Por Myllena Diniz

Uma aula de criatividade e harmonia exposta em cadeiras, sofás, mesas e jardins verticais. Motivados pelo desejo de criar e fabricar, os estudantes Allan Oliveira, Eduardo Albuquerque e Filipe Brian colocam em ação o projeto Mão na Massa, uma iniciativa que teve origem na 5ª Semana de Arquitetura e Urbanismo (Semanau), sob a orientação da professora Elisabeth Duarte, no Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas.

O trio ainda está no 4º período da graduação, mas chama a atenção da comunidade acadêmica pelo talento, pela capacidade de criação e pelo acabamento de suas peças. Preocupados com o conceito de mobiliário sustentável, o grupo produz artigos de decoração com menor impacto ambiental, estética apurada e equilíbrio com a natureza. Além disso, desenvolvem um trabalho de conscientização ecológica, dentro e fora da academia.

«A forma atual de vida das sociedades, baseada no consumo desenfreado e no descarte indevido dos resíduos, gera um enorme impacto ao meio ambiente. Pensando nisso, o Mão na Massa busca reduzir o montante de substrato expelido pela sociedade, transformando-o em objetos que possam ser revertidos em prol dessa mesma sociedade. É o melhor: sempre mostrando que todos são capazes de realizar



Allan, Eduardo e Filipe colocam em ação o projeto Mão na Massa

isso», destacou Eduardo Albuquerque, integrante do projeto.

Segundo o estudante, o projeto é um estímulo à formação desses futuros arquitetos urbanistas e dá visibilidade aos seus trabalhos. O grupo já é responsável pela produção de cadeiras, sofás, mesas e, ainda, de todo o mobiliário da brinquedoteca do Campus Arapiraca. Alguns produtos do Mão na Massa estão expostos nos corredores da instituição, mas o trabalho completo dos garotos pode ser acompanhado pelas redes sociais @maonamassaufal (instagram) e facebook.com/maonamassaufal. ➔

Hortas transformam escolas em laboratórios de boas práticas

Projeto da Ufal é levado para unidades de Coruripe e envolveu cerca de 13 mil alunos

Por Simoneide Araújo

Escolas do Município de Coruripe, a 80 quilômetros da capital, mudam o ambiente árido e inóspito com a implantação de hortas e de arborização. Isso aconteceu em 20 unidades e as hortas implantadas serviram de laboratório, onde foram trabalhados a qualidade dos alimentos, o contato do aluno com a natureza e o entendimento de que, num pequeno espaço, é possível plantar hortaliças e ervas aromáticas. Além dos alunos que puderam levar para casa boas práticas, a comunidade também foi envolvida.

O projeto Horta na escola, coordenado pelo professor do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Alagoas, Wilson Porto, teve apoio da Prefeitura de Coruripe, por meio da Secretaria de Educação, e o acompanhamento da coordenadora ambiental da Semed, Patrícia Ramalho. O início foi em fevereiro de 2014 e de lá para cá, o resultado conseguido, em parceria com a Universidade Federal do Semiárido, foram 30 professores capacitados e 13 mil alunos participantes.

Para Wilson Porto, engenheiro agrônomo, mestre em produção vegetal pela Ufal, o grande pivô para a continuidade do projeto foi de Patrícia Ramalho. "A coordenadora ambiental tem dado suporte e foi a responsável pela manutenção do nosso projeto. Porque eu ia para as escolas, trazia os alunos de Medicina Veterinária, fazia as palestras, mas a continuidade foi de Patrícia Ramalho", afirmou.

Os 30 professores da rede municipal de Coruripe também foram a Mossoró-RN e a Universidade Federal Rural do Semiárido os levou para conhecer o projeto Quintal produtivo. " Fizemos a capacitação em Coruripe e, depois, o grupo passou uma semana em contato com docentes da federal do Semiárido, conhecendo horta orgânica o quintal produtivo que nada mais é do que produzir alimentos no quintal, em pequenos espaços", disse Wilson Porto.

Depois da capacitação, foram implantados vários quintais produtivos em Coruripe. Além das escolas, as comunidades também se envolveram no projeto e pais de

alunos ajudaram a implantar hortas e quintais produtivos. "Nossa proposta foi envolver as crianças os pais para que elas tivessem mais uma atividade na escola e que pudesse reproduzir em casa, além de mostrar a elas a importância de consumir alimentos saudáveis. Tudo que era produzido, era usado para complementar a merenda", destacou.

Os professores das escolas tiveram um papel importante na implantação e hábitos saudáveis. "Mesmo que só fosse plantado um produto, ele era usado na merenda. Por isso que consideramos que a horta foi usada como laboratório, porque os professores de Ciências levavam os alunos para aula prática. A germinação da semente, o crescimento da planta e todo conteúdo da disciplina poderia ser trabalhado na horta. Houve uma interdisciplinaridade porque não só foi vista a produção da planta em si, mas toda a cadeia produtiva, abordando o tema em várias disciplinas, inclusive o Português, com aula de ortografia, usando os produtos das hortas e escrevendo nas placas de identificação dos canteiros", completou Wilson Porto.

Hábitos saudáveis

A avaliação do projeto, segundo Patrícia Ramalho, é que a mudança foi geral. "Tivemos o engajamento dos professores e dos alunos e conseguimos capacitar as merendeiras para elas também incorporassem o projeto. Conseguimos capacitar as merendeiras para elas aprenderem a trabalhar com o reaproveitamento de alimentos e produzir a merenda usando alimentos orgânicos, aproveitando cascas e folhagens. Temos o engajamento de todos e vemos o brilho no olhar de professores e alunos, da creche ao nono ano. Como isso, nosso projeto está dando certo, porque nosso foco era a mudança de hábito e a implantação da alimentação saudável. Nossa horta é demonstrativa, porque não temos como atender as demandas da merenda, mas é por meio do contato com o projeto e com as hortaliças que as crianças estão aceitando comer mais saudável, experimentar novos alimentos", comemorou.

De acordo com Wilson Porto, a horta serve como despertar de alunos e professores para que eles conheçam, passem a adotar hábitos saudáveis e aprendam sobre educação ambiental. Os estudantes da Medicina Veterinária também foram envolvidos e, a cada 15 dias, eles iam a Coruripe dar palestras nas escolas sobre vários temas, como desperdício e qualidade de alimentos, zoonoses, entre outros. "Esse tema zoonoses foi importantíssimo e aconteceram várias palestras sobre tuberculose, brucelose e várias doenças que acometem os animais e são transmissíveis. Nós levamos o conhecimento científico para ser usado, na prática, com a comunidade e as escolas".

Um dos resultados do projeto foi a realização de uma

feira solidária, com a participação das 20 escolas do município: "As equipes levaram para Coruripe o que foi produzido nas hortas de cada uma delas e na comunidade. O que foi vendido, os recursos foram revertidos para as próprias hortas", disse Porto.

Os pais dos alunos tiveram um papel importante para que esse projeto se concretizasse e a implantação das hortas melhorou a qualidade da merenda. "As merendeiras foram capacitadas e agora conhecem cada alimento, como podem ser melhor usados e o que pode ser feito com cada um dos produtos da merenda. As merendeiras vestiram a camisa e trabalham com prazer", reconheceu Patrícia Ramalho.

O projeto trabalha muito a questão produtos orgânicos. "Tivemos todo cuidado para que na horta não fosse usado nenhum tipo de aditivo químico, até porque trabalhamos com crianças. Por isso que os participantes do projeto foram para Mossoró e, lá, os agrônomos passaram as técnicas para se trabalhar com produtos orgânicos.



Professor Wilson Porto, Maria Roseli e Eritan Carlos, diretor da Escola São Rafael

Terreno inóspito

A Escola Municipal São Rafael, no povoado Bom Sucesso, foi uma das unidades visitadas pela reportagem. O diretor, Eritan Carlos Mathias, disse que o pátio dessa escola era bastante inóspito. "Sempre tivemos vontade de mudar o ambiente da nossa escola e, agora, com o projeto Horta na escola e o apoio da Semed, conseguimos implantar e colher bons frutos. Temos o engajamento dos nossos professores, quer trabalham o tema alimentação saudável em sala de aula e também tem a parte prática na própria horta. Além da horta, também trabalhamos o meio ambiente, a utilização e ►



José Desuilton coordena o projeto de horta na Escola Santa Terezinha

o reaproveitamento de pneus e garrafas PET para delimitar o jardim da escola”, destacou.

A coordenadora do projeto da horta na Escola São Rafael é Maria Roseni Soares. A professora mostrou, com orgulho, o que conseguiram produzir: berinjela, quiabo, pimentão de vários tipos e tomate. “Nós trabalhamos com os alunos a importância de cada legume e verdura, levamos eles para a cozinha e lá fazemos bolo saudável e servimos no lanche o que eles ajudaram ou acompanharam o preparo. E nossos alunos também ajudam a limpar a horta e o jardim”, descreveu.

A merendeira Genilda Rodrigues dos Santos fala, orgulhosa, do prazer de ter os produtos frescos na própria escola para preparar saladas e ver como as crianças passaram a consumir legumes e verduras. “Seguimos o cardápio e, agora, fazemos arroz com legumes, risoto e farofa mais saudável e as crianças comem e ainda pedem para repetir. No começo, os alunos não gostavam muito, mas agora eles aceitam bem”, revelou.

Mudança de comportamento

Para o coordenador ambiental da Escola Santa Terezinha, José Desuilton da Silva, o projeto de implantação da horta mudou o comportamento dos alunos. Nosso espaço na escola é muito pequeno, por isso fizemos uma horta apenas demonstrativa e trabalhamos nas turmas a importância de se cultivar uma horta. Os alunos acompanhavam todas as etapas, a preparação do solo, adubação e plantio. Nós temos observado que, além da mudança de hábito alimentar, também amenizou o estresse na criança. Esse projeto uniu a família à escola”, descreveu.

José Desuilton foi capacitado e é agente multiplicador. Além dos servidores da escola, ele também teve o reconhecimento dos pais dos alunos. “Além de trabalhar a mudança de hábito, os professores também davam aula na horta e usavam os elementos existentes para os alunos aprenderem a medir os canteiros, contar e a escrever os nomes das verduras e legumes. Muitos pais me disseram que

depois da participação do filho no projeto horta na escola, houve uma mudança no comportamento, para melhor. Algumas famílias levaram para casa o projeto de horta e nós as ajudamos para implantar a horta no quintal, por pequena que seja”, contou.

Na Escola Municipal Maria Rocha, no povoado Pindorama, foi implantada uma horta demonstrativa com plantas medicinais e ervas aromáticas. Nesse projeto também foram usados tijolos ecológicos para delimitar os canteiros. De acordo a coordenadora ambiental Patrícia Ramalho, a Semed de Coruripe também iniciou o projeto de arborização e a espécie escolhida para melhorar o ambiente e o clima nas escolas foi o ipê amarelo.

De indisciplinados a participativos

A paixão, a responsabilidade e o envolvimento dos professores da Escola Municipal Francisco Amálio na implantação da horta levaram os alunos a também se apaixonar pelo projeto. “Esse foi e está sendo um projeto muito feliz. Temos uma mudança clara de alunos indisciplinados que hoje estão participativos, alunos com deficiência que também interagem, famílias satisfeitas de verem o filho gostar de frequentar a escola”, revelou a diretora Edna dos Santos Batista.

A mudança de hábito não está sendo fácil, mas a diretora garante que estão conseguindo. “Estamos conseguindo implantar o lanche saudável. Os professores ajudam quando dão aula falando dos benefícios das frutas e verduras e a equipe de nutrição do município já vem trabalhando para oferecer alimentação saudável na merenda. Também falamos com os pais para que eles colaborem e incentivem o lanche saudável”, garantiu a diretora, agradecendo a Wilson Porto por ter levado o projeto para Coruripe.

O professor Antônio dos Santos é o coordenador e o grande incentivador da horta na escola. Antônio recebeu capacitação e agora é multiplicador, repasse as informações para os demais professores da unidade. Para ele, houve uma mudança significativa no que se refere ao comportamento dos alunos.

Edna dos Santos ressalta que a escola já havia tentando implantar uma horta, mas sem sucesso. O solo não era bom, mas com persistência e capacitação a equipe conseguiu plantar vários tipos de hortaliças e legumes. ➔

A diretora Edna dos Santos, o coordenador José Antônio e Wilson Porto



Ufal transforma sonhos em realidade

É como definiram as seis irmãs que venceram barreiras, preconceitos e mudaram suas vidas e a da família

Por Simoneide Araújo



Como disse Euclides da Cunha em *Os Sertões*, o sertanejo é, antes de tudo, um forte. E é num cenário árido e sofrido que surge a história de Maria Rosineide Gonçalves, 25, uma jovem determinada que venceu barreiras econômicas e de preconceito para chegar ao ensino superior. De uma família de cinco homens e nove mulheres, Rosineide é a primeira das filhas de seu José Ednaldo Gonçalves e de dona Maria Aparecida dos Santos Gonçalves a entrar na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Uma menina de origem pobre, que estudou em escola pública de Delmiro Gouveia e conseguiu ser aprovada em Engenharia Civil na Ufal, sem fazer cursinho e na primeira tentativa. Para ela, foi um sonho que virou realidade.

Mas por que uma jovem do alto sertão decidiu fazer Engenharia? Ela responde sem deixar dúvida: "Sempre sonhei em fazer mesmo sem saber o que era esse curso. Na verdade, eu queria Engenharia ou Psicologia, que também não sei por quê. Concluí o ensino médio em 2007, mas não tinha condições de sair de Delmiro para fazer faculdade. Só que em 2009, quando fui me inscrever para o concurso do IBCE, uma amiga me disse que estava havendo inscrição para vestibular na Ufal. Eu duvidei porque não existia nem prédio", questionou.

Mesmo não acreditando, Rosineide foi convencida a fazer sua inscrição. "Foi uma correria para arrumar o dinheiro e consegui no último dia do prazo, mas quando cheguei ao local, não tinha internet. Aí um amigo se ofereceu para fazer a inscrição em Paulo Afonso, já que ele ia estudar lá; e assim foi feito. Faltando cinco minutos para encerrar, ele conseguiu me inscrever; foi um sufoco!", revelou.

Com a inscrição garantida, Rosineide sabia que teria de correr contra o tempo para revisar tudo e recuperar os dois anos que ficou sem estudar. Faltavam 45 dias para as provas e ela teve de reunir todos os seus livros e de suas irmãs para estudar tudo a tempo. Rosineide estudava todos os dias, de 7h da manhã até 11h da noite. "Onde eu morava não tinha energia elétrica e eu estudava com candeeiro", revelou.

Além da dificuldade para estudar, Rosineide também enfrentava o preconceito e a descrença dos parentes. "Em um dos dias da prova, passei antes na casa de minha vó, que estava doente, e meu avô perguntou para onde eu ia e avisei



Quando não estão na aula, as irmãs também fazem blocos para vender

que estava indo fazer prova do vestibular para a Ufal. Fiquei arrasada porque ele me respondeu dizendo: '- minha filha, você está pensando que isso é pra qualquer um? Aí eu respondi de imediato: '- E por acaso o senhor pensa que sou qualquer um?'. Saí de lá e fui chorando a estrada toda", lembrou emocionada, ao dizer que nesse dia conseguiu tirar a maior nota do processo seletivo.

45ª colocada

Após a etapa das provas, a ansiedade era pelo resultado. No dia que saiu a lista, Rosineide não conseguiu ver. No dia seguinte, o pai, seu Ednaldo, chegou em casa do trabalho com um pacote. "Ele disse, Rosineide, naquela caixa tem uns papéis para você. Eu nem imaginava o que seria, mas quando eu vi numa das listas que tinha um nome marcado com um xis, não acreditei; era o meu. Fui a 45ª colocada das 80 vagas ofertadas", disse, com os olhos cheios de lágrimas.

Rosineide entrou na Ufal em 2010.2 e, de lá para cá, vem tentando vencer as dificuldades. Ela está no oitavo período e conta que desde que entrou na Universidade conseguiu um auxílio e, após um ano meio, foi selecionada para um projeto de pesquisa, coordenado pela professora Viviane Costa, atual coordenadora do curso de Engenharia Civil. Foi assim que Neide, como é chamada pela família, conseguiu uma bolsa pelo Programa de Ações Interdisciplinares (Painter), o que garantiu sua permanência no curso com mais tranquilidade.

Determinada, Rosineide sabe o que quer e diz ter traçado seu caminho, vencendo cada etapa. "Sempre quis fazer faculdade, só não sabia como, porque não tinha condições financeiras. Na hora que chegou a oportunidade, com a Ufal em Delmiro, eu agarrei a chance e estou vencendo a cada dia", contou.

Próximo de concluir o curso, ela faz planos para ajudar a família, mas não quer parar de estudar. "Quero trabalhar para melhorar a condição da minha família. Mas também quero seguir carreira acadêmica, quero fazer mestrado e continuar estudando", declarou.



Cômodo que seu Ednaldo tem orgulho de dizer que é a sala de estudo dos filhos



As universitárias Raquel, Maria José, Rosineide, Rosilene, Rosivânia e Raqueline, filhas de seu Ednaldo e dona Aparecida

Exemplo seguido na comunidade

Rosineide está sendo um exemplo para as irmãs Rosilene, Raquel, Maria José e Raqueline, que também estudam na Ufal, em Delmiro, e para Rosivânia, selecionada na 3ª chamada do Sisu 2015. Ela vai cursar Pedagogia e é a sexta filha de seu Ednaldo a entrar na Universidade. "Neide é um exemplo não só pra nós, mas também para o povoado onde a gente vive. Tem alguns jovens que já pensam em fazer Ufal, porque estão vendo que conseguimos. Mas é engraçado, quando Neide chega nos lugares todo mundo se cala, fica tudo tímido. Acharmos que as pessoas têm vergonha de falar errado ou coisa do tipo", revelaram.

Raquel dos Santos Gonçalves, 22, está no 5º período de Pedagogia, mas seu sonho é fazer Biologia. "Quería muito ter feito Biologia, mas infelizmente não tem o curso em Delmiro e é muito difícil sair daqui. Escolhi Pedagogia e me apaixonei pelo curso. Quero me formar, trabalhar e, depois, quem sabe, fazer Biologia", previu.

Para Raquel, ter entrado na Ufal foi a realização de um sonho. "Se a gente não tivesse na Universidade, nosso caminho teria sido apenas a roça. A Ufal é uma oportunidade de mudarmos de vida. Sem ela, nossa família não teria como estudar fora; nenhuma de nós teria condições de sair para Maceió nem qualquer outro município", confidenciaram.

Rosilene dos Santos Gonçalves, 20, está cursando o 3º período de Letras. Sua paixão é gastronomia, mas escolheu Letras porque também sempre quis ser professora. Ela diz estar satisfeita com o curso escolhido, apesar das dificuldades para acompanhar o conteúdo.

Maria José Gonçalves, 31, está no 3º período de Pedagogia e Raqueline dos Santos Gonçalves, 19, no 1º período do mesmo curso. A mais velha dos 14 irmãos, Maria José lembra-se das dificuldades que a família enfrentou para elas concluírem o ensino médio. "A gente morava mais distante e andava uns quatro quilômetros a pé para chegar à escola. Quando chovia, tínhamos de passar por dentro do rio, com a água quase no pescoço. Como ninguém sabia nadar, a gente pegava uma corda e um pedaço de madeira para conseguir atravessar", contou.

Rosivânia dos Santos Gonçalves, 17, concluiu o ensino médio em 2014, fez Enem, inscreveu-se no Sisu 2015 e foi chamada para o curso de Pedagogia, mas vai fazer Enem novamente este ano para Engenharia. "Quero tentar mais uma vez", disse a mascote das seis irmãs universitárias.

Além de Rosineide, as quatro irmãs que já estão na Universidade também conseguiram bolsa pró-graduando [destinada a alunos com vulnerabilidade econômica] em 2014, o que ajudou e muito a permanência delas na Ufal. As meninas moram com a família no povoado Moreira de Baixo. As cinco andam 1,5 quilômetro a pé, de casa até a BR-423 e depois pegam transporte para Delmiro Gouveia. Só com passagem, gastam R\$ 50,00 por dia.

"Passamos o dia na Ufal. Como o dinheiro é curto e não dá para pagar almoço, levamos nossa marmitta de casa. Comemos frio mesmo porque não temos onde esquentar, mas estamos ansiosas para a abertura do Restaurante Universitário", contaram.

Um pai incentivador e orgulhoso

José Ednaldo Gonçalves, 51, conhecido na redondeza com Naldo de Eliseu, mesmo não tendo tido a chance de estudar quando jovem, sempre incentivou os filhos, para que conquistassem uma vida melhor e com menos sofrimento, diferente da sua. Ele trabalha como pedreiro e marceneiro e costuma dizer que seu maior desgosto é não ter conseguido estudar. Seu Ednaldo fez até a antiga 4ª série do fundamental e chegou a começar o telecurso, mas não conseguiu concluir. "Tinha de trabalhar muito para sustentar a família", desabafou.

Seu Ednaldo lembra com tristeza nos olhos o sacrifício de Rosineide para concluir a escola e de quando entrou na Ufal. "A gente morava mais distante e ela tinha de andar seis quilômetros de bicicleta, à noite, até chegar à pista, para depois pegar uma condução. Muitas vezes, eu saía do serviço cansado, sem tomar banho, mas ficava em Delmiro esperando para voltar com ela para casa. Ficava triste quando as pessoas duvidavam que ela estivesse estudando. Alguns chegavam a dizer que ela poderia estar em qualquer lugar, menos na aula. Mas eu confiava em minha filha e aí está a prova", contou.

Foi nessa época que ele decidiu começar a construir a casa onde eles moram atualmente. A família toda ajudou. Os filhos faziam os blocos, mexiam a massa e ajudavam o pai nos fins de semana. "Fizemos uma sala e um quarto aqui no Moreira de Baixo porque ficava mais perto para ela ir à Ufal. Ela sofria muito na época da chuva, era muita lama. Algumas vezes eu chorei vendo minha filha tão sacrificada", disse, emocionado.

Por muitas vezes, seu Ednaldo era chamado de tolo pelos parentes por incentivar seus filhos a buscarem um futuro melhor. "Muitos diziam que eu tinha de colocar eles na roça, que é futuro de pobre, mas eu prometi que meus filhos iam estudar e assim estamos fazendo. Não tive oportunidade, mas trabalho duro para dar o mínimo a minha família e eles também me ajudam. Todo serviço da casa e da roça são meus filhos e minha esposa que fazem. Invisto tudo nos meus filhos

Com artesanato, as meninas complementam a renda da família



“Muitos diziam que eu tinha de colocar eles na roça, que é futuro de pobre, mas eu prometi que meus filhos iam estudar”

para eles terem uma vida melhor”, revelou, com a voz trêmula.

Pois é, as universitárias e os irmãos, quando não estão na aula, vão para roça, fazem bloco para construção e, ainda, artesanato, no caso das meninas. “Quando a gente vai muito para roça, fica com as mãos tudo cheia de calo, grossas”, contou Maria José.

Rosineide complementa: “Eu sou uma futura engenheira, não quero trabalhar na roça, por isso estudo muito para mudar meu futuro e da minha família”.

Expectativa

Os rapazes, filhos de seu Ednaldo, ainda não quiseram tentar uma vaga no ensino superior. O mais velho dos homens, Roberlândio dos Santos Gonçalves, concluiu o ensino médio e foi para o Rio de Janeiro trabalhar. Hoje está casado e não sabe quando volta para perto da família. Já Rosinaldo dos Santos Gonçalves, 18, terminou o ensino médio em 2014 e quer seguir o caminho do irmão. Decidiu ir para o Rio de Janeiro, mesmo contra a vontade do pai e das irmãs.

A expectativa da família é que os outros três meninos, Reginaldo, que começou o 1º ano do ensino médio este ano, Ronaldo, que está na 6ª série, e o mais novo, Israel, de 7 anos, sigam o exemplo das irmãs e trilhem o caminho para a Ufal. As três meninas ainda menores são Roseli, 13, Regina, 14, e Raiane, 9. Todos estão estudando em escolas de Delmiro.

Essa é uma história que poderia estar nas páginas de um romance, mas é real e está sendo mudada a partir da chegada da Ufal no Sertão. A família de seu Ednaldo é um exemplo de confiança e de coragem. Mesmo com todas as dificuldades estampam um sorriso no rosto e acreditam que amanhã vai ser outro dia. ☺

Márcia Ferreira fez da educação o norte para sua vida pessoal e profissional



Pesquisadora inicia estudo aos 9 anos e hoje é mestre pela Ufal

Conheça a história da jovem que apostou todas as fichas na educação

Por Myllena Diniz

Exemplo de superação, Márcia Ferreira revirou o destino pelo avesso e encontrou na educação o norte para a sua trajetória pessoal e profissional. Desde o primeiro dia em que colocou os pés numa sala de aula, aos 9 anos de idade, a alagoana coleciona sonhos que a levaram ao mestrado em Diversidade Biológica e Conservação dos Trópicos, na Universidade Federal de Alagoas.

A paixão pelos livros acompanhou a garota, natural de Craíbas, município do Agreste de Alagoas, até seu ingresso na Universidade, em 2007. Logo, o encantamento transformou-

se em amor pela ciência, sempre aliado a seu esforço e sua dedicação. A licenciatura em Biologia sempre foi seu sonho, mas para realizá-lo a professora enfrentou uma maratona de obstáculos: das condições precárias da vida rural à dificuldade de acesso ao ensino superior.

Do campo para a cidade

Márcia Ferreira vem de uma família de agricultores assalariados e conhece, de perto, a realidade do campo. "Eu ►

sempre sonhei em sair da roça, para não depender da chuva para ter dinheiro e comida dentro de casa; deixar de ter as mãos calejadas; e ter condições de suprir as necessidades dos meus familiares”, destacou.

Para a licenciada em Biologia, a Universidade sempre foi o caminho sonhado para a transformação da vida da sua família. “Muita gente dizia que filho de pobre não podia fazer faculdade, mas eu sabia que conseguiria, porque o bom da vida é sonhar. Quando chegou ao interior, a Ufal transformou a realidade de muita gente, como foi o meu caso”, relembrou.

A pesquisadora soube aproveitar todas as oportunidades que a instituição ofereceu, como o auxílio estudantil – útil para suprir despesas com fotocópias, livros e passagens de ônibus. Sem renda suficiente para realizar a inscrição do vestibular, Márcia também ficou isenta da taxa cobrada aos candidatos e, para ingressar no Campus Arapiraca, estudou rigorosamente, como fez durante toda a vida escolar.

“A energia só chegou a minha casa em 2005. Antes disso, eu estudava sob a luz do candeeiro. Apesar de desgastar a minha vista, eu não perdia o foco... Como a universidade sempre foi a minha meta, eu lia tudo o que aparecia”, revelou Márcia.

A persistência é uma das suas principais características. No ensino fundamental, após dias inteiros de trabalho na roça, ela caminhava seis quilômetros, à noite, para chegar até a escola. No ensino médio, a caminhada passou a ser de quatro quilômetros até o ponto de ônibus. Na graduação, o percurso tornou-se ainda maior.

“Eu caminhava ou pedalava três quilômetros até a pista que ligava Craibas aos municípios vizinhos. Depois, pegava um ônibus para Arapiraca, onde eu pegava outro transporte coletivo até o campus. Na volta, eu refazia esse roteiro até chegar em casa”, detalhou.

Excelência acadêmica

Apesar das dificuldades, Márcia Ferreira encarou a vida acadêmica com dedicação e excelência. No final de 2010, antes de concluir o curso de graduação, foi aprovada para o mestrado em Diversidade Biológica e Conservação dos Trópicos, do Instituto de Ciências Biológicas (ICBS) do Campus A.C. Simões, em Maceió. Já na capital alagoana, a pesquisadora – que só conheceu o mar aos 21 anos – desenvolveu seus trabalhos no Laboratório de Ciências Marinhas (Labmar), situado no Museu de História Natural

(MHN), que tem vista panorâmica para a orla da Pajuçara.

“Hoje, eu trabalho vendo o mar e em contato direto com os peixes. Eu consegui muita coisa por meio da Universidade... Para muitas pessoas, isso pode não ter significado especial, mas é muito importante para mim. Eu represento o contrário da frase ‘filho de pobre não faz faculdade’. Não é fácil, mas é possível”, ressaltou Márcia.

Além de ter acesso ao ensino superior, a estudiosa construiu uma trajetória respeitável na pós-graduação. Com pesquisas sobre a idade de crescimento de tainhas da Lagoa Mundaú, Márcia conquistou o 3º lugar em excelência acadêmica no Encontro Brasileiro de Ictiologia (EBI), realizado em fevereiro deste ano, em Olinda-PE. Ela também teve trabalho reconhecido no Encontro Nordestino de Zoologia, em 2011.

A passagem pela Universidade também rendeu à Márcia a primeira viagem de avião, com destino a Argentina. Na ocasião, a pesquisadora foi contemplada com um curso no país vizinho e auxílio da Ufal. Se a terra já era uma velha conhecida e o mar deixou de ser um estranho, seria o céu o limite para essa jovem pesquisadora?

Superação

As conquistas de Márcia têm sido um estímulo para os jovens de Craibas, em especial para seus oito irmãos. Ainda repleta de sonhos e focada na carreira, a pesquisadora já reconhece as conquistas obtidas nos últimos anos.

“Minha história é de uma pessoa que venceu. Eu me sinto realizada, porque tudo foi muito

difícil. O meu ingresso na Ufal foi motivo de orgulho para toda a família, eu passei a ser uma referência. Hoje, posso dizer que sou a primeira a ter um salário e a primeira graduada da minha família”, salientou.

Fora de sua cidade natal, a pesquisadora também é referência para outros jovens. Em outubro de 2014, Márcia Ferreira voltou ao Campus Arapiraca, para ministrar minicurso sobre Ecologia dos Peixes, destinado a estudantes de licenciatura em Biologia. Segundo Márcia, regressar à Universidade como palestrante foi um dos momentos mais marcantes de sua vida.

“Foi uma emoção danada! É muito bom saber que já estive sentada naquelas cadeiras, como estudante, e voltei como profissional”, refletiu. ➤

“Minha história é de uma pessoa que venceu. Eu me sinto realizada, porque tudo foi muito difícil. O meu ingresso na Ufal foi motivo de orgulho para toda a família, eu passei a ser uma referência. Hoje, posso dizer que sou a primeira a ter um salário e a primeira graduada da minha família”

Pesquisa e formação de qualidade no interior

Pesquisador fala sobre experiência de ter participado do primeiro mestrado em Arapiraca

Por Pedro Barros

A interiorização da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), que completa 10 anos em 2015, tem facilitado o acesso ao ensino superior para as populações distantes da área metropolitana do Estado. Esse processo já deu seus primeiros passos para algo além: a pós-graduação.

Em 2012, no Campus Arapiraca, o Programa de Pós-Graduação em Agricultura e Ambiente (PPCAA), o primeiro *stricto sensu* do interior de Alagoas, iniciava suas atividades letivas. O curso foi reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2011 e tem contribuído para a formação de pesquisadores, professores acadêmicos e profissionais qualificados no interior.

Um dos beneficiados por essa implantação é o



Jhonatan David começou o doutorado no Centro de Ciências Agrárias

arapiraquense Jhonatan David Santos das Neves. Ele ficou em primeiro lugar na seleção do mestrado no semestre 2012.2. "Na época em que terminei minha graduação, não podia me deslocar para fazer meu mestrado", contou.

Jhonatan é formado em biologia pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneal), de Arapiraca. Seu Trabalho de Conclusão de Curso tratou de plantas medicinais e ele acabou tomando gosto pela pesquisa. Nessa fase, já tinha escrito para a revista científica *Ambientale*, do Programa de Pós-graduação em Gestão Ambiental da Uneal.

Depois de concluir sua dissertação sobre controle alternativo de pragas, ele está escrevendo um artigo para uma revista internacional e iniciando seu doutorado - também aprovado em primeiro lugar - em Proteção de Plantas, no Centro de Ciências Agrárias da Ufal (Ceca), em Rio Largo.

Pesquisa

O trabalho de mestrado de Jhonatan foi a criação de um selante feito com material acessível para controlar pragas de coqueiros. Intitulada *Utilização de selantes para o controle alternativo de coleobrocas do coqueiro (Cocos nucifera L.)*, a dissertação foi orientada pelo professor Aldomario Negrisoni Junior e parte dela foi realizada na unidade de execução de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), no Ceca. Também colaboraram os docentes Elio Guzzo e Adenir Teodoro, ambos da instituição parceira.

Coleobroca é um tipo de inseto designado com esse nome pela forma que ele perfura o coqueiro. "Eles fazem orifícios na planta, reduzindo sua produtividade e, com o tempo, causando sua morte. Testamos várias misturas de cimento, cal e cola para formar um selante que pode substituir o inseticida. Ele é aplicado no estipe - como é chamado o caule do coqueiro - para o controle de coleobrocas. É algo simples e de baixo



O reitor Eurico Lôbo e professores da Universidade recebem o estudante Jhonatan David, durante a entrega do certificado de conclusão do mestrado

custo, pois pensamos no homem do campo”, explicou. Essa espécie de massa funciona como uma camada colante que impede que o inseto fuja e ataque outras plantas.

“ O primeiro passo é acreditar no seu sonho. O segundo é acreditar que você é o protagonista dele. ”

Desafios e conquistas

Jhonatan já deu um retorno educacional para a sociedade arapiraquense. Ele colaborou com o Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais Indígenas (Prolind) e o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), ligados aos campi da Uneal em Arapiraca e Palmeira dos Índios.

Durante o mestrado, a luta foi para consolidar o curso recém-criado. “Eu vi o esforço dos professores e dos alunos para transformar o mestrado num programa de excelência. Nos sentimos na responsabilidade de mostrar que o interior também produz ciência de qualidade. Toda a minha história é no interior. Minha graduação, as pesquisas que realizei foram no interior”, disse.

Hoje, sua tese de doutorado concentra-se na ecologia química de insetos e sua meta é voltar para Arapiraca e ser professor universitário. O objetivo é concentrar-se nas suas áreas de pesquisa: controle biológico, ecologia e entomologia (estudo dos insetos).

“O primeiro passo é acreditar no seu sonho. O segundo é acreditar que você é o protagonista dele. Não é a universidade que vai fazer algo por você, ela está lá para ajudar, mas é você que tem que escrever sua história. Foi o que eu fiz e agora estou aqui”, concluiu. 📖

De Arapiraca ao mestrado na federal da Paraíba

Estudantes destacam a interiorização da Ufal como grande oportunidade oferecida aos jovens do Agreste

Por Lenilda Luna

Quando a sede do Campus Arapiraca foi inaugurada, em setembro de 2006, já havia uma expectativa de que a presença da Universidade Federal de Alagoas, no Agreste alagoano, fosse uma motivação a mais para que os estudantes do ensino médio da região tivessem acesso à educação superior. Para muitos, era impraticável financeiramente estudar em Maceió. Por causa dessa dificuldade de se manterem na capital, muitos estudantes desistiam de buscar uma formação universitária. Mas agora o cenário é outro; além da graduação, os jovens voam mais alto em busca da pós-graduação.

Em 10 anos, a Ufal em Arapiraca teve muitas conquistas. Os professores e coordenadores reúnem-se periodicamente com o reitor Eurico Lobo para fazer reivindicações, que são atendidas de acordo com as possibilidades administrativas da instituição. No entanto, apesar dos problemas a serem superados, existem vários exemplos da importância da interiorização da Universidade, a exemplo de Clemerson Menezes, Antonival Lopes, Djair Paulino e Ricardo Alves.

São muitos os relatos de estudantes que se destacam em grupos de pesquisa, aproveitam a oportunidade de participar de programas de intercâmbio, como o Ciência sem Fronteiras, e outros ainda que foram aprovados para cursar pós-graduação na Ufal ou em universidades fora do Estado. No caso de Clemerson, Antonival, Djair e Ricardo, eles concluíram a licenciatura em Matemática no Campus Arapiraca e estão cursando o mestrado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Esforço compensado

Djair Paulino é estudante oriundo da zona rural. Ele morava com a família no sítio Dionísio, em Igaci, cidade próxima a Arapiraca. "Desde cedo tive certa afinidade com a Matemática e sempre achei a profissão de professor uma das mais belas. Por isso, já no ensino fundamental eu sabia qual profissão seguir: professor de Matemática. Infelizmente, fazer uma faculdade não era uma realidade muito comum para os moradores do Sítio Dionísio, em Igaci. Eram muitas dificuldades", contou.



Estudantes e professores do Campus Arapiraca durante curso de Verão



Clemerson Mezzes, Djair Paulino, Antonival Lopes e Ricardo Alves, mestrandos em Matemática na Universidade Federal da Paraíba

Mas, com o apoio da família, dos colegas e professores da Escola de Coité das Pinhas, onde estudou no ensino fundamental e médio, Djair, ainda no terceiro ano, passou no vestibular da Universidade Estadual e Alagoas (Uneal) e depois na seleção da Ufal em Arapiraca. "Estudar na Ufal foi uma oportunidade única. A partir daí, pude ter uma nova perspectiva, diferente de trabalhar na roça e aprender uma matemática diferente da ensinada no ensino médio. Assim, concluí que queria aprofundar meus conhecimentos nessa área", ressaltou Djair.

Durante a graduação, ele superou as deficiências no aprendizado para acompanhar as disciplinas do curso, enfrentou as dificuldades financeiras e o cansaço com o trajeto de Igaci a Arapiraca. Djair conseguiu ser selecionado para bolsas de monitoria e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). "Com as monitorias pude aprender bastante e compartilhar um pouco do que tinha assimilado", afirmou o estudante.

Já durante a graduação, Djair começou a avaliar as possibilidades de fazer mestrado. O primeiro passo foi inscrever trabalhos em eventos científicos. "Um dos trabalhos foi aceito e apresentado no Colóquio de Matemática da Região Norte. Tivemos orientação dos professores Ornan Filipe e Moreno Bonutti, os quais falaram da UFPB e a indicaram como uma ótima universidade para eu e meus

amigos fazermos mestrado. Pesquisei como funcionava, o que precisava para entrar e comecei a estudar para alcançar esse objetivo", contou.

Escolha

O final de 2014 foi estressante, com muito trabalho e decisões importantes para o estudante. Ele teve que correr para adiantar o Trabalho de Conclusão de Curso a tempo de fazer o curso de verão do mestrado. Para fazer esse curso, ele abriu mão de ser empossado em dois cargos, para os quais foi aprovado em concurso público, na Caixa Econômica e no Banco do Brasil. "Muitos me chamaram de maluco, mas não era em um banco que eu queria trabalhar pelo resto da minha vida. Embora minha família não tenha concordado muito, acabou me apoiou", narrou Djair.

O esforço foi compensado. Djair Paulino tirou dez na prova de seleção do mestrado em Matemática da Universidade Federal da Paraíba, passando em primeiro lugar. "Minha alegria foi imensa! Era mais um objetivo sendo concluído, em meio a tantas dificuldades, foi uma mistura de bons sentimentos. Minha família ficou muito contente, assim como eu, em especial meus pais. Sei que terminar o mestrado não é uma tarefa fácil, mas batalharei para cumpri-la", garantiu o estudante.

Não desistir na primeira reprovação

Para os estudantes que decidem continuar a carreira acadêmica numa pós-graduação, ser reprovado é uma frustração bem difícil de superar. Mas Clemerson Menezes passou por isso e seguiu adiante. Ele tentou a seleção do mestrado em Matemática na Ufal e não conseguiu. Depois resolveu tentar na UFPB e foi aprovado. "Alguns professores da Ufal foram alunos do PGMAT [Programa de Pós-graduação em Matemática] da UFPB e me falaram muito bem sobre o programa", contou Clemerson.

O mestrando está muito bem adaptado na capital paraibana e se dedica à linha de pesquisa em que mais se identifica. "Um ponto chave para mim na UFPB é a existência, em seu programa, de alguns docentes que pesquisam em Geometria Algébrica, uma linha de estudos em Matemática da qual sou apaixonado. Por fim, não poderia deixar de lembrar da bela João Pessoa... Maravilhosa!", comemorou o estudante.

Sobre o Campus Arapiraca, Clemerson considera que o período de graduação foi fundamental, apesar de algumas deficiências. "Estudar na Ufal em Arapiraca foi, sem dúvidas, uma experiência bastante enriquecedora para mim. Os docentes mantêm uma relação forte de amizade com seus discentes e, sem dúvida, isso é um adicional na nossa formação. Posso dizer que os amigos que fiz no campus foram muito importantes e são a minha segunda família", considerou.

O estudante destaca a dedicação dos professores da graduação em Matemática, mas sugere algumas alterações na grade curricular. "Os docentes do Campus Arapiraca são bastante competentes em seus trabalhos e se doam ao máximo para oferecer um apoio aos alunos que almejam ingressar em uma pós-graduação, em particular, em Matemática Pura. Acredito que deveria haver uma mudança na grade, pois cursar uma pós-graduação em Matemática Pura sem um base sólida é extremamente difícil", ressaltou Clemerson.

Um divisor de águas

Quando Antonival Lopes do Nascimento Filho cursava o ensino médio, entrar numa universidade não era uma possibilidade sobre a qual ele refletia muito. "Eu não entendia muito sobre curso universitário e nem sabia que curso ia fazer. Foi por intermédio de uma colega que fiz a inscrição para o



Tony apresentando trabalho em evento científico durante a graduação

“ Estudar na Ufal foi uma oportunidade única. Pude ter uma nova perspectiva, diferente de trabalhar na roça. Lá pude aprender uma matemática diferente da ensinada no ensino médio e concluí que queria aprofundar meus conhecimentos na área ”

vestibular e conquistei uma vaga no curso de Matemática da Ufal em Arapiraca. Entrar na Universidade foi um divisor de águas na minha vida, pois foi nela que meus olhos se abriram para as oportunidades de trabalho e estudo outrora jamais por mim imaginadas”, relatou.

Com o apoio dos colegas de turma, o estudante, conhecido como Tony, buscou tirar o melhor proveito da graduação. "Participei de congressos estaduais, nacionais e internacionais, nos quais, em sua maioria, apresentei minicursos e oficinas, geralmente acompanhado de colegas de turma", contou.

Atualmente, Tony Lopes está se dedicando ao mestrado em Matemática na UFPB e considera que a graduação no Campus Arapiraca foi fundamental para essa conquista. "Graças à interiorização das universidades federais pude cursar, em minha própria cidade, algo que eu passei a querer. Sou grato também a Deus, a minha família e amigos por terem me ajudado sempre; sem eles eu não conseguiria", agradeceu o estudante. ➔

A história da 1^a engenheira formada no Campus do Sertão

Stephane Andrade transformou o amor pelos estudos em sucesso na vida profissional

Se a trajetória acadêmica fosse uma competição, Stephane Andrade já seria tricampeã. A jovem de 22 anos teria sido escalada em 2010 e estaria no topo da lista — como aconteceu quando obteve a primeira colocação no vestibular para o Campus do Sertão. Natural de Delmiro Gouveia, a universitária revelou a garra, a determinação e a persistência do sertanejo quando se tornou a primeira engenheira civil formada no semiárido alagoano, em janeiro deste ano.

Primeira colocada no vestibular, primeira a apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Engenharia Civil no Campus do Sertão, primeiro membro da família graduado e primeira aluna de sua turma a ingressar no mestrado. Na vida e na academia, Stephane coleciona primeiros lugares.

Para ela, a profissão escolhida nunca foi uma dúvida. "Sempre me identifiquei com as exatas e, depois, percebi o crescimento do mercado de trabalho na área da construção civil", ressaltou. Mas foi a chegada do ensino superior ao município de Delmiro Gouveia que tornou seu sonho uma realidade. "Sem a presença da Ufal aqui, seria muito mais difícil. Nem todo mundo tem a oportunidade de morar fora para estudar. Além disso, nós percebemos as transformações locais, já que a vinda de novos moradores estimulou a nossa economia", detalhou a jovem engenheira.

Vida universitária

Assim como aproveitou a oportunidade quando a Ufal chegou ao Sertão, Stephane também transformou o ingresso na instituição num caminho para novas conquistas. Durante a graduação, esteve envolvida em atividades extracurriculares e levou seu conhecimento para quem mais precisava.

"Eu participei de um projeto de extensão que busca incentivar o estudo de Matemática para alunos das escolas públicas e dos programas de Educação de Jovens e Adultos. Além disso, desenvolvemos trabalhos de conscientização sobre o uso da água, com o intuito de gerar impactos na comunidade. Eu tive a oportunidade de compartilhar meu conhecimento", explicou.

Com histórico acadêmico exemplar, também assumiu a monitoria das disciplinas de Cálculo Numérico e Hidrologia — essa última foi sua grande paixão e motivou a produção do seu TCC. Para concluir seus cinco anos de graduação, Stephane Andrade decidiu realizar estudos sobre o dimensionamento de cisternas tipo calçadão associado à variabilidade pluviométrica do município de Delmiro Gouveia.

Segundo a engenheira, há muitas cisternas instaladas na região, mas elas são construídas sem análise prévia das

variáveis e da hidrologia de cada localidade. "Coletamos dados pluviométricos para caracterizar a distribuição de chuvas no município. Essas informações permitem indicarmos o dimensionamento correto das áreas do calçadão que possuem captação adequada para a garantia do armazenamento do volume de água necessário para a demanda da zona rural", destacou.

Os resultados obtidos na pesquisa revelam que é possível reduzir os riscos da falta d'água com pouco investimento e podem beneficiar a agricultura familiar. "O estudo traz muitos impactos para a Economia, porque essas cisternas são utilizadas para a agricultura e a criação de gado — as principais



Stephane transformou seu tempo na Ufal em um caminho para novas conquistas

fontes de renda da região. Além disso, podem ser feitas com a contribuição da mão de obra local, o que pode baratear seu custo e gerar empregos", salientou Stephane.

Da graduação para o mestrado

Antes mesmo da colação de grau, a experiência de Stephane na área de Hidrologia lhe garantiu o ingresso no mestrado de Recursos Hídricos e Saneamento da Ufal, ofertado no Campus A.C. Simões, em Maceió.

Com a conquista, a nova engenheira faz uma retrospectiva de sua trajetória acadêmica: "Quando comecei, o Campus do Sertão não tinha nem a própria sede e nossas aulas eram realizadas numa escola pública. Então, eu vi tudo isso aqui crescer, vi a biblioteca ser implantada, a Edufal [Editora da Ufal] chegar e a estrutura melhorar bastante... Hoje, saio daqui com as melhores expectativas possíveis e rumo ao mestrado", refletiu. ➔

A Força da Interiorização

Janieide Domingos da Silva é a primeira diplomada da Ufal em Santana do Ipanema

Por Deriky Pereira

Todo mundo sonha em fazer um curso superior com ensino de qualidade. Quando esse sonho se torna realidade, o momento deve ser comemorado e aproveitado com muita dedicação. Foi assim quando, a partir do ano de 2010, a Universidade Federal de Alagoas chegava ao Sertão. Com dois polos de ensino, a maior instituição pública de ensino superior do Estado dava mais um passo na consolidação de sua interiorização, levando ainda mais desenvolvimento para Delmiro Gouveia, onde fica a sede do Campus do Sertão, e Santana do Ipanema, a unidade avançada de ensino.

Hoje, cinco anos depois, a Ufal no Sertão colhe seus primeiros frutos: Janieide Domingos da Silva, a mais nova profissional da área de Ciências Contábeis é a primeira diplomada da instituição em Santana do Ipanema, local onde cursou sua graduação. Aprovada em seu primeiro vestibular, Janieide nos conta que escolheu o curso por acreditar ser uma área inovadora. "Além de ter uma vasta quantidade de empregos e que auxilia muitas pessoas e a situação das empresas, escolher esse curso era uma coisa que eu tinha em mente", complementou.

Janieide não esconde a felicidade de ter feito parte de uma instituição federal que está presente no interior com força e vontade de crescer ainda mais. Para ela, a presença da Ufal no Sertão é um marco. "Principalmente para quem mora no interior e sabe as dificuldades de cursar uma faculdade na capital, todo custo, dificuldade de locomoção e emprego. Então, a Ufal em Santana possibilita, justamente, para quem não pode se deslocar do interior para a capital, ter a oportunidade de cursar uma graduação da mesma forma como ocorre em Maceió, com toda disponibilidade e qualidade da Universidade no interior", vibrou.

Abrindo portas

Para quem está disposto, seja a aprender ou a ensinar, o conhecimento nunca é demais. Por isso, Janieide acredita num maior desenvolvimento, para a cidade e para os

estudantes, a importante presença da Ufal no interior. "Com certeza, gera mais empregos, a cidade vai se desenvolver mais e, conseqüentemente, uma expansão maior de crescimento e desenvolvimento dentro da Unidade de Santana do Ipanema", salientou.

Por outro lado, a Ufal não leva apenas o nome de instituição para o interior. Seus projetos de pesquisa e extensão, aliados à qualidade na graduação, reforçam sua triade e abrem oportunidades para estudantes e docentes mostrarem, cada vez mais, seus talentos e aprendizados.

Com Janieide não foi diferente. Ela atuou como bolsista do projeto da Ufal, o Programa de Ações Interdisciplinares (Painter). Seu trabalho, intitulado *A Ética na Contabilidade*, visava estudar a forma com a qual os contadores estavam atuando na cidade no tocante à ética. "Participar do Painter foi muito interessante e importante para o meu crescimento profissional e para conhecer, na prática, como é a

“ A Ufal em Santana possibilita, justamente, para quem não pode se deslocar do interior para a capital, ter a oportunidade de cursar uma graduação da mesma forma como ocorre em Maceió ”



Janieide Domingas da Silva, ao lado do pai, na colação de grau realizada na Reitoria do Campus A.C. Simões, em Maceió

contabilidade. Dentro da Universidade é uma coisa, mas quando você começa a expandir, ter contato com a comunidade é diferente. Para a questão da profissão, foi algo muito bom”, comemorou Janieide.

Um futuro pela frente


Acompanhada pelo pai, Janieide chegou ao prédio da Reitoria, no Campus A.C. Simões, em Maceió, feliz e emocionada. Minutos antes de entrar no auditório, para receber seu tão esperado diploma e ser contemplada como a primeira aluna da Ufal no Sertão a colar grau, conversou com nossa reportagem e revelou que, em sua vida, aquele momento pode ser considerado algo indescritível.

“Muito emocionante e prazeroso. É uma satisfação enorme, ainda mais sendo a primeira... Devido a toda dificuldade que tive, o que quase me fez abandonar meu curso, mas... é indescritível. Não há como descrever essa sensação. Um pouco triste, no entanto, por não estar colando grau com a minha turma, mas... agradeço muito a Deus por ter chegado até aqui. É uma sensação de dever cumprido e estou muito contente!”, disse, emocionada, ao lado do pai,

sempre com um enorme sorriso no rosto, demonstrando emoção de estar presenciando aquele momento tão esperado e sonhado, não só por sua filha, mas por ele também.

O programa

O Painter é um programa interdisciplinar, que envolve as pró-reitorias Estudantil (Proest), de Graduação (Prograd), de Extensão (Proex), de Pesquisa e Pós-Graduação (Propep) e de Gestão Institucional (Proginst). Segundo a vice-reitora Rachel Rocha, o objetivo é direcionar a bolsa pró-graduando, ex-permanência, para a formação acadêmica dos alunos participantes. “Esse programa tem caráter interdisciplinar para permitir a atuação de alunos e professores de diversas áreas do conhecimento”, destacou a vice-reitora.

Além disso, busca contribuir com a melhoria do desempenho acadêmico de alunos com vulnerabilidade socioeconômica e, assim, consolidar sua permanência na Universidade. “Também pretendemos incentivar novas estratégias de desenvolvimento e modernização dos cursos de graduação na Ufal”, completou Rachel. 

Primeiro emprego com carteira assinada e a chance de mudar de vida

Núbia de Lima presta serviço na Ufal e também é aluna do curso de Geografia no Sertão

Por Simoneide Araújo

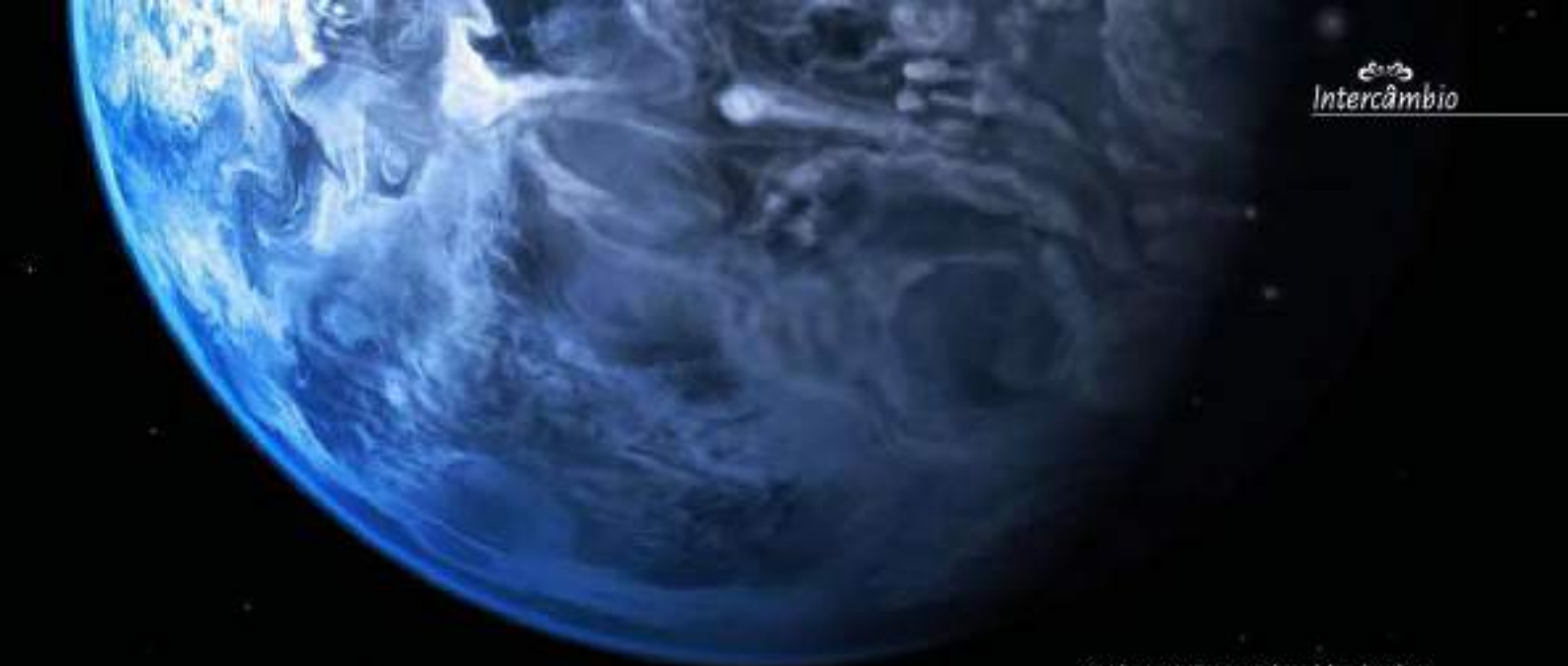
Como muitas mães de família, ela cuida da casa, do filho, o pequeno Gustavo, de 6 anos, ajuda nas tarefas da escola, à tarde trabalha na Universidade Federal de Alagoas e, à noite, é aluna do curso de licenciatura em Geografia, no Campus do Sertão. Essa é Núbia de Lima, 25, que teve a vida mudada com a chegada da Ufal à região sertaneja. Além de ter seu primeiro emprego com carteira assinada, ela conseguiu fazer o Enem e passar no Sistema de Seleção Unificada (Sisu) logo após terminar o ensino médio.

Núbia trabalha há três anos e meio na empresa que presta serviço de limpeza à Universidade e é aluna desde 2014. "Quando eu fui chamada no Sisu senti uma felicidade imensa porque se não fosse a Ufal eu não conseguiria fazer um curso superior. Minha família comemorou muito. Sou a única que conseguiu chegar à Universidade. Meus familiares e parentes mal conseguiram chegar à 5ª série", desabafou.

Natural de Santana do Ipanema, Núbia mora em Delmiro Gouveia há algum tempo e diz vencer as dificuldades a cada dia. A maratona de Núbia começa cedo e só termina de madrugada. Quando ela chega da aula, vai estudar para

provas e trabalhos do curso porque durante o dia não tem tempo. "Minha jornada é pesada, mas estou vencendo. Além de ter sido difícil entrar na Ufal, tenho de conviver com a resistência do meu marido, ele não quer que eu trabalhe nem estude, mas eu sou mulher retada e não desisto do meu sonho. Eu estudei em escola pública e quando terminei o ensino médio fiz o Enem e consegui passar no Sisu. Hoje, já estou no segundo período do meu curso", contou.

Segundo Núbia, o Campus do Sertão chegou para transformar sonhos em realidade. "A Ufal é uma oportunidade que eu e muitos jovens temos de mudar de vida. Até a Universidade chegar ao Sertão, a gente não tinha esperança de nada, nenhuma perspectiva. Agora, a gente sonha e ver esse sonho concretizado, pensa mais no futuro. Além de aluna eu sou funcionária e estou zelando do campus não só para mim, mas para todos poderem usufruir dele. Há muitas oportunidades não só pra mim, mas para meu filho e meus futuros netos, porque considero que só com estudo a gente pode conseguir um futuro diferente e ter uma vida, melhor", revelou. ➤



O Planeta HD 189733b está localizado na constelação Vulpecula, a 63 anos luz da Terra

De Igaci para a Nasa

Conheça a história do estudante alagoano que ajudou a processar mais de 180 mil imagens feitas pelo Hubble

Por Pedro Barros e Wende Evangelho

Você já sonhou em conhecer o espaço? O Ciência sem Fronteiras (CsF) tem levado estudantes brasileiros para os quatro cantos do planeta, mas nunca levou para fora dele. Talvez, quem chegou mais perto disso foi o alagoano Walysson Vital. Natural de Igaci, Agreste do Estado, o estudante passou no vestibular para Ciência da Computação, no Campus Arapiraca da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Aos 20 anos de idade e no 5º período do curso, o aluno se deparou com a oportunidade de realizar um sonho de infância: desvendar os mistérios do universo. Num instituto de pesquisa ligado à Nasa, agência espacial dos Estados Unidos, Walysson colaborou com a finalização das imagens digitais fornecidas pelo telescópio espacial Hubble, entre elas as das galáxias mais remotas já vistas por olhos humanos.

A astronomia era uma antiga paixão de Wallyson. "Antes de ingressar na Ufal, cursei o Técnico em Informática, no Instituto Federal de Alagoas (Ifal), em Palmeira dos Índios.

Desde pequeno eu quis estudar os mistérios do Universo, mas como não existe um curso de Astronomia aqui no Estado e eu já tinha um *background* na área de Computação, decidi seguir nessa área. Ainda assim, sempre pensei em fazer algo relacionado à Astronomia", contou.

Durante o processo de seleção do programa para a Universidade Católica da América (UCA), em Washington, o estudante entrou em contato com a astrônoma brasileira e também professora daquela instituição, Duília de Mello, conhecida como a "Mulher das Estrelas", por seu trabalho de divulgação da ciência. "Eu já tinha lido notícias sobre intercambistas do CsF na Universidade Católica da América, que tinham estagiado na Nasa durante o verão de 2012. Então, já no finalzinho do processo de seleção, esperando apenas o aceite, entrei em contato com ela [a professora Duília], demonstrando interesse em estudar lá", contou.

Walysson se matriculou em duas disciplinas da pesquisadora. "Fui aluno de Duília nas disciplinas Introdução ▶

à Astronomia, considerada pelos alunos a melhor matéria da universidade, e de Pesquisa Independente, durante dois semestres”.

Graças à disciplina de Introdução à Astronomia, o estudante conheceu Buzz Aldrin, o segundo homem a pisar na Lua. “Particpei de um projeto em que tivemos de fazer visitas ao Museu Aeroespacial Nacional do Smithsonian e comentar sobre suas exposições. Buzz estava no museu para uma sessão de autógrafos de seu livro *Mission to Mars*, que adquiri”, contou.

Como se não bastasse, a UCA é parceira do *Space Telescope Science Institute* [Instituto Científico do Telescópio Espacial], que presta serviços à Nasa e realiza pesquisas com o telescópio espacial Hubble. O centro de pesquisas fica na cidade de Baltimore, no Estado de Maryland, onde Walysson realizou um programa de estágio de verão. Lá, foi orientado por outro brasileiro, Alex Viana. “Foi ele quem me direcionou em todas as atividades. Os instrutores passavam tarefas como, por exemplo, melhorar o desempenho de alguma parte do projeto”, relatou.

Planetas em pixels

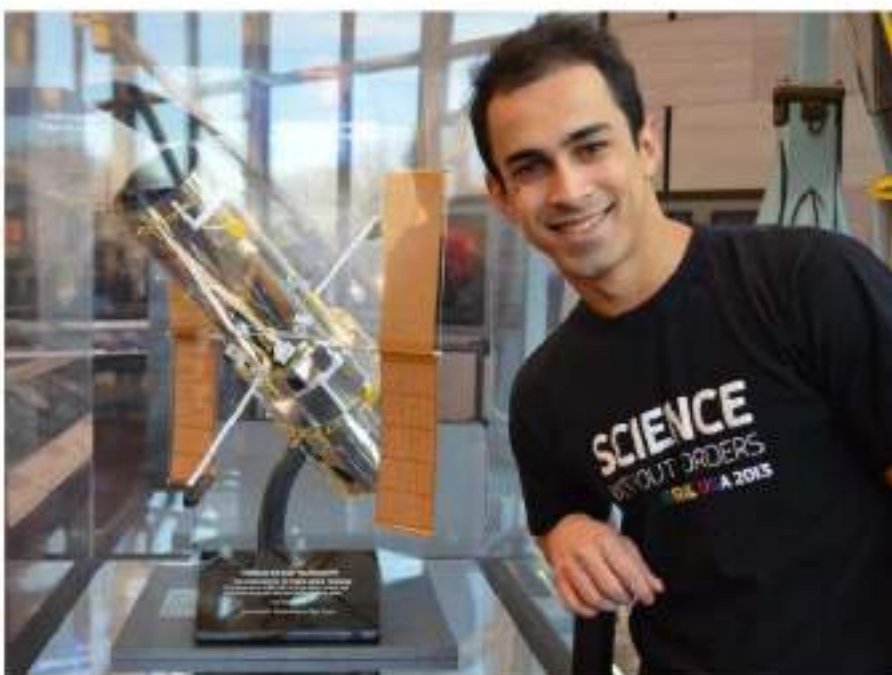
A 612 km de distância do solo, orbitando o globo terrestre, o *Hubble* é capaz de fazer imagens de planetas, estrelas, galáxias e outros corpos celestes com uma nitidez que nenhum telescópio na Terra consegue alcançar, por maior e mais potente que seja. “Ele não é muito grande, só tem dois metros e meio. Na Terra, nós temos telescópios muito maiores que isso. Mas, como ele está fora da atmosfera, a luz não sofre tanta interferência”, explicou Duília, que também é pesquisadora do Instituto.

Com a ajuda de computadores, porém, essas imagens podem ficar ainda melhores. Foi aí que Walysson pôde juntar sua formação acadêmica com sua paixão. “Trabalhei no projeto *The Moving Target Pipeline*, que melhora a qualidade das imagens obtidas pelo *Hubble*, com a correção de pixels, e obtém as posições celestes dos objetos presentes nelas. Toda informação é adicionada num banco de dados e as imagens em disco”, explicou o estudante. Segundo ele, o material produzido pode ser utilizado em diversos outros projetos, principalmente voltados para a divulgação direcionada ao público em geral, numa área que chamam de ciência do cidadão, *citizenscience*.

Walysson trabalhou com um número gigantesco de imagens. “Processei mais de 180 mil imagens que faltavam. Levou duas semanas para terminar essa etapa, isso porque eu implementei a funcionalidade de executar o programa em vários núcleos dos processadores dos *clusters* [conjuntos de computadores que trabalham como se fossem uma única máquina] do instituto, o que agilizou o processo”, explicou.

Ele colaborou com o projeto *Hubble Deep Field*, que gerou uma imagem de uma pequena porção do céu visto daqui, mas que possui quase três mil galáxias.

Segundo o intercambista, a tecnologia ajuda a detectar galáxias em colisão, o que pode estar relacionado ao processo evolucionário desses gigantes corpos celestes. “Isso pode nos levar a melhor compreender o que aconteceu, acontece ou acontecerá com nossa Via Láctea. Eu fui o responsável pela implementação da ferramenta que detectava os possíveis pares de galáxia que estavam num processo de colisão”, explicou.



Walysson Vital ao lado de uma miniatura do Telescópio Hubble

De volta para Alagoas

O sonho de trabalhar com astronomia não terminou ao voltar para o Campus Arapiraca da Ufal. Graças à necessidade da pesquisa por novas soluções digitais, Walysson resolveu dedicar seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a sua paixão. “Pretendo seguir trabalhando de alguma forma na área, ajudando a desenvolver melhores ferramentas para utilização nas mais variadas pesquisas em Astronomia”, expressou.

Walysson trabalhou nessa pesquisa com Duília e, com ela, publicou um trabalho no 225º Encontro da Sociedade Astronômica Americana. Aprendiz e mestra puderam se reencontrar em Maceió, no 17º Encontro Nacional de Astronomia, que aconteceu em novembro de 2014, na Ufal, em Maceió. “Ela me fez querer persistir na busca do que acredito ser o melhor para mim”, agradeceu. Ao que parece, essa é uma busca que já o levou bem longe. ➔

Contagem regressiva para estudar no México e na Argentina

As alunas da EaD foram selecionadas pelo Programa de Bolsas Ibero-Americanas

Por Jhonathan Pino



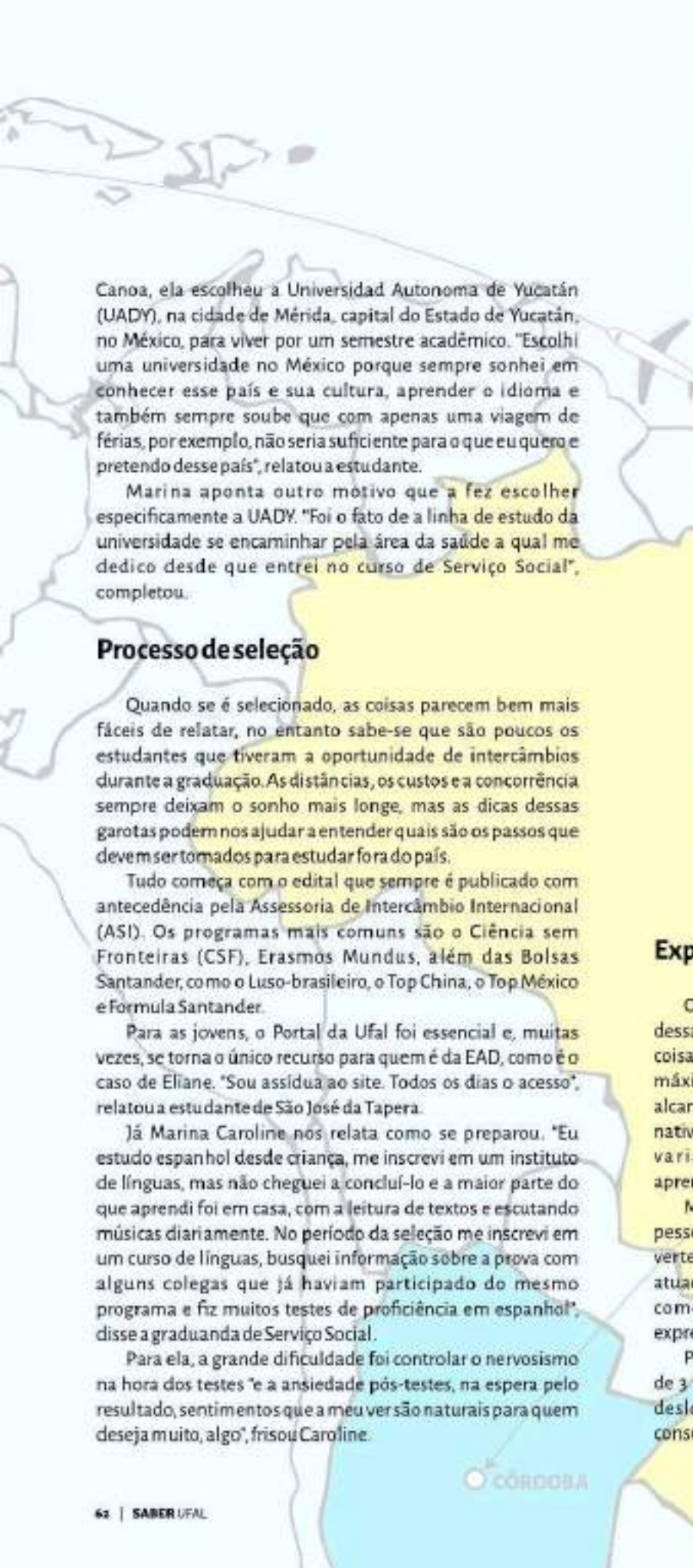
Marina Caroline, aluna de Serviço Social da Unidade de Palmeira dos Índios, escolheu Yucatán, no México, para o intercâmbio

Duas estudantes da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) já estão se preparando para estudar fora do país. Marina Caroline Santos e Eliane da Silva assinaram o Termo de Adesão do Programa de Bolsas Ibero-Americanas 2015, no dia 18 de junho, e devem partir para as universidades estrangeiras no primeiro semestre de 2016.

Eliane, por exemplo, é aluna de Letras-Espanhol na modalidade de Educação a Distância (EAD), do Polo de Santana de Ipanema, e vai para a Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina. Oriunda de São José da Tapera, ela relatou que o curso foi essencial para a sua seleção no programa.

"Posso afirmar que a minha preparação vem do curso que faço. O ensino EaD é maravilhoso, possui qualidade e tem professores excelentes que nos proporcionam grande aprendizado e de qualidade. Só não aprende quem na realidade não se dedica ao curso. Conquistar essa vaga foi uma preparação assídua e contínua no decorrer desses cinco períodos de graduação. Eu tenho muito orgulho em dizer que sou aluna da Ufal", salientou Eliane.

A aluna de Serviço Social da Unidade de Palmeira dos Índios, Marina Caroline, também é de um curso do interior. Moradora de Lagoa da ▶



Canoa, ela escolheu a Universidad Autónoma de Yucatán (UADY), na cidade de Mérida, capital do Estado de Yucatán, no México, para viver por um semestre acadêmico. "Escolhi uma universidade no México porque sempre sonhei em conhecer esse país e sua cultura, aprender o idioma e também sempre soube que com apenas uma viagem de férias, por exemplo, não seria suficiente para o que eu quero e pretendo desse país", relatou a estudante.

Marina aponta outro motivo que a fez escolher especificamente a UADY: "Foi o fato de a linha de estudo da universidade se encaminhar pela área da saúde a qual me dedico desde que entrei no curso de Serviço Social", completou.

Processo de seleção

Quando se é selecionado, as coisas parecem bem mais fáceis de relatar, no entanto sabe-se que são poucos os estudantes que tiveram a oportunidade de intercâmbio durante a graduação. As distâncias, os custos e a concorrência sempre deixam o sonho mais longe, mas as dicas dessas garotas podem nos ajudar a entender quais são os passos que devem ser tomados para estudar fora do país.

Tudo começa com o edital que sempre é publicado com antecedência pela Assessoria de Intercâmbio Internacional (ASI). Os programas mais comuns são o Ciência sem Fronteiras (CSF), Erasmus Mundus, além das Bolsas Santander, como o Luso-brasileiro, o Top China, o Top México e Fórmula Santander.

Para as jovens, o Portal da Ufal foi essencial e, muitas vezes, se torna o único recurso para quem é da EAD, como é o caso de Eliane. "Sou assídua ao site. Todos os dias o acesso", relatou a estudante de São José da Tapera.

Já Marina Caroline nos relata como se preparou. "Eu estudo espanhol desde criança, me inscrevi em um instituto de línguas, mas não cheguei a concluí-lo e a maior parte do que aprendi foi em casa, com a leitura de textos e escutando músicas diariamente. No período da seleção me inscrevi em um curso de línguas, busquei informação sobre a prova com alguns colegas que já haviam participado do mesmo programa e fiz muitos testes de proficiência em espanhol", disse a graduanda de Serviço Social.

Para ela, a grande dificuldade foi controlar o nervosismo na hora dos testes "e a ansiedade pós-testes, na espera pelo resultado, sentimentos que a meu ver são naturais para quem deseja muito, algo", frisou Caroline.



Natural de São José da Tapera, Eliane da Silva tem como destino a cidade de Córdoba, na Argentina

Expectativas para o próximo ano

O intercâmbio será algo inédito na história das famílias dessas estudantes. No entanto, elas se assemelham numa coisa: as expectativas para 2016. "Minha meta é usufruir o máximo possível do conhecimento que estiver ao meu alcance e o melhor de tudo é que estarei em meio a falantes nativos da Língua Espanhola com suas peculiaridades das variações linguísticas e suas culturas. Será uma aprendizagem inesquecível e encantadora", previu Eliane.

Marina Caroline planeja aproveitar ao máximo, tanto pessoal, quanto profissionalmente. "Espero conhecer as vertentes da minha profissão nesse país, os campos de atuação, de que maneira funcionam as políticas sociais e como o profissional do Serviço Social atua frente às expressões da questão social que mais se visualizam".

Para realizar os intercâmbios, as alunas receberão bolsas de 3 mil euros para os gastos com passagens, hospedagem, deslocamentos, seguro-saúde e demais custos com os consulados. ➔

● CÓRDOBA



Primeiro lugar para intercâmbio em Portugal

Flávio dos Santos disputou uma das cinco vagas ofertadas pelo Programa Santander Universidades

Por Diana Monteiro

A labuta da sertaneja e dona de casa Josefa dos Santos Silva, a partir da viuvez inesperada e o desafio para dar conta dos sete filhos, nunca arrefeceu seus ânimos para lutar em prol daquilo que acreditou como única mudança de vida de sua família: estímulo e apoio para que todos estudassem. Mesmo em sua simplicidade de vida, Josefa sempre teve o discernimento de que seria pela educação que seus filhos trilhariam seus caminhos. A mais recente vitória é a do filho caçula, Flávio dos Santos, primeiro colocado no programa de intercâmbio do Santander.

Aluno do curso de Geografia do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, Flávio obteve o primeiro lugar na etapa final da seleção realizada pela Assessoria de Intercâmbio Internacional (ASI) para o Programa de Bolsas Luso-brasileiras do Santander. O programa ofertou para os três campi da Ufal (A.C. Simões, Arapiraca e do Sertão), cinco bolsas destinadas a 31 cursos de graduação. O intercâmbio de Flávio será na Universidade de Coimbra, onde permanecerá de fevereiro a junho de 2016.

Vale destacar que a seleção, bastante concorrida, é dotada de rigorosos critérios para a inscrição do interessado. Como exemplo, coeficiente de rendimento acumulado e produção acadêmica por meio de programas institucionais direcionados ao segmento discente.

A dinâmica vida acadêmica de Flávio dos Santos para acúmulo de conhecimento e competente futuro profissional é uma rotina em sua vida. Por meio de programas institucionais, participa de projetos focados na região onde nasceu e onde vive. Um dos estudos do qual participa é *As estratégias de permanência e de sobrevivência de* ▶



Flávio dos Santos foi o primeiro colocado no Programa de Bolsas do Santander e vai estudar na Universidade de Coimbra.

comunidade tradicional no Alto Sertão de Alagoas, coordenado pela professora Ângela Fagna.

O projeto é realizado na comunidade indígena de Karuazu, em Pariconha. A área de estudo de Flávio é sobre o manejo tradicional do ambiente e estratégias de sobrevivência dessa comunidade, identificando os seus modos de vida. A aldeia vive do plantio de lavouras como feijão, milho, macaxeira e mandioca e de artesanato que utiliza como matéria-prima para a confecção de peças com a planta croá desfiada.

Pelo Programa de Ações Interdisciplinares (Painter), Flávio vem desenvolvendo o projeto denominado de *O ensino de cartografia: reflexões para o ensino médio em Delmiro Gouveia*, coordenado pelo professor José Alenogberto. O estudo envolve as escolas Francisca Rosa da Costa, Luiz Augusto de Meneses e Watson Clementino.

Flávio aproveita para destacar a importância do projeto de interiorização da Ufal em consonância com o desenvolvimento da região, a partir da implantação do Campus do Sertão, que hoje extrapola as fronteiras alagoanas pela atuação qualificada na transmissão do conhecimento. "Embora seja recente, o campus já dispõe de um corpo docente competente e, pela boa referência que tem no compromisso com a formação qualificada, vem contemplando além de alagoanos, pessoas de vários estados, o que significa a positividade e aprovação do projeto implantado", enfatizou.

Flávio diz ter grande expectativa pelo intercâmbio em Portugal pela oportunidade de aprendizado e vivência em todos os aspectos. É mais um reforço ao seu crescente desempenho acadêmico e aos planos traçados para a academia, com a conclusão da graduação em geografia: fazer pós-graduação para seguir carreira docente superior na área de formação que escolheu.

Estímulo e realização profissional

Nascido no município de Teotônio Vilela, a 400 km da capital, o filho de Josefa dos Santos Silva e do agricultor José Cândido dos Santos, falecido há cinco anos, Flávio e os irmãos tiveram formação escolar fundamental e média em escola pública. Por conta do curso que faz no Campus do Sertão teve que se mudar para a cidade de Delmiro Gouveia onde reside em uma república.

Flávio enaltece a figura da mãe para cada degrau galgado na trajetória de sua vida e de seus irmãos. "Minha mãe é alfabetizada, mas pelas circunstâncias de vida não conseguiu



seguir adiante em seus estudos, mas sempre nos estimulou para que estudássemos e construíssemos um futuro profissional merecedor", frisou.

Ao falar orgulhosamente da trajetória escolar da família, ele diz que à exceção de uma irmã, pessoa com deficiência, os demais conseguiram concluir o ensino médio e a graduação e outros, como ele, estão em fase de conclusão do curso universitário. Um de seus irmãos, inclusive, já está finalizando o doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp). A graduação em Física e o mestrado em Meteorologia foram realizados no Campus A.C. Simões, em Maceió.

Uma das irmãs já é graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneval) e leciona em uma escola no município de Teotônio Vilela. Outra cursa Nutrição na Ufal, mas já possui graduações em Biologia e Ciências Contábeis.

Com a morte do pai, o irmão mais velho teve de trabalhar para ajudar nas despesas da casa e conseguiu se encaixar no quadro de pessoal da Usina Seresta, onde está até hoje. "Meu outro irmão é um pequeno comerciante em Teotônio Vilela, mas os dois concluíram o ensino médio", disse Flávio, bastante orgulhoso pela família que tem. Para ele, vencer os desafios só foi possível pela dedicação e obstinação tão bem ensinadas pela mãe.

Intercâmbio em Portugal

O Programa de Bolsas Luso-brasileiras Santander Universidades integra a política de internacionalização e de valorização do ensino de graduação da Ufal. A cinco bolsas são para o intercâmbio em quatro instituições portuguesas: universidades do Porto, de Coimbra, de Aveiro e de Madeira.

Pela ordem de classificação, os demais alunos da Ufal selecionados para o intercâmbio são os seguintes alunos: Rikartiany Cardoso Teles (2º lugar), do curso de Direito; Francelly Oliveira Pereira Santos (3º lugar), do curso de Psicologia; Tony Lucas Vieira dos Santos (4º lugar), do curso de Administração do Campus Arapiraca; e Laryssa Sarmiento Bittencourt (5º lugar), do curso de Relações Públicas. ➤





Empresa Júnior impulsiona formação de engenheiros no Sertão alagoano

Inovação e empreendedorismo são as palavras-chave dos universitários à frente da I9

Por Myllena Diniz

Motivados pela sede de aprender e ingressar no mercado de trabalho durante a graduação, estudantes das engenharias Civil e de Produção do Campus do Sertão encontraram na I9 – Empresa Júnior que leva a inovação no nome – uma oportunidade de liderar e desenvolver seus próprios projetos. A dedicação e a persistência desses jovens propiciam aprendizado contínuo, por meio de trabalhos arquitetônicos, drenagem de água, projetos elétricos e hidráulicos, desenvolvimento de *layout*, automação e produção de eventos.

A I9 realiza trabalhos gratuitos ou de baixo custo para pequenos e médios empreendedores de municípios de Alagoas, Arapiraca e Delmiro Gouveia, além de Paulo Afonso-BA e em cidades do Ceará. Para o universitário Thiago Messias, a principal remuneração é a prática: “A gente vai além da sala de aula, para atender às demandas dos clientes. Quando nos deparamos com projetos que ainda não vimos na Universidade, temos a orientação e o acompanhamento

dos professores. Eles, como responsáveis técnicos, revisam e assinam todos os trabalhos”, detalhou.

Os projetos desenvolvidos pela Empresa Júnior também têm auxiliado acadêmicos do Campus do Sertão em aulas experimentais. Criada há dois anos, a I9 já possui a confiança dos docentes e elabora ferramentas para serem usadas em sala de aula, como a esteira automatizada com sensores.

“O produto foi criado para as aulas de automação, mas se alterarmos a escala, ele pode ser aplicado em indústrias. Trata-se de uma esteira seletora de latas, com três sensores ópticos responsáveis pela leitura e interpretação do tamanho desses materiais. Assim, podemos separar as latas dos demais materiais e, ainda, separá-las por tamanho”, reforçou Thiago Messias.

Da Ufal para a sociedade

Sob a tutoria do professor Carlisson Nunes, a empresa já ►

assina projetos arquitetônicos, hidráulicos e elétricos para uma região que ainda sofre com a carência de engenheiros.

“ Durante esse processo, a principal dificuldade foi montar o espaço físico para a regularização da empresa. Hoje, com nossa própria sala e com vários trabalhos encaminhados, percebemos as melhorias em nossa formação ”

Segundo Alan Araújo, presidente da I9, esse déficit local é uma das motivações do grupo.

“No Sertão, há uma grande carência de estágios para a área de Engenharia. Como a Ufal possuía o Programa de Educação Tutorial e o Programações, percebemos que ainda faltava um projeto relacionado à prática. Durante esse processo, a principal dificuldade foi montar o espaço físico para a regularização da empresa. Hoje, com nossa própria sala e com vários trabalhos encaminhados, percebemos as melhorias que tivemos em nossa formação”, destacou Alan Araújo.

Os frutos desses dois anos de labuta e persistência também beneficiam a população local. Em 2015, o evento I9 com a I9 chega a sua 3ª edição e debate as vivências das Engenharias fora da Universidade, com cerca de 200 participantes. Entre os contemplados, jovens do ensino médio em busca de uma profissão.

Para José Lima Neto, integrante da Empresa Júnior, a equipe colabora com a missão da Universidade. “A população diz que existia uma Delmiro Gouveia antes da Ufal e passou a existir outra cidade após a implantação da instituição. E a Empresa Júnior faz parte desse processo. A I9 é um compromisso que a gente assume; é um trabalho de verdade”, avaliou. ☺



Alunos que integram a I9 realizam projetos gratuitos ou de baixo custo para pequenos e médias empreendedores de municípios alagoanos e de outros estados



Tênis de mesa fortalece interação com comunidade

Prática tem a participação de alunos da Ufal e de escolas públicas de Delmiro Gouveia

Em setembro de 2012, o Campus do Sertão foi contemplado com materiais e equipamentos esportivos disponibilizados pela Pró-reitoria Estudantil (Proest). A partir de então, foi criado o Núcleo de Atividades Físicas e Esportes (Nafe), para fomentar a prática de várias modalidades esportivas. Contando com essa infraestrutura, o técnico em assuntos educacionais Rogério Gonçalves apresentou o projeto de extensão *Tênis de Mesa no Sertão: uma proposta pioneira na terra do Pioneiro*.

Segundo Rogério, o principal objetivo era estimular a prática de um esporte olímpico que atrai pessoas de todas as idades. "Já no primeiro ano, o projeto contemplou diretamente 92 pessoas e realizou oficina em parceria com a Federação Alagoana de Tênis de Mesa. Temos treinamentos semanais regulares e promovemos um torneio aberto à comunidade local. Agora, estamos na segunda fase, em parceria com Escola Municipal Eliseu Norberto, onde são ministradas aulas de tênis de mesa", relatou.

O projeto conta com a colaboração de alunos, técnicos e professores, além da Federação Alagoana de Tênis de Mesa,

da Proest, por meio da Gerência de Esportes, da Direção Geral e da Direção Acadêmica do Campus do Sertão. Com a realização do Festival de Esportes na sede da unidade, em Delmiro Gouveia, mais pessoas passaram a se interessar pelo tênis de mesa. "Os alunos da Escola Municipal Raimyson Silva Nascimento também pediram para frequentar as aulas no *campus*, depois de acompanhar o desempenho dos nossos atletas na segunda edição do festival", contou o técnico em assuntos educacionais, acrescentando que a atividade foi promovida pela Gerência de Esportes da Proest, coordenada pela professora Leonéia Santiago.

Além de incentivar o esporte e o lazer, o projeto Tênis de Mesa no Sertão tem também buscado interagir com a área de ensino do próprio *campus*, numa perspectiva multidisciplinar. "Os atletas do projeto estão colaborando com a confecção de um protótipo de robô lançador de bolas de tênis de mesa, que está sendo conduzida por uma equipe de estudantes do curso de Engenharia de Produção, como exigência da disciplina Engenharia do Produto 2", informou Rogério Brilhante Gonçalves. ➔



A música ao alcance de novas plateias

Orquestra Sinfônica Universitária circula pelo interior de Alagoas

Por Natália Oliveira

Fundada em 1981, como orquestra de câmara, pelo maestro Julião Marques, a Orquestra Sinfônica Universitária é um dos equipamentos culturais da Universidade Federal de Alagoas. Durante três décadas de história, a Orquestra teve à frente maestros que empregaram conceitos renovadores e diferentes perspectivas musicais, transformando gradualmente o grupo camerístico na atual formação sinfônica.

O início dessa transformação foi em 1986, com o maestro argentino Oswaldo Lupi. Na época, novos membros entraram na Orquestra, passando a ser dividida em naipes, ou seja, por seções de instrumentos afins. Inicialmente, o grupo possuía apenas instrumentos de corda e, ao longo dos anos, foi abrindo espaço aos metais, às madeiras e à percussão, até chegar ao formato atual de Orquestra Sinfônica Universitária, a única no Estado.

Pelas mãos de Nilton Souza, regente titular desde 2002, a Orquestra consolida seu projeto sinfônico, realizando, com seus 60 músicos, projetos como o *Música na Igreja e Concertos Didáticos*, nos quais estudantes de escolas públicas e particulares de Maceió têm a oportunidade de descobrir a música clássica. Também continua realizando, até hoje, os tradicionais concertos natalinos.

A Orquestra atua também como um laboratório aberto à possibilidade de estudantes da Universidade, que já apresentam experiência com determinado instrumento, vivenciar a prática orquestral. O aluno que pretende a desenvolver sua aptidão, seja ele de qualquer curso da Ufal, pode participar do edital de seleção de bolsistas, lançado de acordo com a demanda por mais músicos.

Um dos membros mais antigos do grupo, Diogo Amorim, toca contrabaixo há 19 anos. Era, inicialmente, estudante de Psicologia da Ufal e depois seguiu por outro caminho, passando a cursar a graduação de Música da Universidade. "Sempre gostei de tocar em conjunto. Apesar das dificuldades que existem, a música está em primeiro lugar", salientou Diogo.

Nesses 34 anos de história, a Orquestra teve conquistas significativas. Especialmente em 2014, quando o grupo recebeu novos equipamentos e instrumentos adquiridos pelos investimentos da Ufal e com o apoio de um convênio firmado com a Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (Secult/AL). Também conquistou o Prêmio Funarte de Apoio a Orquestras, no valor de R\$40 mil, destinado à compra de mais instrumentos e manutenção dos existentes.

Intercâmbio musical

Em busca de maior projeção e de um calendário regular de

apresentações, em 2011, ano de aniversário de 50 anos da Universidade e de 30 anos da Orquestra, os regentes José Alípio Martins e Nilton Souza criaram o projeto de extensão *Quinta Sinfônica*, dando início a um novo momento na história do grupo.

A Quinta, carinhosamente chamada pelo público, surgiu com o objetivo de oferecer um novo espaço para fruição da música clássica à sociedade e, dessa forma, estimular a apreciação desse gênero musical. "O evento nasceu com a necessidade de circular a música erudita em espaços públicos regularmente. Foi uma iniciativa que deu certo. É um espetáculo aberto de qualidade oferecido à população", destacou o pró-reitor de Extensão, Eduardo Lyra.

Realizada na última quinta-feira de cada mês e com entrada gratuita, a *Quinta Sinfônica* é uma realização conjunta da Ufal, por meio da Pró-reitoria de Extensão (Proex), da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (Secult/AL) e da Diretoria de Teatros do Estado de Alagoas (Diteal).



Apresentação da Orquestra Sinfônica da Ufal em Penedo

Já consolidada na programação cultural de Maceió, a *Quinta Sinfônica* alcança a marca de cinco temporadas neste ano. "Em 2011, o público que comparecia ao teatro era tímido e variava bastante. A casa não ficava lotada. O grande marco do projeto foi justamente a conquista do público. A partir do momento que a qualidade melhora, as pessoas enxergam o avanço com bons olhos e tornam-se cativas do evento", destacou o maestro Nilton Souza.

Durante esses cinco anos de existência, a *Quinta Sinfônica* recebeu convidados especiais em apresentações solo, como a harpista italiana Maria Pia, o violinista Fagner Magrineli, o pianista Mário Marochi. No último ano, a Orquestra Sinfônica da Universidade do Rio Grande do Norte, criada em 1998, apresentou-se como convidada na *Quinta Sinfônica*.

O maestro do grupo, André Muniz, destacou a educação musical da plateia de aproximadamente 500 pessoas. "Um ponto que me chamou atenção: aqui em Maceió, em nenhum momento, alguém aplaudiu entre os movimentos da peça. Isso não acontece nos concertos em Natal [RN]. É uma prova de que o público da Quinta Sinfônica está em constante aprendizado sobre como apreciar a música clássica", disse à época.

Circulação pelo interior

Em 2014, a Orquestra Sinfônica, junto ao Coro da Ufal (Corufal), empreendeu um importante passo para a difusão da música erudita no Estado. Nos meses de setembro e outubro, os municípios de Penedo, Delmiro Gouveia e Arapiraca, receberam o grupo para concertos abertos à população. Com uma média de público de 400 pessoas, de acordo com dados da Coordenação de Assuntos Culturais da Ufal, a Orquestra vivenciou uma nova experiência, desejada há anos pelo maestro Nilton Souza.

A partir de 2012, após a primeira temporada da Quinta Sinfônica, o grupo passou a vislumbrar concertos pelas cidades em que a Ufal está presente. Mas, para isso acontecer, devido à ausência de uma estrutura e sonorização adequada, era necessário montar uma logística capaz de adaptar os locais das apresentações. "Com o processo de interiorização da Universidade, sentíamos a necessidade de expandir nossos horizontes, de estar presente nos *campi* e de alcançar mais pessoas por meio da música erudita", destacou o maestro.

O sucesso dos concertos fez o grupo agendar a próxima circulação pelo interior também para setembro e outubro deste ano. As apresentações serão realizadas em quatro municípios onde a Ufal está instalada. E, se depender do maestro Nilton Souza, a Orquestra não ficará restrita a limites territoriais. "Nós fazemos um trabalho de construção musical de forma regular, sempre no teatro. É bom sair, buscar um público novo. O calor de uma plateia que nunca teve como apreciar nosso trabalho é de extrema importância para os músicos. O concerto no interior traz um ganho grande para o grupo", concluiu. ➤



Música e tradições quilombolas também têm sido resgatadas com o projeto Tambores

Penedo, berço de cultura e ritmo

Resgate de movimentos de percussão e da sétima arte

Por Myllena Diniz

Conhecida como a capital barroca do São Francisco, Penedo é marcada pela posição geográfica estratégica e por ser o cenário de importantes acontecimentos da história alagoana. Nas calçadas dessa pequena cidade, declarada Patrimônio Histórico Nacional, o visitante percorre séculos de tradição. Hoje, com o apoio da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a população local resgata potenciais esquecidos e tem acesso a novos equipamentos culturais.

Apaixonado por cinema e pela cidade de Penedo, Sérgio Onofre é responsável pela criação do Cine Art Popular, projeto que democratizou a sétima arte no município ribeirinho. A atividade, em vigor desde 2009, contempla a comunidade local com a exibição de produtos audiovisuais gratuitos.

"A filosofia do projeto é sempre possibilitar o acesso ao produto cultural audiovisual para a população do interior, já que há uma ausência de espaços de exibição, principalmente na periferia", explicou o idealizador.

De acordo com Sérgio Onofre, as exibições são acompanhadas de debates e reflexões. "Nós trabalhamos com o cinema nacional e sob o modelo cineclubista. Em geral, fazemos exibições de curtas-metragens e debatemos os assuntos abordados na produção", destacou.

Cinema para todos

Desde a sua criação, o projeto passou por diversas reformulações e foi executado em diferentes formatos. No primeiro ano, as atividades contemplavam as cidades de Penedo, Arapiraca, Palmeira dos Índios e Viçosa. Atualmente, as exibições acontecem, sistematicamente, apenas no primeiro município, todas as terças-feiras, no Centro de Cultura e Extensão Universitária (CEU).

"Na fase inicial, em Penedo, o Cine Art Popular era realizado na fachada do Teatro Sete de Setembro, porque temos uma preferência pelos espaços ao ar livre. Em Arapiraca e Palmeira dos Índios, nos espaços da Universidade. Em Viçosa, as exibições aconteciam nas zonas rurais", detalhou Onofre.

Sempre aberto ao público, o projeto expandiu seu alcance na comunidade ribeirinha do São Francisco. "Preocupados em ampliar o público e criar o hábito do cinema entre a população local, decidimos que, em cada semana, as exibições aconteceriam em lugares diferentes. Então, escolhemos quatro bairros penedenses para fazermos as exibições, de forma alternada", salientou o docente.

A partir de 2010, ano de inauguração do CEU – situado em prédio antigo doado para Ufal e reformado em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) – o Cine Art Popular fixou-se no auditório do Centro e ampliou a variedade de exibições audiovisuais.

Para Sérgio Onofre, a implantação do projeto torna a cultura mais acessível para quem vive no interior de Alagoas. "Na cidade de Penedo, além do Teatro Sete de Setembro, não existe nenhum outro equipamento cultural. Os dois cinemas locais estão fechados há décadas, desde os anos 1980. O município sofre com a ausência de espaços culturais e com a falta de periodicidade dos serviços que chegam até lá. Então, o Cine Art Popular é uma opção de lazer associada ao debate e à produção do conhecimento", avaliou.

Projeto Tambores

Além do cinema, a música e as tradições quilombolas também têm sido resgatadas na capital barroca do São

Francisco. Há quatro anos, o projeto Tambores recupera as raízes culturais afro-brasileiras em cinco comunidades tradicionais dos municípios de Penedo, Igreja Nova e Santa Luzia do Norte.

O projeto, também coordenado por Sérgio Onofre, é fruto da incubadora de empreendimentos culturais, criada em 2011, responsável também por subsidiar as primeiras edições do Festival de Cinema da Ufal. Segundo Onofre, o Tambores possui dois grandes objetivos: fomentar a arte e resgatar a memória oral nos quilombos.

"No projeto, desenvolvemos oficina de dança afro e de percussão, mas também temos a proposta de execução de uma oficina de confecção de instrumentos, porque a ideia final é fomentar a produção de instrumentos artesanais com o selo quilombola. No segundo momento, também desenvolvemos a pesquisa, que consiste no resgate da memória oral dessas comunidades – a ser disponibilizada em vídeo", destacou.



Exibição de filme no projeto Cine Art Popular na cidade histórica de Penedo

De acordo com o coordenador Sérgio Onofre, o projeto possibilitou o surgimento de grupos de percussão e a valorização da identidade étnica nas comunidades beneficiadas pelas ações. "A partir das oficinas, surgiram grupos artísticos que já fazem várias apresentações pelo Estado. Mas ressaltamos a visibilidade que demos às comunidades, como a do Tabuleiro dos Negros, que não se assumia, por terem perdido a referência com as raízes afro-brasileiras. Todos os eventos que promovemos foram importantes para romper a resistência dos mais velhos e retomara identidade cultural da população", refletiu. ➤

Uma cidade que se rende à sétima arte

Penedo retoma seu lugar no circuito nacional de produções

Por Natália Oliveira

Promovido pela Universidade Federal de Alagoas, por meio das pró-reitorias de Extensão e Estudantil, o Festival de Cinema Universitário de Alagoas surgiu em 2011, cinco anos após a inauguração da Unidade de Ensino de Penedo, inserida no processo de expansão das Instituições Públicas de Ensino Superior: a interiorização. O ponto máximo de sua programação é a mostra competitiva nacional de filmes em curta-metragem, que concede premiações de Melhor Filme, por Júri Oficial e Júri Popular, e o Prêmio Velho Chico de Cinema Alagoano, destinado ao melhor curta do Estado.

O troféu entregue aos vencedores é uma Canoa de Tolda, criação do artista plástico Freddy Correia. A canoa de tolda, embarcação típica da região, responde pelo transporte de mercadorias na região do Alto e Baixo São Francisco.

Logo na primeira edição, o Festival agregou nomes de referência no segmento audiovisual do Estado e do país, como o diretor do Centro Cultural Arte Pajuçara, Marcos Sampaio; o professor da Ufal, Almir Guilhermino; o diretor de TV e cinema, Ninho Moraes, e sua filha, a atriz Alice Braga, conhecida por seus trabalhos na TV e no cinema nacional e internacional. Nas três edições seguintes, estiveram presentes convidados como os cineastas Beto Brant e Claudio

Assis, o ator Erom Cordeiro, Carla Francine, ex-coordenadora do Audiovisual da Secretaria de Estado da Cultura de Pernambuco, além dos professores dos cursos de cinema das universidades federais do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Ceará (UFC), Guilherme Sarmiento e Marcelo Ikeda, respectivamente.

“A Ufal enxergava que Penedo tinha um simbolismo muito grande por causa da história da cidade... Pensamos no Festival de Cinema Universitário de Alagoas, com um foco na possibilidade de recuperação do próprio Festival de Cinema de Penedo”

30 anos depois

Há quatro anos, a cidade histórica de Penedo, localizada às margens do Rio São Francisco, no Litoral Sul do Estado, recebia a 1ª edição do Festival de Cinema Universitário de Alagoas. A volta de um evento de cinema de caráter nacional numa versão universitária ocorreu quase 30 anos após a última edição do Festival Brasileiro de Cinema de Penedo, realizado entre 1975 e 1982, que movimentava a região com a presença de estrelas da sétima arte e da teledramaturgia nacional.

A ideia teve início em 2010, quando a Pró-reitoria de Extensão da Ufal mapeou as ações de cinema realizadas em toda a instituição. De acordo com o pró-reitor de Extensão, Eduardo Lyra, a iniciativa buscou reunir os projetos em um encontro sobre a sétima arte. Em novembro do mesmo ano, a Unidade

de Ensino de Penedo, ligada ao Campus Arapiraca, sediou o evento acadêmico *Cinema na Ufal - Ciclo de Debates*.

A atividade reuniu projetos e ações ligados ao cinema,



Crianças assistem à sessão da Mostra de Cinema Infantil na terceira edição do Festival de Cinema Universitário

realizados nos três campi da Universidade e seus respectivos polos, com o intuito de aproximar as propostas desenvolvidas por eles e construir uma agenda comum referente à circulação e interação das ações com a sociedade alagoana e toda a Ufal. Os projetos Cine Artpopular, Cineclube de Penedo, Cineclube Graciliano Ramos, de Palmeira dos Índios, Cineclube Viçosa e o Cinema Árido, de Delmiro Gouveia, foram alguns dos trabalhos reunidos durante o encontro.

Na época, a escolha de Penedo como sede reafirmou o compromisso da Universidade em retomar a cultura cinematográfica naquele município. "A Ufal enxergava que Penedo tinha um simbolismo muito grande por causa da história da cidade. A partir daí, pensamos no Festival de Cinema Universitário de Alagoas, com um foco na possibilidade de recuperação do próprio Festival de Cinema de Penedo", revelou Lyra.

Nesses quatro anos, o evento homenageou grandes personalidades alagoanas ligadas à sétima arte: o crítico de cinema Elinaldo Barros; o diretor de cinema Cacá Diégues; o fotógrafo e diretor Celso Brandão; e o roteirista Tairone Feitosa.

Outra atividade de grande importância dentro do evento é o Encontro de Cinema Alagoano, com a realização de mesas-redondas, workshops, oficinas e apresentações de trabalhos acadêmicos. Esses são publicados anualmente na

revista *Extensão em Debate*, disponibilizada numa plataforma virtual da Ufal.

Números expressivos

Em números, o Festival teve 215 filmes inscritos, sendo 91 deles selecionados para a Mostra Competitiva. Alagoas foi representado por 16 produções, cinco delas vencedoras nas três categorias da competição. No Encontro de Cinema Alagoano, 64 trabalhos acadêmicos foram inscritos e 32 apresentados. Ao todo, foram realizados 12 oficinas, três minicursos e workshops e nove mesas-redondas.

Segundo o coordenador do Festival de Cinema, Sérgio Onofre, mesmo diante de números otimistas em relação ao alcance do festival no país, ainda é preciso garantir a presença dos jovens cineastas que despontam a cada ano. "Um dos objetivos que queremos alcançar é assegurar a vinda dos realizadores para enriquecer o debate, a troca de ideias e saberes do festival. Antes de tudo, o Festival de Cinema Universitário de Alagoas é um evento de cinema com caráter acadêmico", revelou.

Ao longo de suas quatro edições, o Festival ofereceu uma programação variada à comunidade universitária e à sociedade penedense. Além da Mostra Competitiva e o ▶

Encontro de Cinema Alagoano, o evento realiza mostras de Cinema Infantil e Velho Chico de Cinema Ambiental, voltadas a crianças e jovens de toda a rede de ensino de Penedo e da região, além de shows musicais abertos, oferecidos à população.

A Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, realizada numa parceria com o Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, exibe produções voltadas aos aspectos socioeconômico, cultural e ambiental das regiões banhadas pelo Velho Chico e seus afluentes. As sessões de cinema abrem espaço para jovens estudantes debaterem sobre a necessidade de preservação e revitalização dessa Bacia.

Ufal investe em Penedo

O Festival é promovido por meio de parcerias com entidades públicas e privadas. O maior investidor do evento é a própria Universidade, que assume 80% do orçamento total. Os 20% restantes são recursos de patrocínio e parcerias.

Um dos parceiros do Festival é a Way Turismo e Consultoria, empresa júnior do curso de Turismo, na Unidade de Ensino de Penedo. Desde a primeira edição, a empresa acompanha o processo de produção e execução do Festival. De acordo com o diretor-presidente da empresa, Marcos Muniz, o festival traz benefícios a Penedo. "A cidade ganha vida com a presença de muitas pessoas de fora, consequentemente, isso faz com que alguns setores tenham ganho financeiro, como o hoteleiro, restaurantes e o comércio local. As pessoas têm a motivação de sair de casa para acompanhar a programação do festival", relatou Muniz.

Cinema ao ar livre

As ações ligadas ao cinema não ficam restritas ao Festival de Cinema em Penedo. A Ufal também atua por meio de ações cineclubistas do projeto de extensão Cineclube Artpopular. Criado em 2008, pelo coordenador de cultura da instituição e do festival, Sérgio Onofre, o cineclube surgiu da ideia de divulgar as produções audiovisuais nacionais.

Nesses sete anos de existência, o Cineclube Artpopular promoveu sessões itinerantes de cinema por Penedo e povoados circunvizinhos. Atualmente, o cineclube realiza, em parceria com a Prefeitura de Penedo e a Secretaria Municipal de Cultura e de Educação, o Cinema no Sete. A cada terça-feira, a população tem acesso a filmes nacionais, projetados gratuitamente, em frente ao Teatro Sete de Setembro, no centro histórico da cidade.

O produtor cultural da Universidade, Samy Dantas, que está à frente do projeto, enxerga as atividades de cinema desenvolvidas em Penedo como um ciclo de estímulo à apreciação da sétima arte. "Existe o incentivo à população a participar tanto das ações cineclubistas, como do festival. O

público que vai ao festival consegue identificar essas ações como uma continuação do movimento audiovisual na cidade", avaliou.

Mais uma edição

A quinta edição do Festival tem data marcada para novembro, entre os dias 3 e 7. A homenagem póstuma será feita ao ator Jofre Soares, natural de Palmeira dos Índios, no agreste de Alagoas. Ele é um dos mais destacados atores brasileiros, com passagem pelo teatro, TV e cinema.

No cinema, atuou em mais de cem filmes nacionais, entre eles *Vidas Secas* (1963), baseado na obra literária homônima de Graciliano Ramos; *Memórias do Cárcere* (1984), dirigido por Nelson Pereira dos Santos; *Chuvas de Verão* (1978), *Bye Bye Brasil* (1979) e *Quilombo* (1984), dirigidos por Cacá Diegues.

Este ano de 2015, o festival continua a oferecer em sua programação as mostras competitiva, infantil e de cinema



Exibição do filme *Mwany*, um dos ganhadores da terceira edição do Festival

ambiental, além de mais uma realização do Encontro de Cinema Alagoano, com workshops, oficinas e apresentações de trabalhos acadêmicos. Na Mostra Competitiva, os vencedores receberão como prêmio o troféu Canoa de Tolda e uma quantia em dinheiro.

Para Sérgio Onofre, chegar à marca de cinco edições reforça a relevância do evento universitário. "O antigo festival de cinema de Penedo durou oito anos, mesmo com toda a repercussão que tinha, sobreviveu por oito anos. Os cinco anos do nosso Festival, além de maturidade, mostram a força e a vitalidade do evento. Acreditamos que estamos indo pelo caminho certo", comemorou o coordenador. ➤



FUNDEPES

Incentivar e apoiar a pesquisa científica, contribuindo para o desenvolvimento de Alagoas.

Esse é o nosso objetivo.



R. Senador Mendonça, 148 - 6ª Andar
Edif. Walmap Centro - Maceió/AL
Telefone: (82) 2122-5358
www.fundepes.br



VI
BIAL
INTERNACIONAL
DO
LIVRO
DE ALAGOAS

palavras, sons, imagens: universos de sentidos

20 a 29 de novembro




Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso



Marque presença na Bienal dos 200 anos de Maceió.

- Palestras
- Cursos
- Oficinas
- Apresentações culturais
- Encontro com autores
- Exposição e comercialização de livros
- Lançamentos de novos títulos no mercado

www.bienalalagoas.com.br

   /bienalalagoas

Realização

